

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
VICE-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**O TRÂNSITO RELIGIOSO E OS JOVENS DE ITABERAI
(BAIRRO FERNANDA PARK)**

ROXANA ELIZABETH ADUM CAMPAÑA

GOIÂNIA, 2002.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**O TRÂNSITO RELIGIOSO DOS JOVENS DE ITABERAÍ
(BAIRRO FERNANDA PARK)**

Roxana Elizabeth Adum Campaña.

**Dissertação apresentada
ao curso de Mestrado em
Ciências da Religião como
requisito para a obtenção
do grau de mestre.**

ORIENTADORA: Professora. Dra. Irene Dias de Oliveira

GOIÂNIA, 2002.

DEDICATORIA

Dedico este trabalho, com todo meu carinho, a todos os jovens que me inspiraram e me ajudaram na elaboração desta pesquisa. A meus pais que mesmo à distância souberam ser força e incentivo na minha caminhada profissional.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus pela força que ele me dá e a certeza de que sempre caminha ao meu lado. A Dom Eugênio Rixem, Bispo de Goiás, pelo apoio que me deu, para poder realizar estes estudos. A minha orientadora professora Dra. Irene que, com paciência, me acompanhou neste processo de aprendizado e a todas/os meus professores de mestrado que me facilitaram estas descobertas científicas. Agradeço, sobretudo, as minhas irmãs Marianitas que moram aqui no Brasil, que em muitos momentos importantes da comunidade me apoiaram e me liberaram para poder realizar meus estudos, a toda a comunidade de Itaberaí que fez possível a elaboração deste trabalho, a Chancelaria da Universidade Católica de Goiás e a CAPES-PROSUP por ter-me concedido uma bolsa de estudo.

ADUM, CAMPAÑA Roxana Elizabeth, O trânsito religioso e os jovens de Itaberaí. (Bairro Fernanda Park). Universidade Católica de Goiás, 2002.

RESUMO

No contexto da pós-modernidade, manifestam-se crenças e práticas rituais estilhaçadas que demonstram a existência de múltiplas vias de acesso ao sagrado. A interação entre indivíduo e religião apresenta-se marcada por uma conduta individual mais flexível e fluída, sob a lógica da relativização de fronteiras entre os sistemas religiosos disponíveis.

É possível, então, organizar uma classificação da experiência religiosa contemporânea, destacando pelo menos três formas de manifestação dessa experiência: a privatização do sagrado, o trânsito religioso e o deslocamento do sagrado.

Hoje, a mudança religiosa existe como alternativa e pode ocorrer mais de uma vez na trajetória de vida desses sujeitos. Peregrinar entre diferentes opções religiosas é uma atitude plausível tanto para jovens católicos como não católicos.

Observamos que seja assumindo uma construção privada de seu “cosmo sagrado”, seja peregrinando entre diferentes opções religiosas, ou ainda conjugando tradições religiosas e seculares, os elementos comuns que perpassam a experiência religiosa contemporânea tem as dimensões: emocional, holística e terapêutica, manifestando-se diferentemente de acordo com sujeito e contextos sócio-culturais. Por sua vez, a análise dessas dimensões abre a oportunidade para repensar, de um lado, transformações no âmbito das instituições religiosas e, de outro, o processo de formação das identidades social e individual na cultura brasileira, que possibilita também repensar os novos conceitos que a sociedade contemporânea nos propõe, que com a influência da secularização mudaram, não mais para uma perda da religião e sim para um surgimento revitalizado da mesma.

Palavras chave: Pós-modernidade, Secularização, Trânsito Religioso, Juventude.

ADUM, Campaña Roxana Elizabeth: The religious wanderings and the youths of Itaberaí. Neighborhood Fernanda Park. Catholic University of Goiás, 2002.

ABSTRACT

In the post-modern context, splinter beliefs and ritual practices appear which demonstrate the existence of various ways to reach the sacred. The interaction between the individual and religion presents itself marked with a more flexible and fluid individual conduct, in the logic of the relativization of the boundaries between the available religious systems.

It is possible then, organizing a classification of contemporary religious experience, to detail at least three ways in which this experience appears: the privatization of the sacred, the religious transit or traffic, and the displacement of the sacred.

Today, religious change exists as an alternative and can happen more than once in the life span of these people. To wander between different religious options is a plausible attitude just as much for catholic youth as it is for non-catholics.

We note that either when undertaking the private construction of their "sacred cosmos", or drifting between different religious options, or even conjugating religious and secular traditions, the common elements which run through the contemporary religious experience are the dimensions: emotional, holistic and therapeutic, expressing themselves differently depending on the person and the socio-cultural contexts. In the same way, an analysis of these dimensions opens up an opportunity to rethink, on the one hand the transformations in the field of religious institutions and on the other, the process of the formation of the social and individual identities in the Brazilian culture, and the rethinking of new models which contemporary society proposes for us, that with the influence of secularization changes, not so much to a loss of religion but rather the appearance and revitalization of religion.

Key words: Post-modernity, Secularization, Religious wanderings, and youths.

Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião defendida em _____ e aprovada pela Banca Examinadora, o conceito de _____ pela banca examinadora:

1. Dra Irene Dias de Oliveira _____

2. Dr. Valmor da Silva _____

3. Dr. Jadir Morais Pessoa _____

Goiânia, _____ de Dezembro 2002

SUMÁRIO

Introdução Geral.....	13
CAPÍTULO I	
A pós-modernidade como contexto do trânsito Religioso.....	17
1.1. Modernidade e pós-modernidade continuidade ou ruptura.....	18
1.2. Impacto da pós-modernidade na religião.....	26
1.3. A secularização na pós-modernidade.....	27
1.4. O trânsito religioso.....	34
1.4.1. O Trânsito religioso e a elaboração da própria cosmovisão.....	36
1.4.2. O chão do trânsito religioso.....	39
1.4.3. O pragmatismo como elemento fundamental no trânsito religioso.....	40
1.4.4. Superprodução: oferta e demanda religiosa, escolha racional.....	41
1.5. Conclusão.....	44
CAPITULO II	
Os jovens e a religião.....	47
2.1. Perfil sócio-cultural-político e religioso dos jovens de 16-24 anos.....	48
2.2. Os jovens e seus próprios conceitos frente à religião.....	53
2.3. Contextualização das mudanças religiosas na América Latina.....	56

2.3.1. Surgimento de novas alternativas religiosas.....	57
2.3.2. Novo papel das igrejas e movimentos religiosos.....	58
2.4. Proposta da igreja Católica para os jovens de hoje.....	59
2.4.1. Os jovens como sinal de vida e profetismo para a igreja Latino-americana.....	62
2.4.2. Os jovens: prioridade da igreja Católica no Brasil.....	63
2.5. Conclusão.....	66

CAPITULO III

OS JOVENS DA CIDADE DE ITABERÁI E O TRÂNSITO RELIGIOSO.....	68
3.1. Impacto da secularização nos jovens de Itaberaí.....	69
3.2. A igreja Católica de Itaberaí e o envolvimento dos jovens.....	74
3.3. Os jovens de Itaberaí e o trânsito religioso: Um estudo de caso.....	77
3.3.1. Método utilizado.....	77
3.3.2. A postura dos jovens frente à igreja Católica.....	78
3.4. Perfil da amostra pesquisada: Resultado dos dados.....	84
3.5. Conclusão.....	109
Bibliografia.....	112
Anexos.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

1. Gênero da amostra pesquisada.....	85
2. Faixa etária da amostra pesquisada.....	86
3. Grau de escolaridade da amostra pesquisada.....	86

4. Grau de escolaridade da amostra pesquisada, por gênero.....	87
5. Grau de escolaridade da amostra pesquisada, por faixa etária.....	87
6. Tempo de moradia na cidade.....	88
7. Origem da amostra pesquisada.....	89
8. Origem da amostra pesquisada, por gênero.....	89
9. Origem da amostra pesquisada, por faixa etária.....	90
10. Ocupação profissional atual.....	90
11. Origem da amostra pesquisada, por faixa etária.....	91
12. Ocupação profissional atual.....	91
13. Ocupação profissional atual, por grau de escolaridade.....	92
14. Tipo de ocupação profissional atual.....	92
15. Religião em que o entrevistado recebeu educação.....	93
16. Grupo religioso freqüentado pela família atualmente.....	94
17. Religião em que o entrevistado recebeu educação, por gênero.	94
18. Continuidade do entrevistado na religião em que recebeu educação.....	95
19. Continuidade do entrevistado na religião em que recebeu educação, por gênero	96
20. Continuidade do Entrevistado na Religião em que Recebeu Educação, por Grau de Escolaridade.....	98
21. Grupo religioso que o entrevistado freqüenta atualmente.....	99
22. Grupo religioso que o entrevistado freqüenta atualmente, por gênero.....	100
23. Grupo religioso que o entrevistado freqüenta atualmente, por grau de escolaridade.....	100
24. Participação em outros grupos religiosos.....	103

25. Freqüência a outros grupos religiosos, antes de pertencer ao atual grupo religioso por gênero.....	104
26. Freqüência a outros grupos religiosos antes de pertencer ao atual grupo religioso, por faixa etária.....	105
27. Freqüência a outros grupos religiosos antes de pertencer ao atual grupo religioso, por grau de escolaridade.....	105
28. Grupo religioso que o entrevistado freqüentou antes de pertencer ao atual grupo.....	106
29. Freqüência a outros grupos religiosos antes de pertencer ao atual, por grupo religioso atual.....	107

RECADO DOS JOVENS AOS PAIS

*Na adolescência precisamos de um
Tempo para pensar, para rever nossas
Crenças e fé, antes exercida apenas
Por conta do modelo familiar. O
Tamanho desse tempo é pessoal, varia
De individuo para individuo, de
jovem para jovem. Aos poucos,
Teremos condições de decidir por nós
Mesmo se a nossa fé é a mesma que
a de vocês, e de que forma a
queremos professar. Não nos
impeçam de desenvolver nossa
intelectualidade. Precisamos desses
momentos de dúvida para
emergirmos como indivíduos...*

Zagury, 1999, p. 221.

INTRODUÇÃO GERAL

Este trabalho analisa os fatores que levaram alguns jovens de 16-24 anos da cidade de Itaberaí a transitarem por outras profissões religiosas.

O Brasil é um país formado por diversas culturas que, progressivamente vão se afirmando e encontrando seu espaço de manifestação.

Pelo fato de ser um país muito grande e complexo pela diversidade de culturas, se entende também a diversidade de religiões, de costumes de raças, por isso não é muito fácil descrever a realidade brasileira. Porém se faz menção de alguns fatores que levam a descrever as conseqüências de uma sociedade pós-moderna que reafirma a divisão de classes pelo neoliberalismo que, por um lado, provoca as grandes concentrações periféricas nas cidades afetando diretamente às famílias e os jovens que sofrem mudanças radicais quando saem das suas terras, passando de donos a empregados, de um trabalho digno a explorados.

Em estudos realizados pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (n. 44) apontam-se alguns dados da situação alarmante em que os jovens vivem.

Eles constituem uma grande força de mão-de-obra barata, sem direito à participação nos processos decisórios da sociedade e da Igreja. Faltam-lhes canais especializados de participação. A concentração da terra e dos meios de produção condena um grupo sempre mais numeroso de jovens ao desemprego na cidade ou à sobrevivência no campo como assalariados rurais. Há uma verdadeira crise de modelos e valores, normas e lugares sociais, causadas pela urbanização, industrialização e migração; pelo rápido desenvolvimento dos sistemas de comunicação, pela tecnocracia dada na pós-modernidade.

Suas possibilidades de estudo se reduzem devido à falta de tempo e de recursos; a situação familiar é cada vez mais crítica, os momentos de partilha são limitados, a vida se desenvolve numa correria desenfreada e os jovens perdem seus próprios espaços para entrarem em outros que lhes tiram identidade, espaço acrescido pelo avanço da tecnologia e a ciência. Esta sociedade suscita variedade de experiências e fortalece a globalização, embora suscite movimentos de contestação reforçados no individual. Sendo o jovem objeto de estudo, a proposta é mostrar como eles também são atingidos por esta sociedade ambivalente na qual ressaltam algumas mudanças sociais como religiosas: desinteresse em alguns casos, em outras devoções exageradas e, em outros casos, uma busca incessante de experiências religiosas personalizada, além do surgimento descontrolado de grupos e movimentos religiosos.

Esta transformação geral da situação da religião no Brasil assinala que, de um lado, estamos diante de distintas possibilidades institucionais de práticas religiosas, demonstrando a formação de um mercado religioso e de outro, dissemina-se a crença religiosa sem vínculos com as instituições, isto é, estabelece-se uma dinâmica no interior da sociedade, a partir da qual o indivíduo

tem maior autonomia para construir um sistema de crenças fora do espaço das instituições religiosas.

A presença dessas duas realidades tem suscitado tanto desafios teóricos para os pesquisadores, quanto práticos para as igrejas. No primeiro caso, entre os pesquisadores surge a necessidade de aperfeiçoar a compreensão das articulações e tensões entre as várias religiões e o significado do agir religioso, diante das combinações pessoais. No segundo, as igrejas, encontram-se diante da urgência de adaptar a mensagem evangélica ao mundo urbano, o que implica em manuseio de novas tecnologias de informação e comunicação, sem perder suas convicções e tradições.

Nesse novo contexto, as igrejas passam por uma crise de identidade, já não têm mais poder sobre seus fiéis e perdem a estabilidade de sua organização, suscitado pelo fenômeno chamado “trânsito religioso”. Faz-se necessário captar as discontinuidades do desenvolvimento social moderno, porque a história humana não é homogênea, passa-se de uma única religião à diversidade, de um sentido único à ambigüidade que gera insegurança e indecisão.

Os estudos feitos sobre os jovens já foram abordados por muitos autores que, observando estas mudanças sociais, sentiram a necessidade de aprofundar sobre as contínuas expressões e manifestações que os vão caracterizando.

Existe, porém, um grande vazio frente aos estudos realizados especificamente sobre o trânsito religioso dos jovens. O material encontrado limita-se a estudos sobre psicologia dos jovens, faixa etária, jovem e religião, jovens e mundo de trabalho, entre outros. Não se encontram obras, nem documentos que falem sobre o trânsito religioso dos jovens; apenas algumas

referências sobre o trânsito que afeta à sociedade em geral. Como os jovens são parte deste processo é natural que eles também sejam afetados.

O trabalho compreende três capítulos: No primeiro capítulo é abordado o contexto geral do trânsito religioso que é a pós-modernidade com todos os seus desafios, conseqüências e o impacto que tem na religião. No segundo capítulo, analisam-se as mudanças provocadas pela secularização e o surgimento de novas alternativas religiosas que levam às igrejas, sobretudo a Católica a rever seu papel e a pensar nas suas propostas para os jovens. Dependendo do conhecimento, da aceitação ou não destas propostas, os jovens têm ou não as condições de continuar ou de desertar de sua tradição religiosa familiar.

No terceiro capítulo, aborda-se especificamente a influência da secularização, as mudanças que esta provoca e a realização do trânsito religioso nos jovens de Itaberaí.

Mediante este trabalho, pretende-se chegar e constatar o trânsito religioso dos jovens, reafirmando um re-encantamento pelo religioso, e o desencantamento pela instituição cada vez mais desacreditada.

CAPITULO I
A PÓS - MODERNIDADE COMO O CONTEXTO DO AUGES DO TRÂNSITO
RELIGIOSO

A pós-modernidade está caracterizada pela diversidade e pela perda do poder e da força das instituições, de modo geral, entre as igrejas, o que se constitui no ambiente propício do trânsito religioso como expressão subjetiva da religião.

O surgimento de novas ofertas religiosas se dá nas formas mais diversas e se multiplicam por encontrarem respaldo no subjetivismo¹.

Segundo Brandão (1994, *apud* Moreira e Zicma 1994), as instituições tradicionais produtoras de sentido têm percebido a dificuldade do engajamento das pessoas em suas práticas institucionais, já que o solo das crenças é a subjetividade e não mais as verdades prontas. Por isso, os sentidos dados institucionalizados da história e do mundo, as instituições e seus aparatos, as respostas à subjetividade, a necessidade do transcendente e a grande oferta religiosa é que movem o trânsito religioso.

Este estudo, não tem pretensões de abranger o tema exaustivamente, apresentar-se-ão apenas algumas reflexões com intuito de unir ao coro de muitos pesquisadores da religião, nestes últimos tempos.

1.1. Modernidade e pós-modernidade: continuidade ou ruptura

Quando se aborda a pós-modernidade, encontram-se várias formas de entendê-la. Alguns autores consideram-na uma continuidade da modernidade; outros como uma ruptura e, ainda outros como Donnadieu (2002), ao analisar os novos fenômenos da religião, consideram-no como a ultramodernidade já que nela se acentuam elementos da modernidade que são vividos intensamente. Pode-se perceber que “se trata de uma mudança de paradigmas ocorrido num processo lento e transformador que começou antes mesmo da modernidade” como diz Ladislau (1997; p. 81).

Por isso, antes de descrever a pós-modernidade se faz necessário descrever algumas características da modernidade para poder compreender este processo de mudanças que se vive em nossa sociedade.

A modernidade constituiu-se a finais do século XVIII coincidindo, aproximadamente, com a emergência do capitalismo enquanto modo de produção dominante nos países da Europa. Pode-se distinguir três períodos neste processo. O primeiro cobrindo todo o século XIX, o período do capitalismo liberal.

O segundo, que vai do fim do século XIX até o período após a Segunda Guerra Mundial caracterizado pelo capitalismo organizado. E o terceiro, que se inicia no final da década de sessenta, onde se observa o capitalismo financeiro,

¹ Subjetivismo: entendendo como uma busca individualizada da experiência e não como processo irracional.

também designado de capitalismo desorganizado (Santos, 1995). Por ser um projeto muito rico, a modernidade tem inclusive, movimentos contraditórios e complexos que podem ser compreendidos a partir da interação de dois princípios gerais: o da regulação que é constituído pelos princípios do estado (formulado por Hobbes), do mercado (desenvolvido por Locke) e o da comunidade (presente na obra de Rousseau) e, o da emancipação que seria formado por três lógicas de racionalidade: a racionalidade estética –expressiva da arte e da literatura²; a racionalidade moral-prática da ética e do direito³; e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica⁴.

A partir da articulação desses princípios entre si, e da proposta de maximização das potencialidades inerentes a cada um deles, a modernidade construiu um ambicioso e revolucionário projeto cultural, que buscou transformar a face da terra pela fé na ciência e na técnica aplicadas às forças produtivas; nas relações liberais de mercado como capazes de implementar um estado justo e próspero; na positividade do progresso e na sua constante renovação e superação.

No entanto, o que se observou é que, ao invés dos princípios coexistirem harmoniosamente, eles se sobrepõem uns aos outros, levando o processo a um desequilíbrio. Assim, o princípio de comunidade, como formulado por Rousseau, baseado na igualdade entre os homens e na organização soberana da sociedade, reduziu-se a um complexo jogo de interesses particulares organizados dentro de

² Articula-se, privilegiadamente, com o princípio da comunidade, onde se condensam as idéias de identidade e comunhão, intimamente relacionados a contemplação estética.

³ Conecta-se, preferencialmente, ao princípio do Estado.

⁴ Corresponde-se ao princípio do mercado; tanto porque nele se condensam idéias de individualidade e concorrência - centrais ao desenvolvimento da técnica - como pela conversão da ciência numa força produtiva a partir do século XVIII.

um conceito empobrecido de sociedade civil, manipulado pelas forças de mercado.

Assim, os vários princípios interagindo entre si não foram capazes de cumprir com as propostas modernas que visavam, entre outros objetivos, a prosperidade social a partir do desenvolvimento da técnica, da ciência aplicada e do livre mercado. Se por um lado ciência e técnica avançaram, talvez, além do esperado, em contrapartida a prosperidade social e cultural não se concretizou (CELAM, 1995).

Segundo Vattimo (1996)

... a modernidade caracteriza-se, de fato, por ser dominada pela idéia da história do pensamento como uma 'iluminação' progressiva, que se desenvolve com base na apropriação e na re-apropriação cada vez mais plena dos 'fundamentos', que freqüentemente são pensados também como as 'origens', de modo que as revoluções teóricas e práticas da história ocidental se apresentam e se legitimam na maioria das vezes como 'recuperações', renascimentos, retornos.

É a partir da noção de "superação" que a modernidade legitima este desenvolvimento, esta iluminação progressiva do pensamento, que se re-apropria e re-significa o seu próprio fundamento e origem.

A modernidade se caracteriza por ser a "época da história" em oposição à visão naturalista e cíclica do curso do mundo, fato que pode ser entendido a partir do processo de secularização e de autonomização do pensamento, nos domínios da ciência e da técnica (Vátimo, 1996).

Desta forma, a pós-modernidade só pode ser compreendida como uma instância legítima, na medida em que oferecer respostas originais para os três

fundamentos filosóficos da modernidade: as noções de progresso, história e superação.

Por isso, o pós-moderno deve se caracterizar não por se tratar de uma novidade mais, sim, por trazer uma dissolução na categoria do novo. E, também, como uma experiência de "fim da história", onde a idéia de um processo histórico unitário se dissolve. Onde a história dos eventos, a história dos vencedores, se torna apenas uma "estória" entre outras. Paradoxalmente, vivemos uma época onde os mecanismos de coleta e troca de informações pode até permitir a realização de uma "história universal". No entanto, a realização desta história tornou-se impossível.

Este contexto tem se desenvolvido à medida que "o progresso se tornou uma rotina" (Váttimo, 1996). Quanto mais aumentam as possibilidades do homem de dispor tecnicamente da natureza, de alcançar novos resultados, menos "novos", estes resultados se tornam, por se basearem em uma lógica esvaída, um processo de exaustão e, onde a novidade é cada vez menos nova, menos revolucionária, permitindo apenas que as coisas prossigam do mesmo modo.

Tendo sido suprimido o "para onde" do conhecimento, no processo de secularização do pensamento, a noção de progresso tornou-se vazia, cujo único ideal final é a realização das condições para um progresso subsequente.

Se à primeira vista a técnica se apresenta como uma ameaça à metafísica, ao humanismo, à subjetividade, numa análise mais profunda percebe-se que, em sua essência, em sua lógica, neste século, ela representa o desdobramento máximo da metafísica. Ela é um dos elos do processo da afirmação do homem

como ser cognoscível e soberano. Paradoxalmente, à medida que o homem se afirma como Ser a partir da verdade da técnica, ele perde, paralelamente, a força da sua subjetividade, objetivando-se como uma peça, um dado de uma lógica imanente, superior. Desta forma, depreende-se que a essência da técnica não é algo técnico e, sim, metafísico, uma etapa pertinente do projeto humanista de modernidade.

Mas, chega um momento em que o moderno não pode ir mais além, porque já produziu uma metalinguagem que fala de seus textos impossíveis. “A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, já que não pode ser destruído porque sua destruição leva ao silêncio, deve ser revistado: com ironia, de maneira não inocente” (Eco, 1985, p.57).

Desta forma o primeiro passo para a pós-modernidade seria uma revolução cultural que facilitaria uma tomada do poder. A sociedade não possui mais o monopólio da unidade, do sujeito, de categoria social de discurso e muito menos de sentido. “Isso leva a um multi-culturalismo e a existência de várias verdades” (González, 1996; p. 24). Tudo é ilusão e não existe nem verdade nem erro, nem bem ou mal e que, portanto, tudo não tem razão de ser e pode ser destruído sem fazer falta ao homem.

Por outro lado, pode-se afirmar que o principal alvo desta revolução é, primeiramente, o próprio homem e não a sociedade, que só será transformada depois que o homem já tiver sido. A verdade passa a ser interna a cada homem, não mais exterior e transcendente, pois cada homem possui a verdade dentro de

si (panteísmo) ⁵ e faz parte de um todo (holos) que se percebe necessariamente no imanente.

A pós-modernidade prolonga diretamente a crítica destrutiva do modelo racionalizador lançada por Marx que afirma serem as contradições próprias da base econômica da modernidade; por Nietzsche que mostra como a racionalidade é limitada e frágil para dirigir os processos de inovação social, e por Freud que revela como o espaço mais íntimo do indivíduo, *o desejo*, está aquém e além da racionalidade instrumental. É o resultado de um longo movimento intelectual, que se opôs quase que constantemente a uma modernização técnica e econômica.

A pós-modernidade toma consciência dos fracassos e dos limites da modernidade e percebe que seus ideais humanistas e a absolutização da racionalidade técnico-científica não gerou um mundo igualitário, livre e fraterno que sonhava, ao contrário, criou um mundo de desencantos que se manifesta tanto a nível pessoal como coletivo (CELAM, 1995).

Na pós-modernidade, a informação está em função da eficácia; o que conta é a quantidade de conhecimento, informação, tecnologia disponível. Recupera-se a dimensão do pessoal, do íntimo, do privado. Promove-se o imediatismo, e projetos em curto prazo.

O homem pós-moderno vive a procura das sensações, da emoção sem limites. Seria como se a “inteligência” servisse para justificar a “vontade”. Esta, por sua vez, se desperta frente à busca de sentir algo que traga o máximo de emoções e o mínimo de dor. O objetivo deixa de ser a busca da “cruz” e da

⁵ A verdade é que tudo é uma realidade só, não existe diferença ou desigualdade. Essa verdade está igualmente espalhada em todos os homens, que devem procurá-la dentro de si. Não importa se chegam a conclusões diferentes, basta que haja uma iluminação em direção ao primeiro. “pan”.

“salvação eterna”, como era antigamente proposto pela igreja católica; e passa a ser a busca do prazer e da cura de alguma doença corporal.

A Pós-modernidade promove uma ética mais pessoal, segundo a qual vale mais o convencimento que a norma, sendo legítima a busca da felicidade no tempo presente, reafirmação da liberdade, a necessidade de ser, sentir e expressar-se segundo a originalidade de cada um (Giddens, 1990). Evidencia-se o individualismo, entendido como afirmação radical de autodeterminação e como desconfiança do coletivo, do solidário e de tudo o que aparece como compromisso com os demais; valoriza a criatividade e a subjetividade, embora, se perca o sentido histórico, preocupando-se apenas com o presente e com sua vida pessoal⁶; suscita permissividade na conduta moral, fruto do individualismo e a falta de pontos de referências universais e de valores absolutos.

A pós-modernidade põe a busca da salvação no presente, baseado em fortes sentimentos de prazer, debilita e relativiza as convicções éticas, centra a atenção mais nos direitos que nos deveres, leva a uma crise do amor e da sexualidade à perda do compromisso e da felicidade (Giddens, 1990; p. 217-218). A pessoa prefere experimentar as coisas, que discutir teorias, mas recupera o valor do cotidiano, o sentido do simbólico e do ritual, embora aumente a fragmentariedade da vida, sente dificuldade em elaborar projetos globais além de se tornar presa fácil da manipulação da publicidade, da moda, dos meios de comunicação social e das imposições culturais.

⁶ O isolamento produzido pela pós-modernidade vai encontrando eco na tecnologia, que, facilitando mais ainda a “auto-suficiência” de cada um, cria um mar em volta de uma ilha. O conflito entre o mundo e o “eu”, entre a realidade e a fantasia entre a transcendência e a imanência; tudo se radicaliza na técnica pós-moderna.

A Pós-modernidade gera uma sociedade pacifista e consensual. Mas não um pacifismo dentro de um princípio superior a todos os homens, e sim um pacifismo onde todos não lutam pelo que acreditam, ou não acreditam pelo que lutam, pois toda ideologia é falsa.

Ainda mais que, segundo a Pós-modernidade, cada um tem uma verdade tão verdadeira quanto o outro, mesmo que sejam antagônicas. Todo conhecimento é subjetivo e pessoal por um lado, e "comunitário" e impessoal por outro, válido na medida em que serve para a construção da paz entre os homens, cada vez mais "iguais e livres".

No campo político-social, a Pós-modernidade se traduz por uma profunda apatia e desinteresse, explicado pela própria ausência de ideais e de verdades ideológicas de certezas e objetivos pelos quais se lutam.

Para a pós-modernidade, tudo vale, todos os movimentos artísticos, políticos, culturais e religiosos são permitidos. "Provoca uma descontinuidade histórica, embora isso não signifique uma ruptura total" (Giddens. 1991; p. 14), pois, nem o tradicional, nem o moderno, formam um todo.

Mesmo que a pós-modernidade seja entendida de diferentes maneiras, não podemos negar que exista um processo histórico que marca e acentua suas características próprias, que a diferencia significativamente das décadas anteriores, precisamos entendê-las como uma seqüência histórica que vai acarretando suas conseqüências.

Por esta razão, torna-se válida a afirmação de Baumam (1992) que descreve a pós-modernidade como o mundo da "ambivalência". Todas as características que acabamos de assinalar mostram claramente o difícil que é dar um conceito específico sobre o que é a pós-modernidade, porém se arrisca a

dizer que por ser uma época ambivalente ela traz a riqueza da liberdade, da opção, da autonomia, da criticidade, do resgate da pessoa, mas, também da incerteza, da dispersão, do individualismo.

1.2. Impacto da pós-modernidade na religião

Ao iniciar este capítulo foi dito que a pós-modernidade significa uma época de mudanças e de ambivalências muito marcantes para toda a sociedade. Como não se tem em mira aprofundar todas as áreas da sociedade, só mostraremos como esta produz um impacto significativo na religião.

Na pós-modernidade, existe uma tendência para a separação institucional entre Estado e Religião: a consequência do surgimento de um Estado livre da influência das instituições religiosas, é que o Estado não serve mais como uma instância coercitiva. Qualquer tentativa de reconquista tradicionalista ameaça desmantelar os fundamentos racionais da sociedade moderna. Além disto, o poder secularizante, fruto do processo de racionalização originado no desenvolvimento da indústria e da ciência, se expande e tende a modificar os conteúdos religiosos, “sendo cada vez mais difícil manter as tradições religiosas institucionais como verdades imutáveis” (Parker, 1997) e, os conteúdos religiosos tornam-se sujeitos à moda.

Riscone (1969, p. 21) afirma que “o fenômeno mais relevante desta tensão é a crise da imaginação religiosa”, entendida como impotência da religião institucional frente aos modelos culturais de comportamentos coletivos.

Por conseguinte, há um impacto desigual e heterogêneo que corresponde a uma menor pressão para manter os laços com a religião católica majoritária,

ocasionando um maior pluralismo religioso e ideológico. Aumenta o número de protestantes, de outras religiões e de não crentes, que dão lugar a uma transformação do campo religioso, quebrando o monopólio do catolicismo e introduzindo novas opções religiosas⁷, fazendo com que fique cada vez mais difícil “manter ou construir estruturas de plausibilidade viáveis para a religião” (Berger, 1985; p. 139).

1.3. A secularização na pós-modernidade

Para entender o impacto da pós-modernidade na religião é necessária uma reflexão mais profunda sobre as características da secularização, elemento que nos ajuda a compreender as mudanças religiosas na sociedade atual.

Também precisamos compreender que este processo vem-se dando ao longo da história e se acentuando na pós-modernidade, marcando, assim, irremediavelmente uma postura de liberdade e de felicidade individual que não nos parecem mais análogos e interdependentes. Esta surge a partir de estratégias econômicas, da construção de um tipo de sociedade, de cultura e de personalidade que se operaram muito depressa.

Por muito tempo a secularização era um termo rejeitado e evitado e até considerado como inimigo da religião, tanto assim que provocou grandes discussões em todos os níveis. Embora, nos documentos da igreja Católica não

⁷ No Brasil, além do Rio de Janeiro, também no estado de Rondônia os católicos estão reduzidos a 57, 6%, em Roraima e em Goiás, a pouco mais de 60 %. Em todos esses estados, sobretudo no Espírito Santo, Amazonas, Acre e Tocantins, as perdas católicas da última década foram grandes, para não dizer fragorosas. O que se nota, então, é que a aceleração da queda católica nas estatísticas de adesão religiosa em nosso país é um evento das duas últimas décadas particularmente dos anos 90 (CEPAT, 2002).

apareça especificamente o termo secularização, a igreja percebia que alguma coisa se escapava de suas mãos e alguns teólogos mostravam resistência, mas, em nenhum momento condenaram ou puniram essa realidade a ser enfrentada e assumida.

Num primeiro momento, as Instituições tinham todo o poder e o individuo dependia delas, havia uma dependência total do que dizia ou deixava de dizer.

Mas tarde, com a secularização, deu-se uma independência e as Instituições foram perdendo poder e influência sobre os fiéis.

Isto trouxe como consequência uma reorganização no interior das igrejas para responder melhor às expectativas dos fiéis que não se sujeitam a uma só concepção, pois não é forte neles a identificação com a Instituição.

Embora a secularização seja um processo ambíguo e difícil de entender devido às mais diversas concepções, a secularização é abordada em nosso trabalho como um processo que leva à perda da hegemonia institucional e ao fortalecimento da experiência individual, focando a reflexão no que diz respeito à experiência religiosa.

Segundo Berger, nos anos de 1960 proclamou-se o fim do monopólio das tradições religiosas.

A secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou sua influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico (Berger, 1985, p. 119).

Assim, toda experiência religiosa vinculada a uma instituição, seja católica ou protestante, perde plausibilidade. Já não são as igrejas ou religiões institucionais que criam necessariamente o espaço da experiência religiosa; pelo

contrário, elas perdem força e deixam o sagrado à deriva, entregue às vivências pessoais, individuais em processo crescente de privatização e individualização⁸.

Nos anos seguintes, 1970-1980 acentua-se o crescimento da religião privatizada e se multiplicam as expressões religiosas. A tendência de eliminar o religioso na sociedade “preparou o seu retorno de um modo sub-reptício, sob uma forma não transcendente, mas imanente” (Herrero, 1985; p. 18). Além do mais se instaura uma concorrência religiosa entre as novas formas religiosas. Elas recorrem a todos os recursos do marketing para sua propagação, ocupando novamente um espaço visível já não em nome da instituição, mas como oferta às necessidades sentidas pelas pessoas⁹. Por isso, prossegue o processo de secularização no sentido de que as instituições religiosas perdem força enquanto sistema de significação e matriz dos esforços humanos.

A sociedade envolvida num progressivo processo de racionalização, de desenvolvimento técnico, científico, começa a deixar de lado as instituições como fonte do sagrado e acentua a experiência mais pessoal privada da experiência religiosa.

Esta nova perspectiva permite que as pessoas assumam os elementos das religiões que satisfaçam os seus próprios anseios, sem se preocuparem em misturar fragmentos religiosos de outras fontes religiosas (Mariz e Machado 1998).

⁸ A secularização é, sem sombra de dúvida, um dos pilares da “democracia moderna”. Na mesma medida em que a humanidade caminha para o misticismo, o sistema representativo, que nasceu na Revolução Francesa e no seu “iluminismo”, caminha para sua extinção.

⁹ Como evitar o enfraquecimento do estado; se até os meios de comunicação não respeitam fronteiras? Independentemente da ideologia, da tradição ou da cultura de cada povo, a comunicação invade cada país e cada lar. Onde houver uma televisão, um computador ou até mesmo um fax, aí está o mundo, aí está a “aldeia global”.

Quanto mais forte é o impulso religioso privatizado, há mais possibilidades de aparecer novas ofertas religiosas, gerando o pluralismo religioso. As ofertas crescem e as escolhas religiosas são ilimitadas.

Berger (1985, p. 119), afirma que não vivemos num “*mundo secularizado*”; a secularização aconteceu apenas nos setores mais intelectualizados e não atinge as grandes massas que, ao contrário criam um movimento de resistência à secularização que o autor chama de “*contra-secularização*” (Berger, 2001). Tal processo criaria, segundo ele, o fortalecimento de expressões religiosas individuais e diferentes das instituições que, querendo adaptar-se aos desafios da pós-modernidade, não mais respondem aos interesses de seus fiéis. Aquelas, ao contrário, que se mantiveram ligadas aos princípios mais tradicionais, conseguem crescer significativamente.

Na cena religiosa internacional, são os movimentos conservadores ortodoxos ou tradicionalistas que estão crescendo em quase toda parte. Esses movimentos são justamente aqueles que rejeitaram o “aggiornamento”¹⁰ à modernidade tal como é definida pelos intelectuais progressistas. Inversamente, as Instituições e os movimentos religiosos que muito se esforçaram por ajustar-se ao que vem como modernidade, estão em declínio em quase toda parte (Berger, 2001, p. 13).

De fato, Berger afirma categoricamente que “o mundo pós-moderno é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares específicos” (Berger, 200, p. 10). Se de um lado, Berger parece ser radical nas suas afirmações, de outro lado, não nega o fenômeno da secularização, apenas afirma que cada grupo foi atingido diversamente¹¹ e que a secularização é “um processo

¹⁰ No sentido de atualização

¹¹ Na Europa deu-se num declínio progressivo na participação institucional, levando em conta as classes sociais. Na América, pelo contrário, houve um aumento de participação, embora suas motivações sejam outras.

que ajuda a revitalizar o sentido religioso subtraindo-o de dominações das instituições e símbolos religiosos“ (Berger, 1985, p. 119).

Com esta afirmação podemos constatar que não se trata de um desaparecimento da religião ou de funções da religião, ao contrário, ela continua exercendo um papel importante e fundamental na vida dos indivíduos não sendo mais eminentemente coesitiva, mas devolve a esperança de uma vida diferente.

Para reafirmar esta teoria desta perda de força da instituição e fortalecimento da experiência mais individual, Berger assegura que “o processo de secularização se dá também em nível da consciência” (Berger, 1997; p. 23-24), em setores determinados especificamente com o avanço da ciência e da tecnologia. Mas, para ele, “a secularização em nível de sociedade (de forma geral) não está necessariamente vinculada com a secularização em nível de consciência individual” (Berger, 2001, p. 10), depende do processo, das oportunidades, do ambiente onde cada indivíduo se desenvolve. Segundo o autor, existem outros fatores que servem também de veículos para a secularização como: “a civilização Ocidental e a dinâmica do capitalismo industrial” (1985 p.122). Isto não quer dizer que a secularização seja um processo comandado apenas pela razão como diz Weber que “apesar do domínio da racionalidade de algumas áreas da sociedade não é possível retornar à idéia de um mundo apenas comandado pelas leis da razão que a ciência revela” (Weber, 2000, p. 5), pois estas favorecem uma forma mais acabada de desencantamento do mundo¹² uma vez que as ações se tornam fragmentadas e especializadas.

¹² O desencantamento do mundo se dá quando a imagem do mundo se sistematiza e racionaliza, não é o mágico natural que a comanda, é mais possível ser controlada pelo indivíduo, não depende só da ação de Deus. Este processo é explicado por Weber (2001) quando se refere aos três momentos decisivos que seguem o processo de secularização da ética religiosa: O monoteísmo judaico, o ascetismo monástico

A sociedade, segundo Braian Wilson (1996, p. 41), “não consegue explicar tudo por meio dos procedimentos racionais, portanto, a religião mesmo que seu espaço tenha sido reduzido, continua presente na sociedade”¹³. Suas funções latentes¹⁴ e evidentes¹⁵ fazem com que a religião não desapareça e afirma que, devido a esta tensão entre sociedade e religião, devido ao processo de racionalização, as instituições religiosas perdem a sua significação social (Wilson, *apud*, Martelli, p. 298), se enfraquecendo, mas fortalecendo a experiência religiosa pessoal devido à pluralidade de escolhas religiosas, tendo a oportunidade de ficar com uma, várias, ou ainda nenhuma.

Para Acquaviva (1981, p. 89), mesmo que a relação com o sagrado não apareça ou se pense relegada, ela está presente na mente humana, por isso pode surgir em qualquer momento. Assim o sagrado, não cessa de existir, não fica anulado, simplesmente se retira, cala no inconsciente, na expectativa de reaparecer. O que Parson (*apud* Guizzardi e Stela, 2000, p. 223) completará dizendo que na realidade o que há é uma estruturação de valores referidos a essa esfera não em igrejas organizadas, mas no próprio indivíduo que se autonomiza, partindo do processo de privatização que, segundo ele, termina por reforçar em vez de enfraquecer a crença, porque envolve a responsabilidade

ocidental e o ascetismo intramundano da Reforma; processo que vai se concluir na passagem de um valor cultural e racional para a emergência do mundo ocidental moderno ou mundo capitalista.

¹³ Segundo Wilson (1999; p. 99), o cristianismo institucional no Oriente declinou efetivamente. O número de fiéis e de frequentadores da igreja diminuiu. Menos pessoas decidem casar-se na igreja, o número de sacerdotes está decaindo e a educação religiosa elementar para as crianças está em seu nível mais baixo. No entanto, no Ocidente, isto não acontece devido às pessoas terem abandonado as mundivências pré-modernas. De fato, sondagens da opinião pública parecem indicar que as pessoas no Ocidente são tão espirituais como sempre foram.

¹⁴ A função latente está presente no indivíduo de forma dissimulada não evidente. (Wilson, 1985, p. 46).

¹⁵ A função evidente é a salvação que tem efeitos tranquilizadores para o indivíduo e que agora constitui a única e real função exercida pela religião na sociedade.

subjetiva para com o religioso, tendo uma relativa independência com relação às definições oficiais das Igrejas organizadas.

Na realidade, este reaparecimento se dá pela proposta específica de salvação feita pelos movimentos religiosos, mas trata-se de uma salvação que responde às necessidades de um significado imediatamente religioso para a vida diária, frente a uma estrutura globalizante que gera tantas incertezas.

Já Luhmann (1991, p. 444) afirma que “a excessiva institucionalização que a religião sofre nas sociedades modernas torna-a rígida e sem condições de responder às novas questões emergentes das condições de mudança social”. Daí surge o afastamento dos fiéis da Igreja e individualização dos cultos religiosos, expressos na privatização. Através de escolhas pessoais, o indivíduo constrói o próprio universo sagrado das respostas últimas e das legitimações plausíveis às quais a rigidez das religiões institucionalizadas os havia subtraído, dando origem ao que chamamos de *trânsito religioso*¹⁶ que logo explicaremos seu desenvolvimento.

Como se pode ver, o processo da secularização é muito complexo, por isso foram citados alguns autores na mesma linha de pensamento a fim de se estabelecer um conceito de secularização que ajude a compreender esta dinâmica do trânsito e, a partir daí abrir lugar para uma reflexão sobre este tema.

Na verdade, parecia que fosse acontecer o contrário com este processo de secularização, mas o que se observa é um forte despertar religioso criativo, vale tudo, as expressões religiosas se misturam sem nenhum problema como se vê

¹⁶ Trânsito religioso que pode acontecer de diferentes formas: de passagem, de mudança ou duplo.

no movimento chamado: Nova Era¹⁷. A elementos esotéricos, se misturam elementos do cristianismo: anjos, santos, Nossa Senhora etc. Há em tudo isso uma espécie de emancipação da religião, agora liberada do controle exercido pelas instituições religiosas tradicionais, constituindo-se num gigantesco mercado místico-religioso como oferta para todos os gostos e necessidades, sem deixar de lado os grandes interesses pessoais da exploração consumista do sagrado que pode multiplicar-se, porque encontra respaldo no subjetivismo como foi dito.

1.4. O trânsito religioso

Para compreender o trânsito Religioso na pós-modernidade temos recorrido a vários elementos que nos ajudam a entender este fenômeno que na pós-modernidade chega com força e de forma significativa, tomando características especiais na experiência religiosa dos fiéis. .

No *trânsito religioso*, a pessoa atravessa diferentes tradições religiosas, reunindo elementos colhidos aqui e ali, de todos os lugares por onde passa, onde cada um constrói um sistema de referência, formando um verdadeiro mosaico religioso, criando assim, um novo tipo de adesão religiosa, sem o senso de pertença a determinado grupo religioso e, conseqüentemente, sem nenhum

¹⁷ O surgimento da Nova Era se situa nos Estados Unidos entre os anos 1970 e 1971. Nasce da conjunção de um grande apetite espiritual juntamente com uma contraposição ao domínio eclesiástico, e à morte da religião institucional, no caso o cristianismo, considerado como espiritualmente esvaziado e contaminado pelo individualismo utilitário. (Cf. L. AMARAL LUZ, *Carnaval da alma. Comunidade essência e sincretismo na Nova Era*, tese doutoral. Juiz de Fora, MNA, PPGAS 1998, p. 18.. É uma espécie de "sincretismo" ou coquetel de ideologias, ciências e religiões, inspirada pelo que se chama pós-modernismo. É uma maneira "holística" de ver a realidade. Seu método consiste numa sintonização de nossas vibrações com as do universo e com as vidas de outras esferas (anjos, defuntos, mestres, extraterrestres, e outros), tendo este potencial de auto-ajuda e de cura corporal e mental. Seu objetivo é buscar uma nova consciência e se põe sob o signo de Aquário, e uma única religião, que engloba a unidade e a totalidade, Deus e mundo, espírito e matéria, uma relação e uma busca de refúgio ante o panorama atual nas permanentes crises.

compromisso com seus valores, seus símbolos e expressões, suas exigências éticas, seus ritos.

Pode-se ver como a Religião e as confissões religiosas passam logo a serem vistas como uma simples questão de escolha pessoal suscitada por vários interesses (Duarte, 2001): problemas, situações econômicas, busca sincera de Deus, crenças e outros. Existem várias formas de entender o trânsito religioso:

1. Quando se muda de confissão religiosa, adotando dogmas e doutrinas de sua nova religião, marcado por conversões sucessivas (*Trânsito de pertença*).

2. Quando a pessoa, apesar de admitir uma pertença religiosa específica, admite visitar outras expressões religiosas (*Trânsito pertencente*) que, segundo a autora, o mosaico religioso aqui se caracteriza mais.

3. Quando a pessoa não admite pertencer a qualquer expressão religiosa, ou se entende como um buscador, alguém “a procura de um sentido para a vida”, numa busca em que “tudo o que é de Deus é válido”¹⁸.

Wach (1951) não atribui só ao subjetivismo a busca de novas experiências religiosas, porque para ele toda experiência religiosa se passa num dado contexto social que de certa maneira atua na experiência religiosa, não negando os aspectos objetivamente pessoais, tais como as tradições religiosas e culturais anteriores e, ainda, os elementos sociais que de certa maneira atuam na experiência religiosa.

Mas, adverte o autor que se não estiverem presentes os quatro elementos fundamentais que fazem possível uma experiência religiosa, (1. uma resposta

¹⁸Esta classificação foi tomada das Pesquisas realizadas pela Doutora Sandra Duarte, num projeto desenvolvido para a Universidade Católica de Goiás -UCG durante o ano 2000. Ela foi realizada na cidade de Goiânia com estudantes da própria UCG, e em Alto Paraíso, lugar considerado o centro místico do Brasil, que reúne pessoas de diversos lugares do país e fora dele.

àquilo que é experimentado como realidade última; 2. Uma resposta global do ser global; 3. uma experiência intensa; e 4. o impulso para o homem agir) não é uma experiência autêntica. No entanto, isto não se dá de uma vez, senão progressivamente (Wach, 1951). Outro elemento que ele utiliza é que existem vários tipos de experiência religiosa e nenhuma pode pretender ser única e exclusiva:

Todavia existem experiências pseudo-religiosas e semi-religiosas; as primeiras não são religiosas e conhecidas daqueles que servem das formas exteriores como tais. As segundas se referem não à realidade última, mas a alguns aspectos da realidade finita (...) Estes fenômenos influenciam a posição da religião na sociedade, assumem algumas de suas funções e às vezes entram em grande conflito com a religião e as instituições religiosas (Wach, 1951, p.33)¹⁹.

Por outro lado, o autor afirma que as exteriorizações desta experiência: cultos, doutrinas, grupos religiosos não lhe esgotam a riqueza, podendo ela suscitar outros tipos de modalidade e rituais, que mesmo sendo uma experiência tão pessoal e individual, o processo de racionalização está presente na escolha e nas decisões a tomar. Por isso, neste tipo de experiência aparecem interesses e motivações de bem estar que cada indivíduo sente. As pessoas agem de maneira racional ao escolherem sua religião. Se forem crentes, consciente ou inconscientemente sempre estão fazendo uma análise de custo e benefício para definir que religião vai praticar.

1.4.1. O trânsito religioso e a elaboração da própria cosmovisão

Nesta busca incessante de uma experiência pessoal e a legitimação de uma liberdade individual marcada significativamente na pós-modernidade (como

foi dito anteriormente, tudo vale em favor do fortalecimento de uma personalidade individual) o indivíduo, ao fazer a passagem de uma confissão para outra, ou de um grupo para outro, rompe a cosmovisão institucionalizada e adota a formação de uma cosmovisão de estilo próprio.

Segundo Habermas (1987, p. 15-17), “todo processo religioso começa com um simples encontro informal com pessoas de outra religião ou com estilos religiosos diferentes”. A força da palavra, o convite, as conversas, troca de informações levam o interlocutor re-elaborar uma postura racional, através do diálogo, a troca de idéias, e a intercompreensão.

... mas as expressões não são não refletidas, achando-se assim investidas de um potencial de racionalidade, que ao atravessar o diálogo vai progressivamente se desdobrando e se ampliando rumo ao entendimento que pode emergir em parte ou no todo. (Habermas, apud Rolim, 1994, p. 15).

Estes aspectos levam os indivíduos a um entendimento mais ou menos consciente, com embasamento mais ou menos consistente em decisões pessoais. Na perspectiva de Luckman (1969, p. 154), “a religião empresta ao homem uma cosmovisão”. O universo simbólico que se articula no cosmo sagrado, se desenvolve mediante a institucionalização de um modelo oficial. Quando o modelo não acompanha o processo de mudança, o indivíduo pode por conta própria montar sua cosmovisão.

O indivíduo constrói sua identidade religiosa independentemente da instituição, com uma mentalidade de consumidor. Assim, a nova forma religiosa apresenta-se como um fenômeno dentro da esfera privada (produto da

¹⁹. Texto traduzido pelo professor Sérgio Araújo, professor do Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Goiás.

secularização). As instituições religiosas estão em decadência, mas a religião não, ela está muito presente. Os indivíduos compõem de maneira muito mais independente os pequenos sistemas de crenças que correspondem às suas próprias aspirações e às suas “experiências”. Parece ser que os marcos institucionais que limitam o campo da passagem de uma religião a outra, tendem a desaparecer, mas são propostas sob uma espécie de gnose religiosa. É evidente a existência de uma eclosão religiosa que, de três décadas para cá, influenciou nas mentalidades dos indivíduos, favorecendo a decomposição do religioso. Parece um rico e variado buffet ou um “à la carte” como diz Champion (2001, p. 49)²⁰.

Em primeiro lugar essa nebulosa místico-esotérica particularmente significativa das mutações culturais das sociedades modernas se constitui na dinâmica do movimento contra-cultural dos anos 70 que influenciou profundamente na transformação das mentalidades, aquilo que se tem chamado individualismo pós-moderno. Ao mesmo tempo a nebulosa místico-esotérica é, igualmente reveladora do processo de decomposição do religioso em ação no presente e que produz um religioso flutuante propício para o desenvolvimento das crenças paralelas e, finalmente ela é igualmente significativa porque cresce nas novas camadas médias educadas. (Champion, 2001, p. 54).

De um lado, há a destruição dos sistemas simbólicos pela racionalização que abre espaço a novas representações religiosas e, por outro, a secularização reorganiza a atividade da religião em uma sociedade estruturalmente impotente para satisfazer às expectativas que deve suscitar enquanto tal. O que na reflexão de Hervieu-Léger (1989, p. 197), se constitui “num espaço permanente de re-proposição religiosa”.

²⁰ Champion afirma que de três décadas para cá se desenvolveu uma eclosão de crenças paralelas: Astrologia, visões, reencarnações, experiências de morte iminente, ioga zen, workshops de psicologia humanística ou transpessoal, terapia da Gestalt e da reencarnação, andanças sobre carvão ardente, danças africanas, sufismo, druidismo, gurus indianos, índios, bruxas, práticas mágicas e ocultas como pêndulos, tarô,

Na mesma linha, Touraine:

A volta do religioso é, certamente, com muita frequência um movimento de contra-modernidade; ele reage contra a secularização e tenta reconstruir uma comunidade reunindo poder espiritual e poder temporal; mas ele é também um esforço para re-introduzir uma força no social na vida social, a ética da convicção num mundo dominado pela ética da responsabilidade. (Touraine, 1994, p. 767).

Como afirmado anteriormente, os novos interesses espirituais apontam para uma recomposição do sagrado. Não se trata mais de uma identidade herdada, coletivamente atribuída, mas uma identidade adquirida e escolhida pelo próprio indivíduo, pois, na medida em que adota uma forma religiosa integrista ou fundamentalista racionalizante, contribui para a instauração de um mercado religioso com uma oferta interminável de bens simbólicos, permitindo às pessoas suas próprias combinações que variam de acordo com suas demandas particulares. Dessa forma, dá-se o trânsito religioso derivado da pluralidade de modelos religiosos que coexistem na sociedade moderna derivados do processo de secularização que abre o leque para a pluralidade religiosa.

1.4.2. O chão do trânsito religioso

Esta proliferação de movimentos religiosos é um indicador de que a instituição religiosa já não responde eficazmente à demanda de todos os seus fiéis, sobretudo daqueles que buscam selecionar os elementos que mais se aproximam de seus anseios de significação imediata. “O trânsito religioso surge de uma espiritualidade desencarnada, isto é, sem território cultural ou religioso

astrologia e cabala, tesofia e antroposofia, e outras coisas; ou então grandes religiões orientais e religiosidade arcaica, esoterismo e ocultismo, magia, psicologia, curas, ciências alternativas e qualidade de vida.

demarcado” (Amaral, 2000, p. 17) sem a necessidade de referenciar-se a uma tradição específica e podendo relativizar o espiritual.

Uma vez que o trânsito religioso admite um passeio por várias confissões religiosas e dispensa ou atenua o compromisso com uma instituição específica, a questão da conversão se vê atingida diretamente. Isto se deve efetivamente a uma falta de ligação afetiva e permanente que os obrigue a seguir as regulamentações e muito menos a ser cobrados por parte da instituição.

Não há mais uma socialização institucionalizada pela adesão a uma instituição que sanciona objetivamente o desenraizamento. Há a busca e a peregrinação radicadas na subjetividade, ela mesma feita itinerante, sim, feita itinerante, mas pisando um terreno, um solo comum às várias “experiências” religiosas instituídas. Os marcos institucionais que delimitam o campo da passagem de uma religião a outra, a conversão tende a desaparecer, mas são respostas sob a forma de uma espécie de gnose religiosa, da constituição de um cosmo religioso de caráter monista, de caráter panteísta (Beneditte, 1994, p. 21).

Além do mais, mesmo para aqueles que afirmam pertencer a uma confissão religiosa, a sua vista nas outras é uma forma de “complementar” a sua experiência e não tem nenhum sentimento de culpa ou necessidade de justificar sua participação.

1.4.3. O pragmatismo como elemento fundamental no trânsito religioso

Quando se refere ao pragmatismo²¹ como um elemento para a escolha, nós estamos referindo a um interesse marcado para iniciar uma passagem de uma confissão para outra. Se antes o interesse dos fiéis era a

salvação (entendida como salvação após a morte), na sociedade pós-moderna, o interesse é por uma busca do bem estar, da felicidade pessoal, da harmonia, que facilitem a solução dos problemas aqui e agora.

A prática religiosa torna-se cada vez mais uma escolha livre, suscetível às diversas composições, que respondem ao desejo de escapar das limitações humanas ou responder ao desejo de cada indivíduo se compreender e dar sentido a seus fracassos, ou ao desejo de escapar da incerteza, reforçando, assim, as categorias do útil sobre as categorias da verdade, mesmo da verdade científica.

Esta percepção leva à conclusão de que a característica principal do homem e da mulher é o querer ser cada vez mais independente, livre de escolher e de experimentar, tanto dentro como fora dos sistemas estabelecidos em procura da autenticidade da sua própria caminhada espiritual. Isto não deve admirar muito porque, tanto nas pregações como na catequese privilegiam -se as qualidades da experiência vivida antes que as formulações de fé. Parece ser que a idéia de uma experiência mais individual não só atinge aos fiéis quanto aos padres e pastores.

1.4.4. Superprodução: oferta e demanda religiosa, escolha racional.

Devido ao desenvolvimento técnico e dos meios de comunicação é muito mais fácil adquirir qualquer tipo de informação através de: jornais, revistas, televisão, internet e outros que oferecem um verdadeiro “supermercado espiritual” no qual os indivíduos circulam e atendem a eles mesmos. As publicações, cartazes, faixas, fóruns de discussão, painéis com frases como “Neste nome tem poder”, “Jesus é o Senhor”, “Cristo nos liberta”, “Jesus é tudo”, “Jesus te ama”,

²¹ Pragmatismo no sentido filosófico é quando as idéias são instrumentos de ação que só valem se produzem

etc., vão criando uma consciência de relação individual que muda seu esquema de crenças influenciado pelo impacto de informações variadas.

Como se pode ver, todo este tipo de informação atinge diretamente o processo de escolha de uma ou outra prática religiosa, implicando necessariamente uma reflexão racional, seja por interesses subjetivos ou por conveniências. Este processo racional da sociedade reafirma o indivíduo e favorece a secularização que, em lugar de dar um fim à religião, é a responsável pelo surgimento desta nova forma religiosa que estamos evidenciando. Parece ser que a religião tem a capacidade de adaptar-se aos novos ecossistemas sociais em um processo de “seleção sobrenatural”. Ela não apresenta sinais de extinção como muitos esperavam, ao contrário, a “teodiversidade”²² ou pluralismo religioso está crescendo cada vez mais.

Habermas²³ ao referir-se à religião dentro dos limites da simples razão, fala de uma sociedade pós-secular, em que não há nenhum sinal de desaparecimento da religião, apesar de todas as pressões secularizadoras. O autor é a favor da secularização, mas de uma secularização que preserve os conteúdos da religião em lugar de aniquilá-los.

E continua:

a religião precisa aprender a conviver com outras igrejas, tem que aceitar a autoridade da ciência e deve aceitar a regras do jogo democrático, que obrigam o Estado a seguir os ditames de uma moral profana. Além disso, os crentes devem traduzir suas convicções religiosas numa linguagem leiga, se quiserem que seus argumentos sejam debatidos no espaço público (Habermas in CEPAT, 2002; p. 60).

efeitos práticos.

²² Termo usado pelo sociólogo STARK Rodney, 2000.

²³ No discurso realizado no dia em que recebeu o prêmio da paz, na feira do livro de Frankfurt, em outubro do 2001.

Além do mais, a característica chave de todas as situações pluralistas é que os ex-monopólios religiosos não podem contar mais com a submissão de suas populações, esta é voluntária, portanto, também não é segura. Resulta que a tradição religiosa antes podia ser imposta agora tem que ser colocada no mercado. Assim, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas comunidades de consumo, mas a necessidade de competição deve-se à necessidade de se racionalizar a própria competição na situação pluralista, constituindo-se num gigantesco mercado místico-religioso como oferta para todos os gostos e necessidades, sem deixar de lado os grandes interesses pessoais da exploração consumista do sagrado. Esta vertente pós-moderna protesta contra a militância da verdade universal em nome da afetividade, do prazer, do presente e já não aceita a idéia de uma luta pelo futuro, não se compromete com nada, vive sua própria vida²⁴. A idéia generalizada é viver bem e com muito prazer dentro do capitalismo, respeitando a vida e a sociedade, sem querer mudar o mundo e sem se sentir responsável pela miséria social.

Assim diz Weber: “A ações religiosas devem ser realizadas para que vás muito bem e vivas, muitos e muitos anos sobre a face da terra” (Weber, 2000, p. 279). Nesta perspectiva, pode-se entender a forte adesão aos movimentos que oferecem a prática da gratuidade, a satisfação do desejo, o sentimento e a redescoberta da natureza e da relação do homem com o planeta, consigo mesmo numa harmonia cósmica, e aqueles que oferecem uma relação mais pessoal com Jesus Cristo como o “Outro” que dá sentido à vida.

Esta busca pode se manifestar em duas atitudes religiosas com tendências opostas: “o fundamentalismo”, que aceita segurança na aceitação cega de

²⁴ Para maior informação, cf. *ISTOÉ*, Abril, 1993: 34-36.

formulações históricas da fé, tidas como originárias e imutáveis, e o “sentimentalismo” que valoriza a religiosidade enquanto faz parte dos sentimentos e emoções do indivíduo, e, constituindo, portanto, uma experiência pessoal e subjetiva indiscutível.

1.5. Conclusão

O processo de racionalização, que está à base deste fenômeno, favorece a escolha e a criação de novas e criativas formas de religião personalizadas, aumentando as possibilidades de escolha e de ofertas religiosas, suscitando o pluralismo religioso e debilitando as grandes instituições. A secularização além de ser um fenômeno que contesta, bate diretamente de frente com o sistema religioso institucional tradicional. Com a mudança dos paradigmas da sociedade, se faz mais fácil aceitar um estilo de vida mais individualizado e intimista.

Mesmo assim pode-se afirmar que o processo de secularização atinge certas esferas da sociedade, especialmente pelo influxo da escolaridade e dos meios de comunicação, porém paralela e complexamente articulados. As novas formas com que a economia vai ampliando certas condições de exploração e de marginalização predispõem a resistir naturalmente a certos fatores secularizantes da modernização implantada. Porém, das novas formas de tecnologia, originam-se espaços de *re-significação* mítico-simbólica e geram um meio apto para as práticas de crenças religiosas, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

É evidente que estas mudanças influenciam no campo religioso, sobretudo na América Latina, onde a religião não esmorece, se transforma. Certamente há uma racionalização progressiva das crenças e práticas religiosas que resiste tenazmente, reproduzindo uma religião que é transformada em suas expressões

e significados, ou, senão, criando e inventando novas respostas religiosas aos desafios impostos pelas mudanças estruturais, culturais e históricas.

O conjunto de fatores sociológicos descritos desemboca, portanto, num processo de secularização que deve ser entendido muito mais como um processo de transformação da mentalidade religiosa e não como uma queda irreversível da fé das pessoas.

Podemos constatar que estas transformações se dão por causa de expressões religiosas a partir de uma tradição católica mais ou menos comum; e, por causa de uma racionalização relativa das crenças e dos rituais enriquecidos pela criatividade religiosa do povo que, estimulado pela tecnologia, recria suas devoções com aspectos festivos, mágicos e até messiânicos, fortalecendo a experiência ou enfraquecendo-a, dependendo do ponto de vista que se quer ver, em todo caso, enfrenta um tipo de racionalização secularista presente na mentalidade de nosso povo.

Isto faz compreender como a religião vai se adaptando às necessidades vitais das pessoas e vai acompanhando os processos de mudança que se vão suscitando em nível social, político, econômico, vistos como um todo. Vivemos num momento onde a instituição pouco tem a nos dizer, é mais importante a experiência religiosa de cada pessoa. É o que cada um vai construindo e vivenciando que faz surgir novas iniciativas na religião. Vivemos um momento de desencantamento da instituição, para viver o re-encantamento da busca da religião como resposta a nossas necessidades. Tudo isto se constitui num desafio muito grande que suscita ações concretas frente a esta avalanche de propostas que nos são oferecidas e que nos obrigam a buscar alternativas frente a este pluralismo tão grande movido pelo pragmatismo e pela busca do

fortalecimento da liberdade tão desejada na pós-modernidade. O trânsito religioso muda também esta perspectiva, é possível compor o próprio esquema e viver a salvação, no aqui e agora. O processo de secularização, embora seja um tema muito discutido e hoje se fale de des-secularização²⁵, fortalece estas iniciativas religiosas como uma forma de escolha pessoal que não necessariamente, vai ser a mesma de amanhã. Antes significava um verdadeiro drama a conversão para outra confissão religiosa, na pós-modernidade, parece ser um direito, a religião de hoje é a religião de mudanças rápidas, do compromisso descartável. Mas, como se pode ver estas mudanças não acontecem só entre crentes quantos em outras instituições. Estas apontam para a competição do mercado religioso (da oferta e a demanda) para concentrar sua mensagem e não perder o trem da história, como diz Prandi (1975).

Mudar de religião não significa, contudo apagar a religião anterior. Tudo indica que cada mudança agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade religiosa anterior, a qual pode voltar definitiva ou temporariamente. Mas, esta mudança só acontece quando o crente encontra alguma mudança importante para sua vida cotidiana reordenando necessidades: afetivas, sociais, familiares, carências etc. Suas motivações levam o indivíduo a escolher uma prática religiosa de acordo com as suas necessidades. Daí, acreditar que todo este movimento da secularização e do desenvolvimento técnico instrumental e racional da sociedade favorece o trânsito religioso.

²⁵ Processo pelo qual segundo Berger (2001), algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso. Ao mesmo tempo que na modernidade se deram alguns efeitos secularizantes, ela também provocou o surgimento de poderosos movimentos de contra-secularização

CAPITULO II

OS JOVENS E A RELIGIÃO

No capítulo II, depois de ter abordado de forma geral as mudanças que a religião tem sofrido, falaremos especificamente da influência que esta exerce sobre os jovens. Será feito um breve comentário do que se entende por juventude, procurando desvelar as significações que esta noção foi atribuindo aos sujeitos no curso do tempo. No capítulo anterior falou-se que a pós-modernidade ocasiona uma mudança de paradigmas. Neste capítulo, tenta-se fazer um corte e perceber essas mudanças em relação à religião, como os jovens a relacionam e qual é a sua função, quais são as expectativas que eles têm e por que ela não desaparece de uma vez.

Será feita uma análise a partir das propostas que a igreja católica Latino-americana e brasileira tem para os jovens a partir dos documentos de Medellín Puebla, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e de Santo Domingo, cujas assembléias se realizaram nos anos 1968, 1979, 1992, 1985 respectivamente.

Percorrer este caminho é um desafio e um risco. Desafio enquanto se corre o perigo de estar fazendo colocações desde o ponto de vista *ad intra* ou a partir de uma única experiência, a católica, e um risco enquanto que o trânsito religioso pode ser ou não, conseqüência de uma incompetência (além da influência da secularização na consciência do indivíduo) para oferecer criativa e dinamicamente um espaço para que os jovens possam se sentir bem e realizar suas expectativas.

2.1. Perfil sócio-político-cultural e religioso dos jovens de 16-24 anos

Partindo da reflexão anterior, é muito difícil falar sobre os jovens, porque não é fácil abarcar o amplíssimo marco de realidade e as variadas situações em que vivem, suas raízes e origens étnicas, suas influências culturais e as condições políticas, sociais e econômicas pelas quais também são afetados.

É tão amplo o panorama da juventude que é preciso determinar a que grupo se está referindo especificamente. Segundo Cassab (2001, p. 65). “é preciso ter claro que não é possível, antes de tudo, falar-se de juventude no singular. As múltiplas formas de inserção dos jovens, a partir de suas origens e posição de classe, é que determinarão de que jovens se fala”.

Os mais diversos estudos realizados sobre a realidade juvenil, mostram claramente a grande diversidade de opiniões que existem entre os investigadores. Há muita imprecisão sobre o conteúdo mesmo do termo e sobre o que se quer dizer quando se fala dos jovens e da juventude. Por outra parte, não é fácil concretizar e expressar as motivações e formas de comportamento de uma vida que está em contínua evolução: um jovem é sempre uma incógnita, um convite a deixar os próprios esquemas pré - fabricados e se abandonar ao incerto e

imprevisível.

A sociedade atual mostra pouco interesse pelo desenvolvimento e protagonismo dos adolescentes e jovens. O seu maior interesse é para a produção e aproveitamento da mão de obra barata. Ainda que existam, intentos parciais de aproximação à sua realidade, nos resultam úteis na medida que permitem fazer maiores aproximações e precisões. Em todo caso, trata-se de olhares que não permitem ser exaustivos.

... a juventude constitui em si um período da vida, objeto das atenções afetuosas da pedagogia e da sociedade, ao mesmo tempo, contudo, nós a consideramos com profunda desconfiança e a vigiamos, controlando-a por meio de toda série de instâncias burocráticas. Somente a sociedade dividida em classes da era industrial desenvolve ao máximo a dramaturgia da juventude enquanto portadora enfática de esperanças e de ameaças sociais latentes de um fenômeno de tipo cultural, com conotações tanto negativas quanto positivas, mas de todo modo algo determinante (Schindler, 1996, p. 267).

A juventude identifica com esse período da vida da pessoa distinto da infância e da idade adulta e com uma vida afetiva, moral, cultural e espiritual próprias que devem ser afiançadas e construídas. Trata-se do passo do mundo interior da família ao mundo exterior das responsabilidades, o que supõe percorrer um caminho estreito, cheio de incertezas, temores e esperanças.

...A juventude se caracteriza por seu marcado caráter de limite, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a maturidade sexual e a maturidade, entre a formação e pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de poder. (Levil, Schimitt, 1996, p.8).

Trata-se de uma etapa de busca e crescimento, de construção da

identidade e de um novo lugar no mundo, não se trata de um processo linear, fruto do tecido de relações que vão tendo com diversas instâncias socializantes como a família, a igreja, a escola, os grupos, os vizinhos, os partidos políticos, os meios de comunicação.

A partir do jogo de inter-relações que se dá entre estas instituições e os jovens, se definem as exigências de comportamentos, os limites e as possibilidades de sua atuação, de seu ser e de seu dever ser, todo condicionado pela adesão dos jovens a um grupo social e cultural determinado pela história pessoal de cada um deles. Quer dizer que, nesta idade, o indivíduo forma a consciência moral, a responsabilidade social e o conhecimento do mundo (Rousseau, 1990).

O modelo econômico inspirado no Neoliberalismo tem favorecido a exclusão e a marginalização dos povos Latino-americanos. Em consequência, muitos jovens são vítimas do empobrecimento, da opressão e da marginalização social, da falta de emprego e do subemprego, de uma educação que não responde às exigências de suas vidas, do narcotráfico, da mentira, da injustiça.

Muitos vivem adormecidos e enganados pela propaganda dos meios de comunicação social e alienados por imposições culturais e pelo pragmatismo imediatista que provoca novos problemas em sua maturação afetiva, psicológica e intelectual. Embora toda esta realidade seja tão negativa para os jovens, outros jovens reagem de forma diferente.

Há adolescentes e jovens que reagem ao consumismo e se sensibilizam com as debilidades das pessoas e a dor dos mais pobres. Buscam integrar-se na sociedade, rejeitando a corrupção e gerando espaços de participação genuinamente democráticos... Estão carregados de interrogantes vitais, presentes no desafio de ter um projeto de vida

peçoal e comunitário que dê sentido a suas vidas e assim logrem a realização de suas capacidades (Santo Domingo, 1992, n. 112).

Este grupo que, de uma ou outra maneira, não se deixa alienar, busca seus próprios espaços para se manifestar e conhecer mais profundamente suas raízes.

Toda atividade que promove esta dimensão (música, dança, teatro, festa), é capaz de convocar os jovens para criar seus próprios espaços. Isto traz novas e ricas conseqüências ao acervo cultural e lhes brinda, outras possibilidades de crescimento e enriquecimento pessoal.

Aproximadamente um milhão de jovens sem experiência e sem capacitação profissional entram, a cada ano, no mercado de trabalho, aceitando qualquer tipo e por qualquer salário. Isso provoca a exploração e a redução de salários e a competitividade. Segundo o documento brasileiro em preparação ao congresso latino-americano de jovens,

... dos 27,4 milhões de jovens que há no Brasil (de 15-24 anos), 17,3 milhões são economicamente ativos. Isto significa que dois terços dos jovens trabalham (62% na cidade e 67% no meio rural), representando um terço de toda a população economicamente ativa (de cada três trabalhadores brasileiros um é jovem) (...) estão presentes principalmente na indústria e no setor terciário (comércio, bancos, prestação de serviço). Muitos, no entanto, por estarem em idade de alistamento militar, pela falta de experiência e de registro em carteira, são assimilados pelo mercado informal (catadores de papel, ambulantes, prostituição) e pelo mercado da contravenção (tráfico de drogas, crime organizado, jogo do bicho). Isso faz com que 46 % dos jovens economicamente ativos não tenham carteira assinada, fundo de garantia, INSS, férias, décimo terceiro, e não possam reivindicar seus direitos. (1998, p. 49-50).

Para as jovens brasileiras o mercado de trabalho mesmo que já tenha dado muitos passos, ainda é muito fechado e desigual. As jovens podem fazer o mesmo trabalho que os jovens, mas o salário é mais baixo, muitas vezes são submetidas à perseguição sexual, precisando escolher entre aceitar a proposta ou

ficar desempregada.

Há uma grande desorganização política e administrativa. A corrupção e a falta de participação popular desdizem de uma sociedade democrática, não tendo, mais credibilidade o que, entre os jovens, suscita desinteresse, desengano e falta de perspectiva nas mudanças, sobretudo nos tempos de eleição.

Constata-se um quadro paradoxal quanto à participação política. A maioria não participa de partidos políticos, associações de bairro nem movimentos populares. Os partidos políticos não conseguem mais atingir o público jovem no que diz respeito à sua organização, participação e encaminhamento de políticas alternativas.

Não existe somente juventude alienada. É verdade que até grupos religiosos alienam os jovens, submetem-nos a uma lavagem cerebral, inibem-lhes o uso do senso crítico. Porém, quando se lhes indica uma meta, um objetivo pelo qual vale a pena lutar, se registra quase sempre uma resposta surpreendente. Com seu entusiasmo e com suas percepções formidáveis, os jovens continuam sendo protagonistas de uma benéfica transformação cultural.

Um grande escritor italiano, cego e idoso, declarou:

A juventude pode ser reconhecida através de três sinais essenciais: A vontade de amar, a curiosidade intelectual e o espírito ofensivo... Eu ousou afirmar que, apesar de velho, sinto-me carregado, neste imenso mar da vida, pela grande maré da juventude (Giovanni Papíni, apud Agnelo, 1999, p. 61).²⁶

Concluindo, podemos dizer que a situação dos jovens é fruto da estrutura de nossa sociedade capitalista, que condiciona profundamente a vida deles. Por esta razão, é preciso ressaltar que os jovens não são todos iguais, dependem da

situação social, política, econômica e cultural que divide, a sociedade em classes sociais de interesses contrários.

2.2. Os Jovens e seus próprios conceitos frente à religião.

Um olhar mesmo superficial sobre as publicações feitas sobre os jovens permite ao leitor encontrar a palavra “experiência” como um termo mágico que se impõe em todos os ambientes como uma necessidade forte da vida. Foi constatado, que, a crise de identidade e a busca insaciável do transcendente provocam mudanças radicais. Faz-se necessário captar as discontinuidades do desenvolvimento social moderno porque a história humana não é homogênea, passa-se de uma única religião à diversidade, de um sentido único à ambigüidade que gera insegurança e indecisão. A saída é o fundamentalismo como resposta a essa sede de Deus frente a um mundo tão secularizado. A salvação já não tem seu caráter transcendente, é o aqui e agora, no presente e imediato. O subjetivismo ocupa uns dos principais lugares, que no parecer de Santos (1994) é a construção da própria identidade²⁷. Preocupam-se os jovens com seus sentimentos, sua auto-estima, sua confiança na liberação de seus traumas; não existe mais o sentido de pertença a um determinado grupo religioso e, conseqüentemente, não têm compromisso com seus valores e expressões, suas exigências éticas, seus ritos. Isto não quer dizer necessariamente que exista uma espiritualidade totalmente desligada e um desejo de salvação superficial e vazio,

²⁶ Dom Geraldo Majella Agnelo é o Arcebispo de São Salvador da Bahia e primaz do Brasil.

²⁷ Para explicar isto diz autor que o nome que a modernidade dá à subjetividade é identidade, já que os sujeitos no processo de identificação, vão negociando sentidos que estão sempre em mutação. O sujeito se exterioriza a partir de sua relação com o Outro, que lhe permite humanizar-se e inscrever-se em uma ordem simbólica, na qual busca, ao mesmo tempo, fundir-se e diferenciar-se.

existe um desejo de salvação só que esta tem suas implicações sociais e subjetivas como diz Wilson:

As grandes religiões enfatizam a responsabilidade individual na procura da salvação e, em particular, nas tradições judeu-cristã-muçulmana e budista; si se dirigir especificamente ao indivíduo, a salvação è universalmente acessível, mas, cada indivíduo deve fazer um esforço e uma escolha pessoal. Todavia é necessário entender que ninguém consegue por si só a salvação (Wilson, 1996, p. 44)²⁸.

Os jovens afetados por todas estas mudanças elaboram sua própria experiência religiosa na cotidianidade da vida e não dentro das instituições religiosas como já dissemos anteriormente. Daí a sua adesão aos movimentos religiosos, grupos ou organizações que freqüentemente são considerados periféricos, mas onde eles encontram experiências religiosas, que pelo menos temporariamente os satisfazem. Há jovens abertos a todas as experiências, recolhendo o que lhes interessa de todas as religiões com as quais entram em contato e das quais elaboram seus próprios conceitos. Misturam com muita liberdade e sem preocupação de dissimular, elementos das religiões cristãs e africanas, das seitas e filosofias esotéricas, sentem-se atraídos pelos valores da paz, de bem-estar pessoal, de segurança, de integração com o universo e a iluminação interior, mantendo a religião presente com sua proposta de tranquilidade para o momento, aplacando estas ansiedades e alentando crenças e práticas.

²⁸ Le grandi religioni enfatizzano la responsabilità individuale nella ricerca della salvezza e, in particolare nelle tradizioni giudaico-cristiana-musulmana e buddista, ci si rivolge specificamente all'individuo a salvezza è universalmente accessibile ma ogni individuo deve fare un sforzo o una scelta personale. Tuttavia bisogna anche chiarire che nessun individuo si ritiene in grado di conseguire da solo la salvezza. Texto traduzido pela autora do original.

Se anteriormente a religião tinha a função de reencontro, de coesão social, de solenizar a ordem social e prescrever a ordem moral, “no momento, suas funções se determinam mais para conferir identidade aos indivíduos e grupos, ser instrumento de expressão e regulamentação das emoções e reforçar o senso de identidades derivadas de outras associações e afiliações, respondendo às demandas do mercado em forma conclusiva e total” (Wilson, 1996, p. 45-48).

Alguns jovens, embora pertençam a famílias praticantes, rejeitam a religião, outros são indiferentes, outros ainda se afastam por não encontrarem sentido na sua vida e, ainda outros são sensíveis ao fenômeno religioso²⁹. Porém muitos vêem Deus como um deus mágico que resolve todos os problemas.

Os jovens não estão preocupados em apreender doutrinas de uma ou outra Igreja, o importante é se sentir bem e encontrar grupos afins para viver intensamente o momento. Manifestam um profundo desejo de experiência espiritual e anseio do transcendente que assegure suas incertezas, já que não pode mudar as coisas e as condições de vida, sente -se limitado e necessitado de “alguém” que dê sentido a vida da sociedade, vida esta com tanta desigualdade que provoca frustrações e infelicidade, o que Braian Wilson (1996, p. 46) chama de “função latente”. Esta função possibilita aos jovens enfrentar o mundo e a se encorajar para enfrentar os riscos que irão viver. Diz Durkeim que “o homem que obedece a seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrenta o mundo com confiança e com o sentimento de energia fortificada” (1989, p. 264).

Na nossa análise, teríamos que ter presente que, quando falamos destes novos conceitos nos jovens de periferia, poderemos constatar que as mudanças

²⁹ Afirmação feita com base nas pesquisas realizadas em Itaberaí com jovens entrevistados em agosto, 2002. É significativo o número de jovens que são sensíveis ao fenômeno religioso. De 140 pesquisas só 1 respondeu que não acredita em Deus.

também se dão de forma significativa. Os conceitos religiosos mudaram e os jovens se vêem influenciados por estas mudanças da sociedade como veremos no próximo capítulo. Entre eles nota-se um despertar religioso que tem sua origem na crise econômica, ou no vazio existencial (porque o jovem de periferia sempre tem menos possibilidades) ou provocados pela conversão ou engajamento concreto com os mais pobres. Seja pelas motivações mais simples, seja por razões existenciais, ou seja, por insignificante convite, qualquer razão justifica a presença desta explosão religiosa que os jovens buscam onde apoiar suas crenças, como diz Fernández, Antonio L. e De Moraes (2000, p. 32), “Numa época de crises como a nossa, a religião ainda é capaz de dar sentido à vida da pessoa humana. É isso que o mundo está re-descobrimo”.

2.3. Contextualização das mudanças religiosas na América Latina

Depois de ter refletido sobre os conceitos de secularização e como esta afeta diretamente a vida do indivíduo e da sociedade, vale a pena enfatizar neste capítulo, como estas mudanças, no contexto dos grandes câmbios econômicos, sociais, culturais e religiosos que atravessam o mundo, inclusive América Latina e o Brasil, estão sendo afetados por profundas transformações em todos os níveis da vida social, para descobrir como, neste contexto, as novas gerações produzem seu próprio sentido, buscam estruturar sua identidade e afirmar suas orientações em estruturas simbólicas transcendentais. Com efeito, estamos na era da cultura audiovisual e os jovens são os primeiros a identificar e perceber os novos códigos culturais que substituem a cultura oral e escrita da sociedade moderna.

Pode-se ressaltar também um dado que interessa à religião, sem chegar a fazer afirmações históricas. Mas, pode-se colocar duas idéias importantes para perceber estas mudanças.

Sempre se acreditou que a religião chegou a nosso continente graças aos espanhóis e aos portugueses, mas nunca se valorizou a experiência religiosa autóctone. Embora seja América Latina um continente empobrecido, tem condições de enviar missionários/as a qualquer parte do mundo.

Os missionários de outras igrejas também vieram do exterior, só que hoje podemos perceber que existem experiências totalmente autênticas que foram surgindo em nosso meio a partir de experiências individuais.

Com isto, objetiva-se dizer que os câmbios acontecem e originam experiências novas nem sempre tão negativas ou destruidoras.

2.3.1. Surgimento de novas alternativas religiosas

Olhar com um pouco de atenção o panorama religioso latino-americano pode-se advertir também novas tendências e correntes que se desenvolvem de acordo com os câmbios culturais indicados.

Há três décadas, o panorama religioso na América Latina estava em ebulição. Junto às profundas renovações eclesiais provocadas no catolicismo pelo Vaticano II, surgiram grupos de cristãos comprometidos que junto com algumas alas da Igreja hierárquica iniciavam com Medellín, em 1968, uma opção pelos pobres e sua liberação integral. Assim, entre o auge dos movimentos populares e a teologia da libertação surgia das vertentes católicas e protestantes um novo paradigma de interpretação que a partir da fé, apontava aos mais desfavorecidos.

No começo do século XXI, estamos presenciando a multiplicação de movimentos milenares de tipo religioso e o pouco crescimento dos movimentos adventistas, testemunhas de Jeová, mórmons e outros. Nesta nova realidade, pode-se ver que não se trata só do surgimento de novas religiões populares, senão de velhas que se revitalizam (Parker, 1996). Embora considerando que o catolicismo é uma religião muito antiga, não nos devemos surpreender se na América Latina a adesão ao catolicismo tem-se reduzido nos últimos cinquenta anos e, pelo contrário, a adesão a outras religiões, protestantes ou evangélicas, sincréticas de origem autóctone, afro-americanas, místicas ou esotéricas têm crescido consideravelmente.

Tudo indica que o religioso latino-americano tem sofrido o impacto dos câmbios culturais caracterizados pelos processos de globalização e a inserção das economias latino-americanas no mercado capitalista transnacional em trânsito para uma sociedade global pós-industrial. Processos provocados pelas crises dos regimes socialistas, crise da política no mundo ocidental e as repercussões na sociedade latino-americana, provocaram opressão, desigualdade, violência e injustiças que foram caracterizando no nosso continente. (Pace, 1997).

2.3.2. Novo papel das igrejas e movimentos religiosos

Frente a esta situação, a igreja católica e algumas igrejas protestantes reagiram, defendendo os direitos humanos violados. As igrejas, que durante os regimes autoritários cumpriram um papel importante na articulação da sociedade civil, retomaram seu rol específico no campo religioso devido à crise da política

tradicional, do desinteresse do povo e dos movimentos políticos em todo o continente que debilitaram a democracia da sociedade, abandonando-as a correntes neopopulistas encabeçadas por líderes carismáticos como Menem, Fujimori, Bucarám, Chávez e outros transformando a política num verdadeiro espetáculo (Castells, 1998)³⁰.

Os novos movimentos religiosos aparecem, fortalecendo-se neste contexto e afixam suas opções espirituais, apresentando-se como meios de salvação frente à crise moral da sociedade, tanto como frente à persistência da miséria, injustiça da violência que os processos de recuperação, e ajuste econômico não tem podido solucionar³¹.

É frente a estes desafios que o religioso cobra sentido e que as igrejas tendem a redefinir o espaço e o rol no qual atuam e no qual se sentem cumprindo sua missão. Assim a diminuição da hegemonia da igreja católica e o incremento do protestantismo são fonte de redefinições. Isto significa a entrada de novas instituições religiosas no espaço público e nas relações estado – sociedade (Bastian, 1992). Assim, as igrejas evangélicas buscam-se legitimar na sociedade global e convertem se em interlocutores do campo político, como se pode ver nas eleições, aqui, no Brasil.

2.4. Propostas da igreja católica para os jovens de hoje

Olhando as mudanças que estão acontecendo e o contexto conflitivo

³⁰ Presidentes da República dos países a seguir: Argentina, Peru, Equador e Venezuela respectivamente.

³¹ Ver a modo de ejemplo: carta sobre el Neoliberalismo de Superiores Jesuitas de América latina, de 1996; y "Normas Morales sobre los ajustes estructurales y las medidas de reforma económica", del Grupo Religioso ecuménico de trabajo sobre el Banco Mundial y el Fondo Monetario Internacional, mayo de 1997. Ver también Parker, 1998.

político e religioso, a igreja católica se vê frente a um grande desafio e percebe a necessidade de responder às expectativas atuais e se acomodar a uma linguagem diferente frente aos jovens de nossa sociedade.

A igreja faz uma opção pelos jovens a partir do concílio Vaticano II:

A Igreja os olha com confiança e amor...Ela tem o que faz a força e o encanto da juventude: A faculdade de alegrar-se com o que começa, de dar-se sem recompensa, de renovar-se e começar de novo para novas conquistas. Olhem e vejam nela o rosto de Cristo, o herói verdadeiro, humilde e sábio, o profeta da verdade e o amor, o companheiro e amigo dos jovens (Apostolicam Actuositatem, n. 12).

A igreja quer se recriar através da juventude e vê nela um sinal de esperança, um sinal de fé, de renovação de si mesma³², reconhece toda sua potencialidade e suas limitações, aproveitando de sua energia em favor do bem.

O Papa, continuamente, está exortando a juventude a ser missionária de outros jovens a fim de que a mensagem de Cristo chegue a todos e se revitalize a fé na igreja. Por isso, na mensagem que o Papa escreveu para a XVII jornada mundial da juventude, faz uma exortação direta para os jovens pensarem na missão que eles têm no mundo como escolhidos de Jesus:

Queridos jovens, Cristo os chama a serem os anunciadores e testemunhas dessa esplêndida verdade. Ele os chama para serem os apóstolos da sua paz. Construam a paz em todas as situações em que vivem cotidianamente: na família, na escola, entre os amigos, no esporte e no tempo livre... Estejam sempre prontos à escuta, ao diálogo, à compreensão. Saibam unir a coragem e a mansidão, a humildade e a tenacidade no bem. Aprendam do divino Mestre que a verdade não se afirma com a violência, mas com a força da própria verdade. Seguindo a lição do Evangelho, mantenham sempre unidos a justiça e o perdão, porque a paz verdadeira é fruto de ambos. Animados pelo Espírito de Jesus, amem quem não os ama e queiram bem a quem não lhes quer bem, para que cresça no mundo o Reino de Deus, que "é justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 14,17). Desse modo, caríssimos, serão realmente construtores de unidade e de paz.

³² Cf. Lumen Gentium n.48 e Sacrosantum concilium n.2.

Queridos jovens e, queridas jovens sejam apóstolos da paz! Gostaria de repetir a vocês as palavras que pronunciei em Assis, no dia 24 de janeiro deste ano, por ocasião da Jornada de Oração pela Paz: «Jovens do terceiro milênio, jovens cristãos, juventudes de todas as religiões, pedem-vos que sejais, como Francisco de Assis, "sentinelas" dóceis e corajosas da paz autêntica, baseada na justiça e no perdão, na verdade e na misericórdia! Caminhei rumo ao futuro conservando alta a chama da paz. O mundo tem necessidade da sua luz!»

Que Maria Santíssima os ajude, pois ela ama como o próprio filho cada discípulo de Jesus. Queridos jovens, também vocês amem Maria como sua Mãe, e deixem se sempre guiar por Ela no caminho da vida. Eu os acompanho com grande afeto e lhes mando de coração uma Bênção especial³³.

O 25 de Julho de 2001 o Papa dirigiu-se aos jovens com a seguinte mensagem:

No atual contexto de secularização, quando muitos dos nossos contemporâneos pensam e vivem como se Deus não existisse ou deixam se atrair para formas irracionais de religiosidade, é necessário que precisamente vós, amados jovens, reafirmeis a fé como uma decisão pessoal que compromete toda a existência. Que o Evangelho seja o grande critério que guia as opções e os rumos da vossa vida! Tornar-vos-eis assim missionários por gestos e palavras e, por todo o lado onde trabalhades e viverdes, serem sinal do amor de Deus, testemunhas credíveis da presença amorosa de Cristo. Nunca esqueçais: «Não se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire» (Mt 5,15)³⁴

Com esta carta o Papa deixa claro o interesse pessoal que tem pela juventude. Convida aos jovens a despertar em si o espírito missionário para ser mensageiros da Palavra para outros jovens como uma resposta às suas necessidades. Por isso, declara e pede para que toda a igreja se mantenha numa atitude de escuta para compreender os sinais que eles mesmos produzem.

2.4.1. Os jovens como sinal de vida e profetismo para a igreja latino-

³³ JOANNES PAULUS II Discurso realizado em Assis, 24.01.2002. Em: L'Osservatore Romano, ed. portuguesa, n. ° 4 p. 5. Vaticano, 18 de maio de 2002.

³⁴ JOÃO PAULO II *Castelgandolfo, 25 de Julho de 2001.*

americana

Apesar da longa caminhada da Igreja latino-americana e em seus discursos mostrar uma opção clara dos jovens nas suas estruturas, para muitos as opções e o acolhimento ficaram sem ser uma realidade, não passou de grandes reflexões. Porém existem também pequenas conquistas de participação que os jovens tem ido ganhando como se pode ver nos documentos.

A igreja latino-americana tem visto na juventude um sinal de si mesma e um convite a uma constante renovação. Tem expressado o desejo de auscultar atentamente as atitudes dos jovens e promovê-los para uma ativa participação nas tarefas humanas e espirituais. Tendo em conta seu papel mais decisivo no processo de transformação do continente e seu papel na missão profética da igreja, esta se propôs desenvolver uma autêntica pastoral da juventude que lhe permita uma plena participação na comunidade eclesial, assumindo conscientemente seu compromisso temporal.

Reconhecendo, na juventude, um verdadeiro potencial para o presente e para o futuro da evangelização, reafirmou esse compromisso, fazendo uma opção preferencial pelos jovens enunciado em Medellin (1987, n.5, p. 59), Puebla (1979, n.1186) e posteriormente reafirmado em Santo Domingo (1992, n. 114) organizando uma pastoral juvenil orgânica (1992 n. 119).

No documento de Medellin (1987, p. 3), a igreja sente a necessidade de reafirmar sua opção e concretizar melhor suas propostas que ainda não estavam muito claras na prática e, organiza dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica pastoral da juventude. Sua intenção é elaborar “uma pedagogia orgânica da juventude através da qual estimule no jovem uma sólida formação humana e

cristã e se apóiem os esforços em adquirir uma autêntica personalidade” (1987 p. 64).

O documento de Puebla apresenta também sua “opção pelos jovens com vista na sua missão evangelizadora no continente” (Puebla, 1979, n. 1186). Retoma a pastoral orgânica diferenciada que leve em conta a realidade social dos jovens de nosso continente, atenda ao aprofundamento de sua fé, oriente sua opção vocacional, lhes ofereça elementos claros para sua formação política de tal forma que se convertam em elementos de transformação tanto da sociedade como da igreja.

Em 1992, na IV Conferência do episcopado latino-americano (Santo Domingo), os Bispos se preocuparam mais com a formação humana e o crescimento da fé dos jovens e adolescentes, motivo pelo qual puseram ênfase no sacramento da confirmação com a intenção de fortalecer o compromisso apostólico dos jovens, para que os capacitasse a responder aos impactos culturais e sociais (n.116), para que os despertasse na criatividade e à pedagogia dos sinais, respeitando sempre os elementos da liturgia (n.117); abrindo aos jovens espaços de participação na igreja que os integrasse no crescimento da fé no processo de crescimento humano, tendo em conta os diversos elementos, como o esporte, a festa, a música, o teatro.

2.4.2. Os jovens: Prioridade da Igreja católica no Brasil

Nesta mesma dinâmica, a igreja católica no Brasil assume na sua organização como prioridade o trabalho com os jovens. Muitos documentos da CNBB fazem referência ao trabalho e às forças que se devem investir com os

jovens tanto nas dioceses como nas paróquias.

A Igreja fez opção preferencial também pelos jovens, pela solicitude que deve ter por vocês nesta fase importante da vida e porque vocês são um potencial privilegiado de evangelização e libertação integral dos povos da América Latina.

Nós, Bispos, nos propomos a: escutar, tentar compreender e levar a sério o que vocês nos têm a dizer; acolher, com alegria, a participação da juventude na Pastoral de Conjunto; valorizar os líderes da Pastoral da Juventude e os seus assessores; apoiar a Comissão Nacional de Pastoral da Juventude, bem como os organismos de coordenação regional e diocesana (...), dedicar, com empenho, tempo e recursos à Pastoral da Juventude (1985, n. 33)³⁵.

A Pastoral da juventude (PJ), organiza-se através dos pequenos grupos da cidade ou do meio rural, nas escolas e nas comunidades, com coordenações nos diversos níveis (comunidade, paróquia, área, diocese, regional e nacional) formando assim a PJ orgânica, como dizem os documentos da CNBB:

Para isso, a Pastoral da Juventude tem o jovem como sujeito e como "apóstolo dos outros jovens", assumindo as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, articulando-se nos vários níveis com coordenações, planejamento e acompanhamento e integrando-se nas comunidades e com as demais pastorais na construção de uma Pastoral de Conjunto. Quer ser uma pastoral inserida na realidade e que responda às aspirações e necessidades dos jovens, promova seu encontro pessoal com Cristo e seu Projeto Libertador para um compromisso na Comunidade de Fé e na transformação da sociedade. É comunitária e participativa, onde se ensaiam novos relacionamentos, mas também missionária levando a todos os jovens, pela palavra e pelo testemunho de vida, a novidade do Evangelho (1991-1992 n. 133).

Estes grupos surgem geralmente a partir dos grupos de crisma, adolescentes, convites, cursos, encontros e outros, tentam abranger todas as necessidades dos jovens com cursos de: afetividade e sexualidade, psicologia, eclesiologia, cristologia, espiritualidade, teologia da libertação, análise de conjuntura e outros. Suas celebrações são mais inovadoras, menos racionais.

Busca-se vincular os elementos da cultura popular: instrumentos musicais, o uso do corpo, a dança, e o espaço celebrativo.

O método de trabalho é: ver-julgar-agir-rever e celebrar com a finalidade de criar uma consciência crítica:

O método principal é o Ver-Julgar-Agir-Rever-Celebrar, que garante a interação entre a formação teórica e a prática, a fé e a vida, o grupo e a comunidade que o envolve. A evangelização dos jovens e a formação de lideranças se dão através de um processo gradual que exige respeito às etapas; essa formação busca atender às dimensões pessoais, social, política-cultural, teológica e metodológica. (CNBB, 1991-1992 n. 133).

Existem outras organizações juvenis que têm origens e características diversas. Podem ser vistos em dois grandes grupos: Os movimentos apostólicos e os movimentos eclesiais. Entre os movimentos apostólicos estão os que desde longa data, reúnem jovens em torno do ideal de associações voltadas para o testemunho e ação caritativa social como: grupos da Legião de Maria e dos Vicentinos; outros como movimentos de cursinhos e de casais jovens, cuja finalidade é engajar os jovens em alguma ação apostólica em nível paroquial ou nas periferias pobres.

Também encontramos outros movimentos mais abrangentes que nasceram nos Estados Unidos e na Europa e se difundiram pelo mundo inteiro. Entre eles temos: o movimento GEN³⁶, ligado aos focolares, que se caracterizam por apresentarem propostas de vida e de ação eclesial. Outros como os carismáticos dão relevo à oração e ao processo de libertação e cura da alma.

Todos estes movimentos são reconhecidos dentro da igreja como espaços determinados para os jovens que ajudam na sua própria formação e a

³⁵ Os documentos publicados neste fascículo correspondem ao período que se segue à assembléia de 1984 inclusive. Foi editado, em fascículos separados, o documento carta aos agentes de pastoral e as comunidades. Escritos por Luciano Mendes de Almeida, secretário geral da CNBB, Brasília, 26 de Setembro de 1985.

revitalização da própria igreja.

O futuro da sociedade e da Igreja depende da capacidade de escutar o que acontece no mundo juvenil, de respeitar a sensibilidade própria do jovem que vive o momento presente, de encontrar novas soluções práticas e de pressentir novos rumos. Trata-se de aprender do jovem e deixar-se evangelizar por ele. Não há neles apenas contra-valores. Ao contrário, há valores novos, que, em geral, só o jovem é capaz de criar e desenvolver. O jovem é garantia da juventude da Igreja (CNBB, 1983-1986, n.115).

2.5. Conclusão

No final deste capítulo, chega-se à conclusão de que as mudanças sociais não acontecem isoladamente, mas em sua totalidade, uma coisa influenciando a outra. Mudanças que muitas vezes não temos tempo de perceber e entender tão rápido tal como se apresentam, porém somos envolvidas por elas que ocasionam também mudanças em nós.

Olhando a caminhada da igreja na América Latina e no Brasil. bem como o surgimento dos movimentos religiosos como uma resposta a tantas incertezas, poderíamos pensar que a religião hoje continua sendo uma força extremamente necessária que possibilita à humanidade explicar ou agüentar tanto sofrimento e insatisfação.

Olhando a realidade de América Latina, constata-se também, a imagem de uma América acentuada pelo pluralismo religioso, que se tem consolidado nas experiências religiosas próprias originadas por todas as mudanças sociais provocadas pelo sistema. Por esta razão, as igrejas repensam seu papel a fim de

³⁶ Movimento internacional, presente em 182 países que procura, através de seu ideal da unidade, contribuir para a fraternidade universal.

estarem aptas a responder aos desafios de um mercado que lhes exige um dinamismo totalmente diferente daqueles que elas tinham pensado.

Nesta realidade, já falando da igreja católica, desde Vaticano II, começa a perceber estas mudanças aceleradas da sociedade e o desafio que lhe vem da juventude. Por isso, elabora um programa de trabalho que passa por Medellín, Puebla e Santo Domingo para ser concretizado. Vemos com muita clareza que esses esforços da igreja, para atender à juventude, não foram em vão, porém vê-se que a metodologia usada, pouco consegue chamar a atenção dos jovens. Seus esforços começaram concretamente ao ir até a própria realidade dos jovens, atendendo as suas necessidades de desenvolvimento integral, mas, em Santo Domingo, parece ser que o interesse da igreja está voltado, mais para a questão sacramental e, a partir dela, aprofundar a experiência de Deus nos jovens, pondo mais ênfase no aspecto espiritual. Talvez isto tenha provocado, junto com as questões sociais, o desinteresse dos jovens em assumir compromisso e se expressar hoje com uma característica bem diferente dos jovens dos anos 1970-1980 que é o individualismo. Já não tem o alicerce da formação e do acompanhamento do qual falavam Medellín (1987, n.64) e Puebla (1979, n. 1186) que levava aos jovens a serem instrumentos de mudanças concretas. Isto também se pode observar no Brasil: a Pastoral da Juventude, conta com todo o apoio necessário para ser uma pastoral bem organizada, mas o apoio dos padres, já na base, é limitado, portanto os jovens ficam sem formação, caminham sozinhos e se enfrentam com grandes problemas para resolver. O Brasil é o país pioneiro, na América Latina, em realizar um trabalho bem organizado que ainda consegue formar seus jovens com repercussão na sociedade.

CAPITULO III

OS JOVENS DA CIDADE DE ITABERÁI E O TRÂNSITO RELIGIOSO

Neste último capítulo, desenha-se o objetivo de nosso trabalho. Nele, estão contidas todas as constatações referidas nos capítulos anteriores sobre o trânsito religioso através das pesquisas de campo efetuadas na cidade de Itaberaí – Goiás.

Este capítulo é o ponto de chegada de toda a reflexão até, aqui, empreendida e, em certa medida, é também um retorno no ponto de partida, pois da composição feita dos elementos teóricos, busca-se reconstruir a síntese apresentada nos primeiro e segundo capítulos, agora com uma nova dimensão conferida pelas pesquisas de campo.

Trata-se, no primeiro momento, do impacto que a secularização provoca também nas cidades do interior, em um contexto de uma juventude em desenvolvimento e, a partir deste traço, busca-se reconhecer as condições

contemporâneas de vida desses jovens, abordando os novos conceitos religiosos que se consolidam na sociedade pós-moderna para compreender o passo do trânsito religioso de alguns jovens, na faixa etária de 16-24 anos, que moram na Fernanda Park, em Itaberaí. Ver-se-á como a igreja católica de Itaberaí e outras igrejas evangélicas, apresentam suas propostas para os jovens a partir destas influências e como os jovens respondem a elas. Serão apresentados os gráficos das pesquisas para poder verificar o fenômeno do trânsito religioso que aparentemente não tem repercussão, mas que mudam as formas de compreender a juventude.

3.1. O impacto da secularização na cidade de Itaberaí

A cidade de Itaberaí³⁷ é uma cidade pequena a 86 Km aproximadamente de Goiânia. Sua administração, como muitas outras cidades do interior se mantêm do monopólio familiar. As periferias da cidade crescem cada dia mais, não têm fonte de trabalho; apenas uma empresa de frangos chamada “super frango” que emprega os jovens da cidade, em condições de exploração. Não há muitas alternativas de estudo, já que as únicas especializações a nível universitário são: a faculdade de pedagogia e a de história e, só recentemente se está organizando a universidade Padrão que é particular.

Itaberaí está em uma área agrícola, de terras produtivas, lamentavelmente concentradas em poucas mãos. Por isso, temos, na região, a presença dos movimentos que lutam pela terra como: o Movimento dos sem Terra (MST), Movimento sem Terra Liberal (MSTL), sindicatos e outros, além de ter em volta do

município muitos acampamentos e assentamentos como uma alternativa de sobrevivência.

A cidade de Itaberaí originou-se da reunião de fazendeiros da região, que em meados do século XVIII, limpavam as matas do Rio das Pedras para suas plantações. Com o passar do tempo, com as rezas e ladainhas nas casas dos fazendeiros, resolveu-se edificar uma pequena capela em louvor a nossa Senhora D'Abadia, que se tornou padroeira da localidade. A capela foi construída não muito distante de um curral ali existente, advindo daí o nome da povoação por mais de um século conhecido por "Curralinho".

Em Curralinho, duas festas eram celebradas anualmente. A festa de Nossa Senhora D'Abadia, padroeira da cidade, em 15 de Agosto e do Divino Espírito Santo, cuja data obedecia ao calendário da Semana Santa sendo por isso variável. Outras festas importantes se celebravam: A festas de nossa Senhora do Rosário e de São Sebastião (Moreira, 1992, p. 563).

A festa da Padroeira revestia-se de um caráter solene na cidade. Esta solenidade era remarcada segundo a escolha de festeiros. Os nomes a serem escolhidos correspondiam àqueles que contribuía com certa importância destinada à igreja, escolhidos entre os cidadãos mais abastados, que tinham condições de arcarem com as despesas da festa que, comumente, resultavam em déficit. Juntamente com o sorteio do novo festeiro, procedia-se ao do Mordomo do Mastro e Juizes de Novena, em número de nove. Uma vez eleitos, tocavam a banda e cumprimentavam os organizadores da festa que desde esse momento assumiam simbolicamente o seu cargo.

Começavam os preparativos da festa dois meses antes. Construíam barracas para o leilão e se faziam nove dias de reza. No sétimo, oitavo e nono

³⁷ Nome indígena que quer dizer rio das pedras brilhantes.

dia, pela madrugada, a banda de música percorria as ruas da cidade, com foguetórios, as matinas. Havia grande produção de doces de todo tipo. No dia da festa, logo pela manhã, o povo (vestido com roupas de festa) reunia-se na casa do festeiro para formar o cortejo a fim de levá-lo à Igreja.

Fazia parte do cerimonial dos festeiros a distribuição de medalhas feitas de açúcar e polvilho, nelas impresso o emblema de nossa Senhora. Neste dia, o povo da cidade já tomava parte, notadamente a juventude que organizava caravana e se incorporava aos foliões, no alto da cidade. A festa terminava com a celebração da missa e uma grande confraternização (Pinheiro 1978).

A festa de nossa Senhora da Abadia continua sendo a mais importante da cidade de Itaberaí. Celebra-se no 15 de agosto, precedida de pré-novenas que consistem em uma missa celebrada pelo padre e leilões a fim de arrecadar dinheiro para a igreja; a novena que começa, no dia 6 de agosto e vai até o dia da festa. Na praça principal da cidade, se montam enormes barracas com todo tipo de artigos e na igreja são realizados os leilões tradicionais. Os festeiros continuam sendo os mais pudentes da cidade. A festa religiosa envolve todas as comunidades dos diferentes bairros da cidade, delas participando: crianças, jovens e adultos.

A festa da Padroeira, em Itaberaí, manifesta uma vitalidade muito profunda por sua afetividade, pelo ritualismo expressivo, pela exteriorização e pela profundidade de suas devoções, nas práticas tradicionais.

Podemos constatar as grandes mudanças acontecidas, nesta cidade, que começaram com grande espírito de catolicismo e hoje se vêem influenciadas por vários grupos religiosos que quebraram de certa maneira toda a hegemonia que exercia a igreja Católica com suas devoções.

Uma característica comum na cidade e, nas vilas são os diferentes templos religiosos. Esse fato chama a atenção porque sinaliza um fenômeno que se consolidou em toda a sociedade brasileira contemporânea. A presença desses templos religiosos tem suscitado muitos desafios para a igreja católica.

Neste sentido percebe-se que esta precisa urgentemente se adaptar à mensagem evangélica ao mundo contemporâneo, sendo que isto implica em manuseio de novas tecnologias de informação e comunicação, sem perder suas convicções e tradições.

Pode-se notar também uma rápida transição da cultura rural para a cultura urbana. A população urbana, que não atingia 35% do total, em 1970, está hoje próxima dos 75% (Rena, 2001). Além desse fenômeno global de migração do campo para a cidade, envolvendo boa parte da população, há um fluxo migratório constante e parcelas significativas da população trabalhadora (bóias-frias, garimpeiros etc.), que vivem em permanente instabilidade e, muitas vezes, em condições subumanas. Esses fenômenos contribuem para a desagregação da família e da cultura tradicionais, sem introduzir condições de vida moderna ou mesmo, simplesmente, suportáveis. No plano religioso, permanece no povo uma religiosidade de fundo, que se expressa de muitas maneiras: rezas, peregrinações, celebrações de semana santa, festas de santos e outros (Rena, 2001).

Na cidade de Itaberaí, quase todos os jovens acreditam em Deus e, os que declaram "não acreditar em nada" não passam de 1% a 1,5%. A porcentagem dos que se declaram católicos, porém, continua diminuindo lentamente, na medida em que se difunde o pluralismo religioso. Estes dados do município são confirmados nas pesquisas de Rena:

Estimativas recentes fazem pensar que o número atual dos católicos se aproxime de 85% da população. Ao mesmo tempo, cresceu o número dos seguidores de outras religiões. Os evangélicos (protestantes tradicionais e pentecostais) hoje, podem ser estimados em cerca de 8% da população (2001, p. 28).

O grande percentual dos que estão desligados de qualquer prática religiosa católica coincide com expressivo número dos que têm enfraquecido os laços religiosos tradicionais. Não se identificam mais com suas devoções antigas, nem aderiram à nova situação da igreja. O mais comum é que muitos jovens abandonem a igreja católica e se filiem a outras denominações³⁸.

O desejo de autonomia do jovem, sujeito livre, dono de si mesmo, senhor da natureza, construtor do seu mundo, manifesta-se — em larga escala, através da emergência não apenas da reivindicação sempre mais consciente e difusa de direitos individuais e de participação, mas também em múltiplas formas de expressão e de defesa da subjetividade. Pode-se citar como exemplo: a recusa de sacrificar a felicidade pessoal a ideais coletivos que se tornaram incertos, a busca de realização no plano afetivo, com uma conseqüente valorização da vida sexual, a busca de liberação de papéis impostos pela sociedade tradicional, em favor de maior liberdade de escolha subjetiva; a reivindicação de uma efetiva igualdade de direitos para todas as pessoas, a procura de uma espiritualidade mais pessoal, menos padronizada por esquemas exteriores e menos diluída nas práticas coletivas e comunitárias.

Começa-se a perceber também outro fenômeno que revela a tendência ao individualismo: a diminuição do número de membros, particularmente nas camadas mais abastadas. A pós-modernidade pode proporcionar um

desenvolvimento mais autêntico da pessoa, para assumir de maneira mais livre a configuração de sua vida. Homem e mulher sentem-se protagonistas de sua realização pessoal, rica de possibilidades, sem a rigidez das funções que a sociedade tradicional lhes impunha. Aí se pode encontrar um dos pilares da tradição cristã, que afirma o valor da pessoa humana, de sua liberdade e de sua realização integral. Mas existe também a possibilidade de interpretar ideologicamente a autonomia humana de forma radical, em oposição a qualquer reconhecimento da transcendência, podendo cair na auto-suficiência e até mesmo no ateísmo.

Os jovens constatarem que vivem num mundo pluralista, onde coexistem lado a lado grupos humanos que possuem cultura, religião, valores morais diferentes; que há uma sociedade promovendo o individualismo, incentivando a opção pessoal, defendendo em princípio a liberdade de pensamento e de religião, que aos poucos, gera um mundo diferenciado e pluriforme.

A maioria, geralmente, permanece ligada às grandes religiões tradicionais, seja por simples adesão formal ou ocasional, seja pela participação plena e ativa. Outros preferem grupos novos, fervorosos, exigentes, às vezes, esotéricos³⁹.

3.2. A Igreja católica de Itaberaí e o envolvimento dos jovens

A Igreja de Itaberaí é uma comunidade ativa, formada por 48 comunidades (urbanas e rurais), nela se realizam todos os sacramentos e as pastorais nas quais se criam espaços de participação para os jovens. Estes são atraídos

³⁸ Dados da pesquisa recolhidos em julho 2002 que serão conferidos posteriormente.

³⁹ Dados recolhidos na pesquisa de Julho-Setembro 2002.

especialmente pelas celebrações onde podem expressar sua fé por meio de símbolos, teatros, e cantos.

A Igreja de Itaberaí pertence à Diocese de Goiás, que por muito tempo foi considerada uma Diocese “avançada”. Caracterizava-se aparentemente pela participação e a formação das lideranças num compromisso social muito forte, só que na realidade estas lideranças eram escolhidas sem a participação do povo, mas por nomeação pessoal dos dirigentes. Tentavam estabelecer a igreja do evangelho e eliminar a idolatria dos santos dando privilégio à palavra de Deus, como tinham entendido a partir do Vaticano II, e tentaram tirar do povo suas expressões peculiares de religiosidade popular, mas não conseguiram.

Constatamos que apesar desta igreja ter como princípio a formação e participação das lideranças, a caminhada dos jovens não teve muito alicerce Pois trata-se de uma geração enfraquecida a nível religioso, mas ao mesmo tempo tradicional, buscando nas múltiplas propostas, uma experiência pessoal e individual, que aproveita de tudo o que vem para viver o momento.

A igreja de Itaberaí, embora seja uma igreja de cuja caminhada participam muitos leigos, falta-lhe dar alguns passos na descentralização das decisões e na participação dos jovens como protagonistas de seu próprio processo. Mesmo com a existência de oito grupos de jovens, falta um acompanhamento na sua caminhada e da descoberta de seu papel como homens e mulheres na igreja e na sociedade.

Assim, pode-se concluir que mesmo a Igreja, tendo clara sua opção pelos jovens, nem sempre consegue tornar realidade em todas as paróquias suas opções. Mesmo assim, existem alguns jovens corajosos que levam para frente às propostas e ajudam a definir o trabalho com a juventude.

Fernanda Park é uma comunidade grande periférica de Itaberaí formada aproximadamente faz 9 anos por pessoas que não tinham moradia. Segundo o censo demográfico feito na cidade, a maioria das pessoas são desempregadas ou diaristas, com um grande índice de analfabetismo entre os adultos e os jovens. A população total da cidade no ano 2000 era de 27.879 habitantes, de 0-4 anos 2434, de 5 a 9 anos 2623; de 10-19 anos 5640; de 20-29 anos 5007; de 30 a 39 anos 4478; de 40-49 anos 3284; de 50 a 59 anos 2164 e de 60 anos –mas 2246⁴⁰.

Como podemos perceber trata-se de uma população não idosa, mas que na realidade devido ao trabalho forçado é muito doente. Da totalidade da população aproximadamente existem 2000 famílias na Fernanda Park.

Por esta razão a igreja católica como os movimentos pentecostais têm privilegiado seu trabalho pastoral, neste lugar. Aqui, se desenvolve um trabalho pastoral com crianças, jovens e adultos. Nela, o trabalho está centrado nas comunidades eclesiais de base (CEBs). Suas pastorais se organizam a partir delas e em cada setor. A comunidade abriga sete pequenos grupos (CEBs), pastoral da criança, infância missionária, grupo de adolescentes e jovens, coral de crianças, catequese, batismo, ministros de Eucaristia com sua respectiva formação. Existe também um grupo de 10 pessoas que fazem estudos bíblicos por correspondência. Este trabalho é acompanhado pelas irmãs Marianitas em colegialidade com os padres da paróquia. Frente à complexidade da paróquia de Itaberaí com suas comunidades urbanas e rurais, com o desenvolvimento pastoral em todo o município e o trabalho com os jovens, sente-se a necessidade de saber qual a postura dos jovens frente ao trabalho realizado pelos padres, e pelos leigos

⁴⁰ Tabela 3.1.1.26 Censo Demográfico 2000- resultados do universo. População residente, por grupos de

e leigas comprometidos/as que fazem a caminhada e acompanham os jovens destas comunidades.

3.3. Os jovens de Itaberaí e o trânsito religioso: um estudo de caso

3.3.1. Método utilizado

Ao longo destes três últimos anos de acompanhamento do processo dos jovens na pastoral de Itaberaí, observamos um fato importante que chamou muito a atenção. Alguns jovens de nossa comunidade tinham uma atitude peculiar com relação à religião, suas experiências religiosas eram diferentes dos padrões comuns e de nossas próprias expectativas. Mesmo tendo uma participação ativa na igreja, freqüentavam outras. Por esta razão decidiu-se fazer a pesquisa para descobrir se nossa apreciação era uma realidade.

Descobriu-se que já existe uma pesquisa feita por Rena (2001) sobre os jovens, com o destaque da afetividade e sexualidade em Goiás, aportando-nos dados importantes sobre os jovens. Segundo o autor 85% dos jovens participam de alguma igreja ou organização religiosa e 13% dos jovens se declaram indiferentes (2001, p. 28). Hoje, porém, vê-se que a realidade mudou um pouco, o percentual de indiferentes religiosos diminuiu, como também sua ligação e compromisso com as instituições.

As pesquisas foram feitas através de duas técnicas: a primeira mediante entrevistas gravadas por 30 jovens que deram suas respostas de maneira espontânea às perguntas; a segunda, através de questionários previamente elaborados aplicados aos jovens da igreja católica e das evangélicas, individual e também em grupos. Embora, seja comum na vila: os cultos protestantes e os encontros de comunidades (dos católicos/as) realizados nas casas houve

dificuldade com alguns pastores que não aceitaram ser entrevistados e de outros que não deixaram que os jovens respondessem as entrevistas escritas.

Foram realizadas 140 pesquisas, calculando aproximadamente o 16% da população jovem da vila Fernanda Park, sendo que existem aproximadamente 2000 famílias, com a expectativa de crescimento rápido do bairro.

Com os resultados da pesquisa que será mostrada posteriormente junto com os gráficos, queremos mostrar a relação dos jovens com a religião, sua participação e o trânsito religioso existente no mundo juvenil.

3.3.2. Postura dos jovens frente à igreja

Historicamente, neste processo de reconstrução da identidade dos jovens, a igreja Católica é consciente dos esforços que tanto os pastores quanto jovens fizeram para não esquecer os grandes e pequenos passos que se tem dado para conquistar os espaços que os jovens têm dentro da igreja.

Embora a tendência à privatização do religioso e a criação dos campos religiosos próprios, longe do modelo institucional, alguns jovens, em Itaberáí têm estabelecido um diálogo com a igreja (falando da igreja católica), especialmente através da pastoral juvenil, que lhes ajuda a pensarem numa igreja diferente que se constrói com a própria participação e ajuda deles mesmos e da sociedade.

Eles têm expressado o desejo de que a igreja assuma para valer o compromisso com os pobres, assuma a luta pela libertação e dê respostas a tantos conflitos sociais, seja profética e denuncie os abusos econômicos e políticos.

Sugeriram uma igreja comunidade, fraterna, que dialogue, que seja

compreensiva, igualitária e que não faça distinções; organizada, com unidade de critérios e planos pastorais feitos de forma participativa; com pastores amigos dos jovens em atitude de escuta e de serviço, uma igreja que saiba responder às expectativas dos jovens.

Todos estes apelos deixam claro, embora se tenham dado muitos passos para uma melhor relação da igreja com os jovens e os pastores, que ainda continua havendo um grave problema de comunicação. Assim expressam os mesmos responsáveis nacionais da pastoral juvenil:

A mentalidade clerical ainda existe, o medo e a insegurança de muitos padres, seu desconhecimento e conflito com as novas gerações e seu freqüente desejo de controle (...) a falta de um plano integral e progressivo para o acompanhamento de todo o processo formativo dos jovens e o paternalismo de alguns assessores...fazem com que se experimente uma falta de aceitação afetiva juvenil por parte de diferentes setores da Igreja. (SEJ-CELAM, 1994, p. 18).

Por isso, alguns jovens não se sentem sujeitos na Igreja. Alguns se percebem como tarefeiros a serviço dos adultos e dos padres. Os jovens encontram muita resistência para ocupar seu espaço. Alguns padres chegam a proibir a existência de grupos na sua paróquia ou deixam de apoiar as iniciativas juvenis, passando a imagem de poder e de autoridade, como se expressou um jovem quando lhe foi perguntado qual a imagem que ele tem da igreja:

A igreja e os padres não têm nada a ver com Jesus Cristo. Os padres tentam manter o poder e um status que lhes dá uma vida cheia de mordomias. A igreja diz que tem propostas para os jovens só que sei lá, está como parada. (Wagner)⁴¹

Os jovens buscam algo diferente, uma igreja com rosto jovem, dinâmica, sensível aos anseios de libertação, com propostas em curto prazo que lhes possibilitem a participação sem nenhum tipo de compromisso, não querem exigências nem cobranças, só querem um espaço para eles (Boran, 1989).

Na pesquisa realizada, a resposta dos jovens frente à pergunta de como vêem a Igreja, deixa muito claro que nem todos têm uma visão tão negativa da igreja. Mesmo assim, não é uma instituição que atraia os jovens para participar ativamente numa proposta concreta. Alguns exemplos.

Quando perguntados sobre como eles vêem a igreja, alguns afirmaram que:

A Igreja é uma coisa boa, mas nem todos gostam, acham que a igreja é uma coisa chata que não oferece espaços para os jovens (Michely).

Penso que é como uma espécie de método para chegar a Deus e ao verdadeiro amor (Simone).

Igreja é como uma verdadeira casa, só que tem mais gente, tem brigas, alegrias, trabalho, e outras coisas mais, aliás é como uma grande família que nos ajuda a caminhar na fé (Viviane).

A Igreja é um lugar ótimo onde se pode falar com Deus (Roberto).

A Igreja é um símbolo religioso, mas não passa disso.(João Mariano)

Uma luz que vai buscar as pessoas lá no fundo do poço (Thiago).

Num segundo momento, para saber deles mesmo e avaliar a participação dos jovens, procurou-se saber como era esta participação dentro da igreja ao que responderam:

⁴¹ Jovem que mora na Fernanda Park, que diz católico mais não participa da comunidade.

A maioria não participa de forma ativa, somos desligados porque nos interessamos por outras coisas (Michely).

Na realidade, a participação na igreja não me chama a atenção, eu vou porque meus pais me exigem, se fosse por minha conta acho que não iria (Simone).

Não tem muita participação dos jovens nas igrejas, olha só na nossa, a maioria somos adolescentes, nas igrejas dos crentes a maioria são mulheres e não muitos jovens, só que tem uma diferença parece que na nossa os poucos jovens que participam se comparados entre os crentes parecem mais animados (Viviane).

A participação dos jovens é muito importante, porque quando os jovens encontram a Deus vem que ele é muito importante (Roberto).

Na realidade, deveria ter muita participação dos jovens, só que eles não estão interessados nas coisas religiosas, querem só brincar, jogar bola, namorar, e não gostam de ser vistos nas igrejas e muito menos rezando, porém acho que os poucos que participam são ativos dentro da comunidade (João Mariano).

A participação dos jovens na Igreja é muito boa (Thiago)

Não existe participação, na Igreja, de jovens, eles participam quando querem, não tem nenhum compromisso, eles vão e vem quando querem e isso dificulta para os que queremos participar porque não temos outros jovens para participar (Aline).

Destaque-se o dado de que, na própria percepção dos jovens, sua participação deixa a desejar, mas responde ao pouco interesse que as propostas suscitam, ou a pouca divulgação destas. Vejamos o que os jovens responderam frente ao conhecimento das propostas da igreja para os jovens participantes:

Eu não sei muito bem, mas eu acho que é mostrar qual é o melhor caminho para os jovens só que nós mesmos não conhecemos nem queremos saber porque achamos que não tem nada interessante (Michely).

Acho que é uma proposta para melhorar a vida pessoal, só (Simone).

A proposta da Igreja. Não sabia que tinha propostas para os jovens, eu achava que era só fazer o bem e passar coisas boas (Viviane).

Nunca ouvi falar que a Igreja tivesse alguma proposta para os jovens (Roberto).

Sua proposta é de chamar e incentivar os jovens a participar. (João Mariano)

É de levar os jovens para o caminho do bem. Tirá-los das drogas e convidá-los a participar. (Thiago).

A proposta é estar passando a verdadeira visão do mundo a partir da mensagem de Jesus para que os jovens sejam firmes na caminhada da fé. (Aline)⁴².

Como conclusão destas respostas dadas à entrevista pode-se confirmar que a maioria dos jovens não conhece as propostas da igreja da qual participam.

Entre os jovens que participam de outras igrejas (pentecostais) encontramos casos em que são atraídos para a igreja por convites personalizados e pelo estudo da bíblia e, muitas vezes, com proposições interesseiras para chamar a atenção. Por exemplo:

O Pastor fez um desafio para nós, jovens, ele sabe que nós gostamos de desafios. Falou que entregava 50 reais ao jovem que lhe desse de cor todos os livros da bíblia. Nos gostamos da proposta e estamos estudando. Na nossa igreja não tem muitos jovens, somos poucos e a maioria vai, só quando quer, não tem um compromisso. Nós jovens estamos tentando levar outros para a igreja, mas é difícil porque vão uma vez e logo somem da igreja. Quem sabe, com esse desafio, ele se interessam mais. Sabe, eu não participava de nenhuma igreja, quando era pequena. Meu pai ia para a igreja da assembleia, só que como ele bebia, não podíamos participar, tínhamos proibição do pastor, até que meu pai parasse, só

⁴² Pesquisas realizadas durante o mês de junho - julho 2002 com os jovens da Fernanda Park (Bairro da periferia) da cidade de Itaberáí. Elaboradas em conjunto com o professor Sergio Araújo

que ele não parou e nós estávamos proibidos de ir, as coisas se complicaram e minha mãe acabou-se separando do meu pai. Ele já não mora mais conosco. Então, nós voltamos para a Igreja e eu me sinto muito bem, gosto demais, eles me acolheram e me deram responsabilidade. Eu sou a tesoureira do grupo de jovem, canto nos cultos, mesmo que no início eu tremia, depois eles foram acreditando em mim e eu estou conseguindo. Gosto muito e me sinto muito bem, graças a Deus minha vida é outra, já não sofro o que sofria com meu pai em casa. Parecia que ele não gostava de mim Hoje eu o visito, me trata mal, mas parece que indo para a igreja não tenho mais mágoa dele, me sinto aliviada eu faço a minha vida e ele a dele. (Renata).

Muitas vezes a Igreja não consegue anunciar sua mensagem e propor coisas concretas para os jovens, na linguagem deles, então sem entender, eles buscam suas próprias experiências longe das estruturas da igreja:

Eu tenho fé. É ela que me sustenta nesta vida, senão não valeria nenhum esforço nesta vida que nos toca a pior. .. Olha, eu não sou de ir muito para a Igreja, eu acredito em Deus, rezo sempre, ele esta comigo e sei que me escuta, mais esse negócio de ir para Igreja não é muito comigo não, aliás, saio muito tarde do trabalho e o domingo fico descansando.

Eu faço promessas para que Deus me conceda coisas, por isso sei que em natal, e semana santa eu vou para não ficar com dívida, senão Deus não me dá o que eu preciso (Carlos).

Deus está em todas partes, não preciso ir à Igreja, eu já fui para outros cultos (Espíritas, crentes, umbanda) mas, prefiro ficar na católica, vai mais com meu jeito Os outros me parecem exagerados, não gosto, me sinto incômodo, a católica é mais sossegada, me identifico mais (Alexandre).

Eu participo da Igreja e, quando vou eu me desligo da vida para fazer as coisas de Deus, rezo, me fortaleço e depois volto para casa mais tranqüila. Antes achava que a Igreja era o único lugar onde podia me encontrar com Deus, mas agora é diferente, não é só a Igreja, posso rezar em qualquer lugar e Deus me ouve. Já não tenho mais remorso Faço minhas orações pessoais e vivo minha espiritualidade (Lúcia).

Antes eu vivia de rezas, festas de santos e de padroeiros, nisso se baseava minha fé. Parecia que, quanto mais estava na Igreja me sentia melhor, aliás, si não escutava a missa era como que alguma coisa me faltava. Só que hoje é diferente, não porque isso não tenha mais valor quanto que o seu sentido agora é mais profundo. Eu acredito no Deus vivo, que caminha comigo, me escuta, é meu amigo e me faz sentir necessidade dele onde eu estiver (suede).

Estas respostas ajudam a perceber como os conceitos (já enunciados no capítulo anterior) dos jovens mudaram; para eles, é fundamental a experiência vivida pessoalmente e não é mais importante a religião de uma igreja.

Não existem remorsos, nem culpa, nem doutrina que os obriguem a participar, vão quando podem, e quando querem, sem perder a relação de Deus na sua vida (Oro, 1997).

Existe uma nova postura dos jovens diante do mundo e de si mesmos. Os jovens tomaram consciência de que são sujeitos da história, de seu valor como homens e mulheres, de sua capacidade de dominar a natureza, a ciência e a técnica. Descobrem que a sua relação com Deus não sai do cotidiano, não existe mais a divisão entre sagrado e profano bem definidos como dois mundos diferentes; a simples necessidade de Deus faz expressar a sua subjetividade e orientá-la para o encontro com o transcendente.

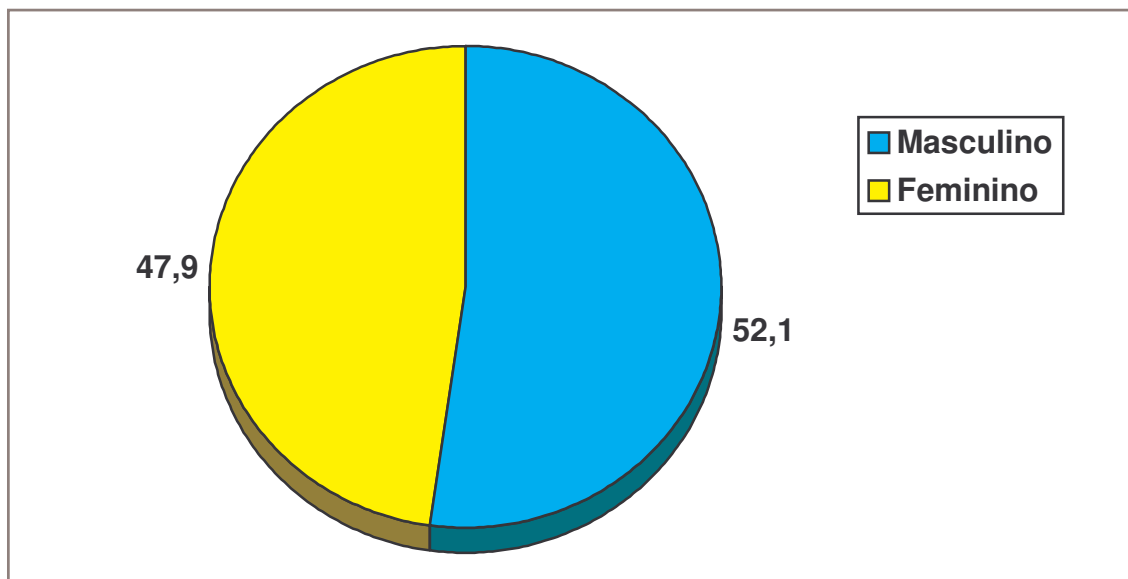
3.4. Perfil da amostra, resultados das pesquisas.

Os levantamentos da pesquisa mostram sem dúvida alguma que o Brasil continua sendo um país de fé. A maioria absoluta dos jovens tem um tipo de religião, muito embora alguns tenham afirmado que apenas acreditam em Deus, num Deus pessoal, próprio e desvinculado de qualquer instituição religiosa.

As pesquisas feitas também mostram que o trânsito religioso existe no meio dos jovens e é provocado por esta dinâmica da pós-modernidade que originou uma contestação religiosa livre e fragmentada na qual os indivíduos buscam reorganizar sua própria experiência pondo ênfase no individual.

O perfil da amostra pesquisada apresenta o quadro geral dos jovens entrevistados, sendo 47,9% jovens do sexo feminino e 52,1% do sexo masculino. Tendo uma margem de erro de 2,7% para mais ou para menos.

1. Gênero da amostra pesquisada

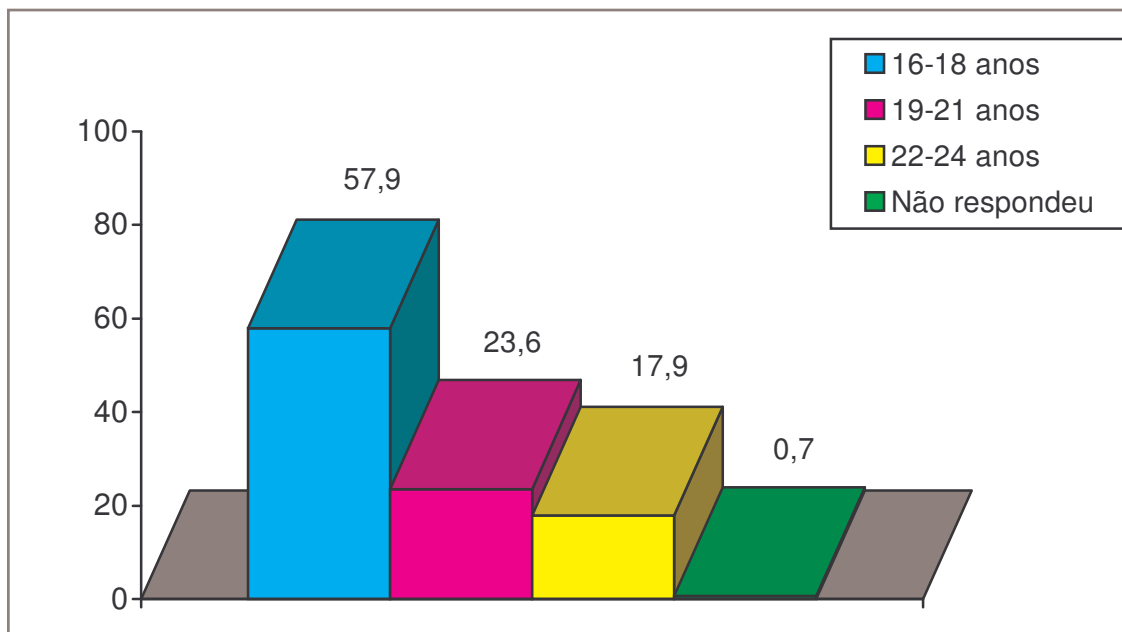


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 140

A pesquisa mostra o trânsito religioso entre alguns jovens de Fernanda Park, na faixa etária de 16 a 24 anos. Na amostra, pode-se constatar que entre os entrevistados os jovens de 16-18 anos representam o maior número de pesquisados 57,9%; já entre 19-21 anos correspondem a 23,6%; os jovens de 22 a 24 anos representam 17,9%; sendo relativamente poucos os que não responderam. Observe-se no gráfico a seguir:

2. Faixa etária da amostra pesquisada

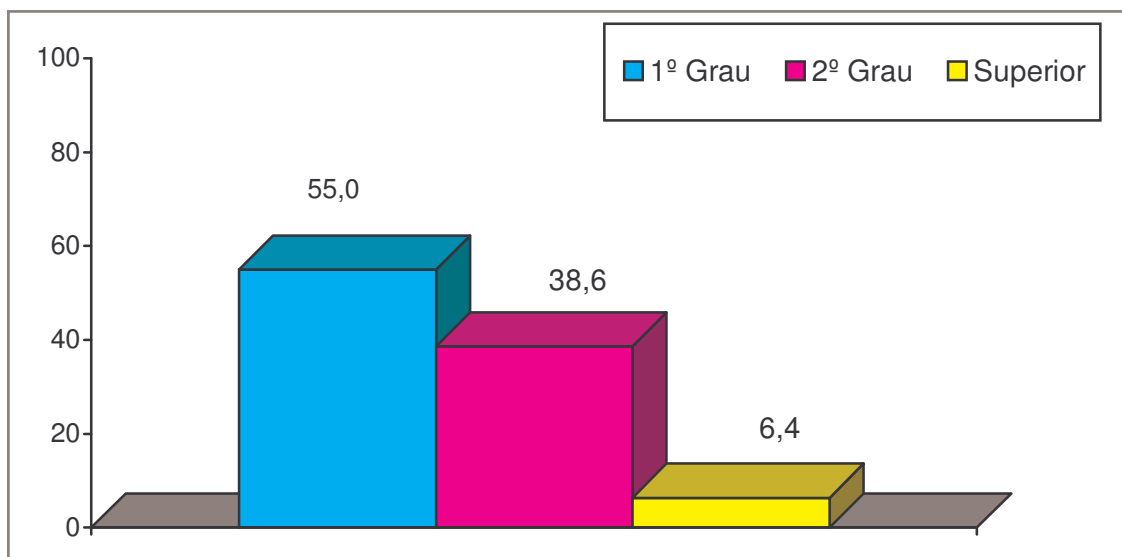


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 140.

Apesar dos resultados positivos em termos de um baixo índice de analfabetismo, podemos constatar que muitos jovens estão atrasados em relação à série que lhes corresponderia cronologicamente. Notemos que 55% dos jovens estão cursando o primeiro grau, 8,6% o segundo grau e 6,4%, o nível superior.

3. Grau de escolaridade da amostra pesquisada

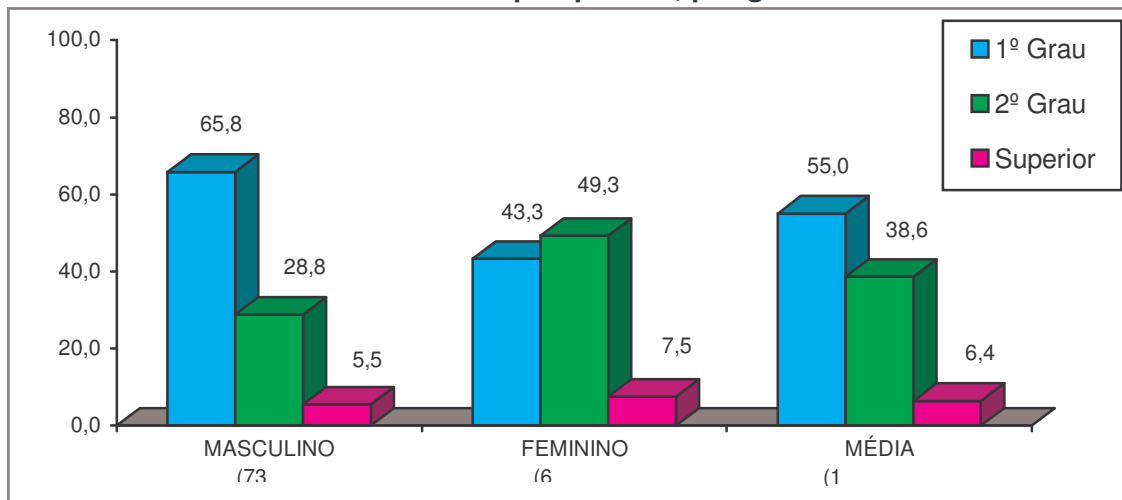


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 140

Fazendo uma amostra mais detalhada por gênero, pode-se deduzir que é maior o nível de escolaridade entre as jovens. Constata-se também que da média 7,5% o sexo feminino tem mais possibilidades de estudos universitários que 5,5% do sexo masculino.

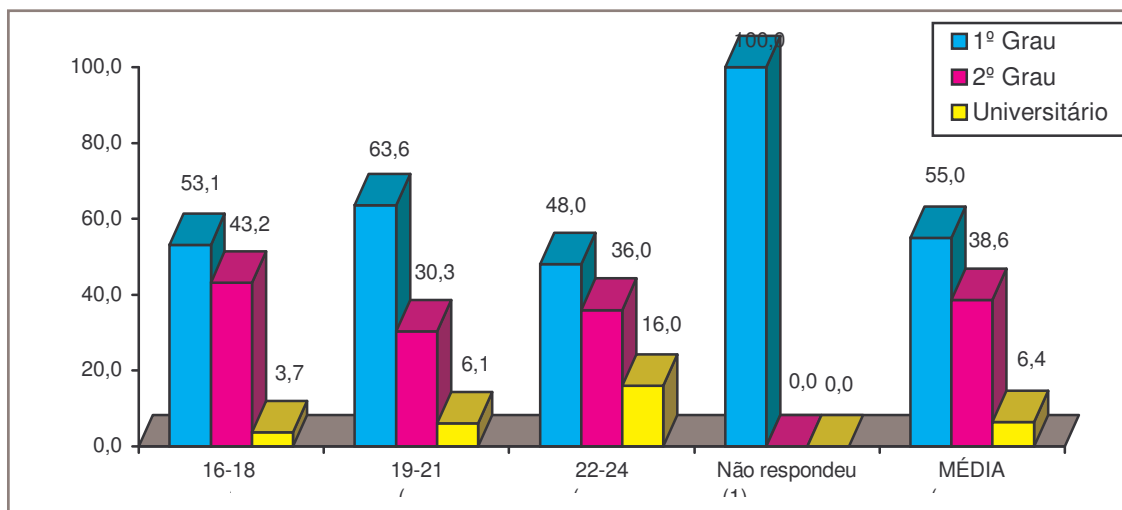
4. Grau de escolaridade da amostra pesquisada, por gênero.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Estes dados podem ser completados com a análise da escolaridade por faixa etária apresentada na tabela abaixo que confirmará posteriormente que quanto menos escolaridade, mais trânsito acontece.

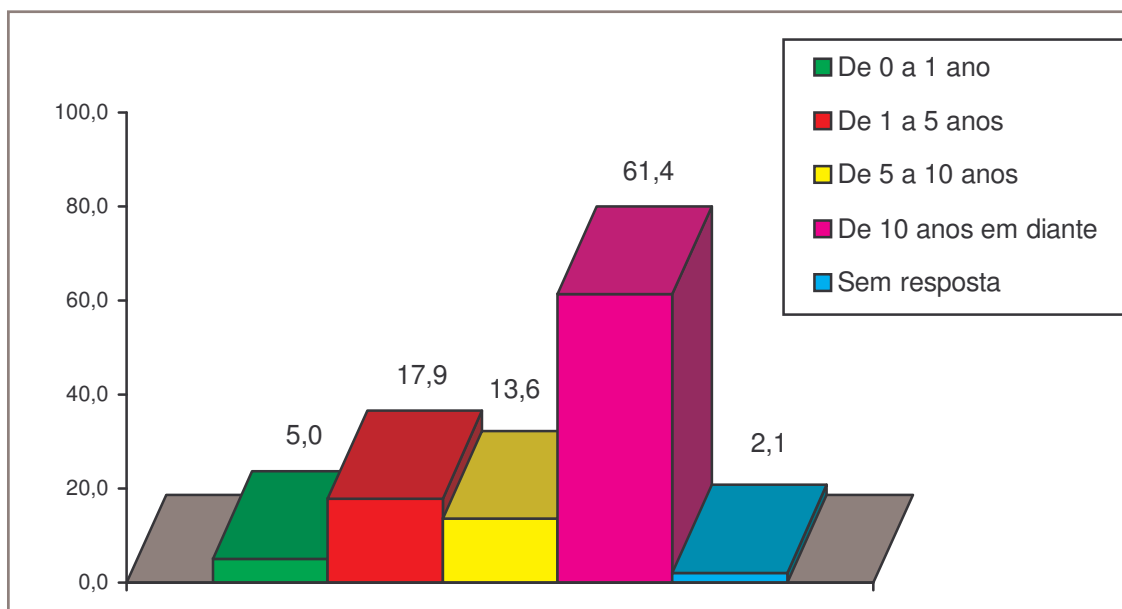
5. Grau de escolaridade da amostra pesquisada, por faixa etária.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

A maioria dos jovens entrevistados mora na cidade desde o nascimento como se pode ver no gráfico (6). Acima de 10 anos correspondem a 61,4%. Sabendo-se que Fernanda Park é uma vila que começou a se formar a nove anos e que alguns de seus moradores e moradoras habitavam no centro ou nas cidades vizinhas e tinham uma tradição religiosa católica muito forte. Deduz-se que na pesquisa, a maioria dos entrevistados vem de uma tradição religiosa católica.

6. Tempo de moradia na cidade



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

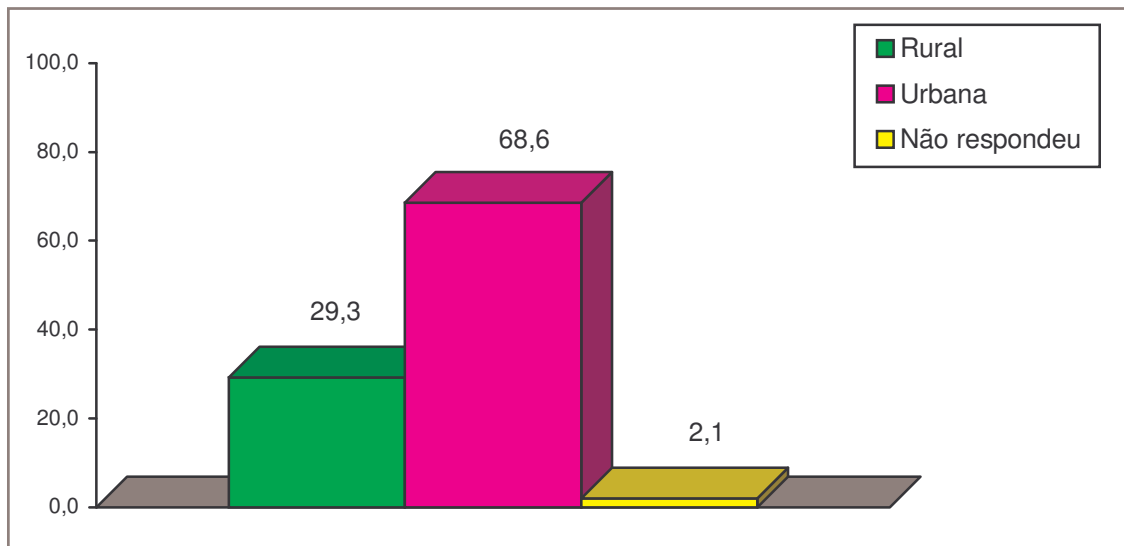
Amostra: 140

O gráfico 7 mostra claramente que entre os jovens entrevistados 68,6% vieram da zona urbana, confirmando a tabela anterior que a maioria mora há mais de 10 anos na cidade.

Nos dados apresentados anteriormente sobre Itaberaí, foram mostradas as características peculiares de uma cidade com tendências mais rurais devido à influência dos acampamentos e assentamentos que a cercam e à produção

agrícola que nela se desenvolve. Porém, as maiorias dos jovens, que moram na cidade há mais de 10 anos, receberam uma formação desligada da vida do campo.

7. Origem da amostra pesquisada

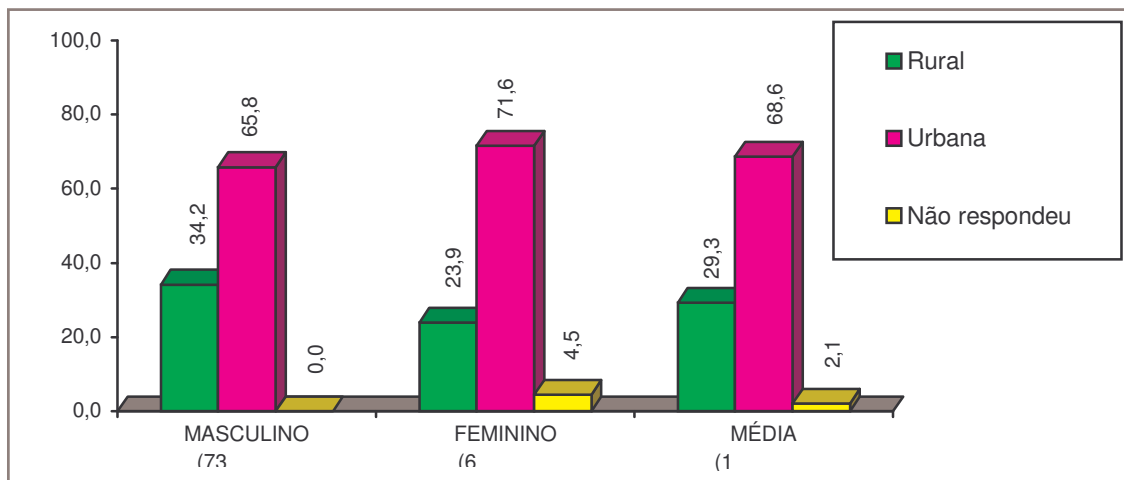


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 140

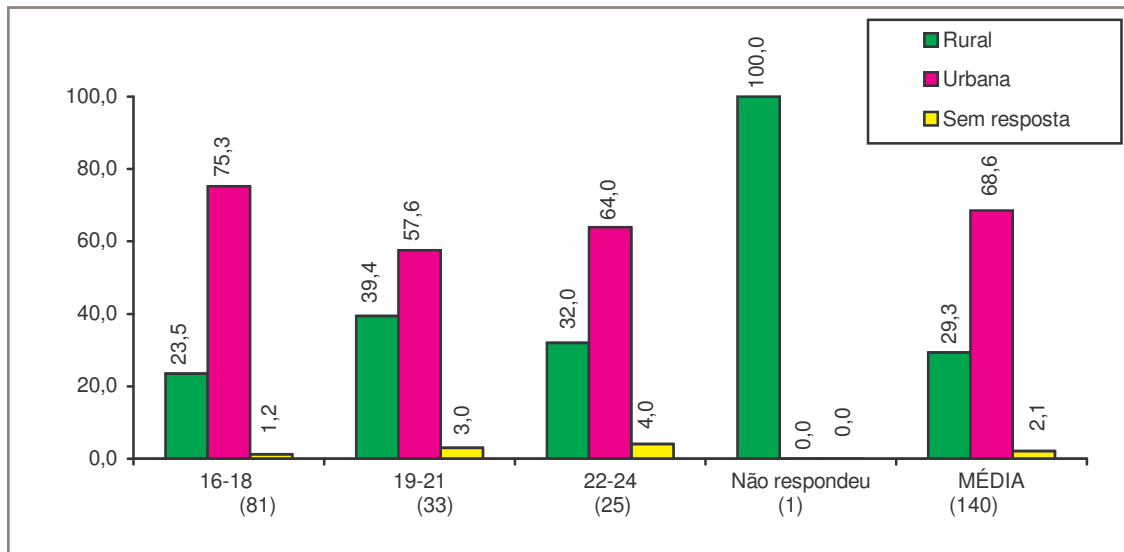
É importante ressaltar que nesta amostra de origem, no destaque por gênero (gráfico 8) as jovens representam 71,6% e na separação por faixa etária (gráfico 9), mostra realmente estes dados sendo que os jovens de 16-18 anos receberam a sua educação e toda a influência do setor urbano.

8. Origem da amostra pesquisada, por gênero.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

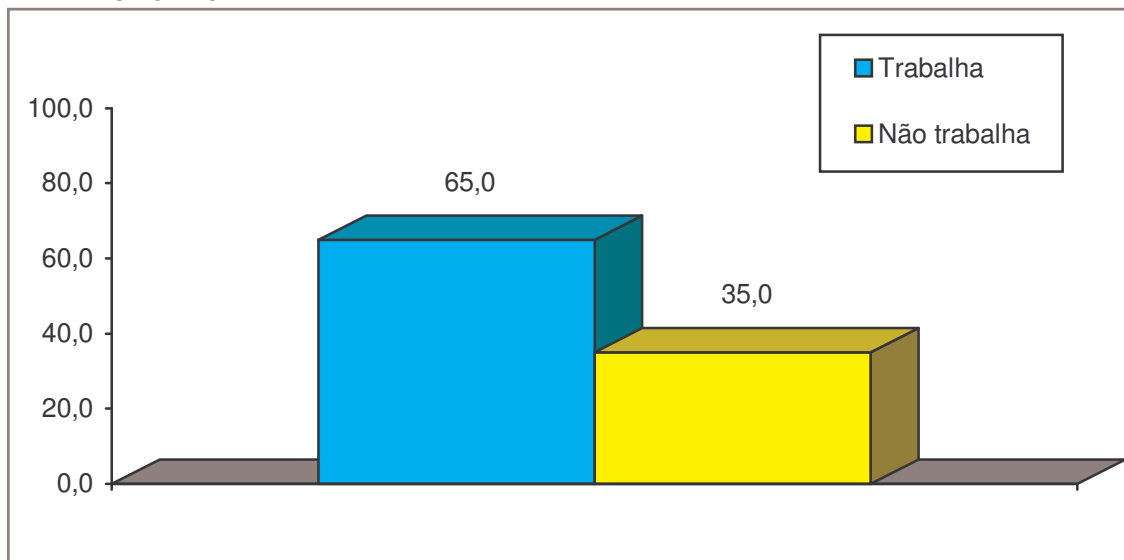
9. Origem da amostra pesquisada, por faixa etária.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

O gráfico 10 delinea a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Seu exame permite que se tirem algumas conclusões interessantes sobre a forma como se dá essa inserção. Dos dados recolhidos pode-se constatar que 65% dos jovens pesquisados já têm uma vida economicamente ativa e 35%, ainda não.

10. Ocupação profissional atual⁴³



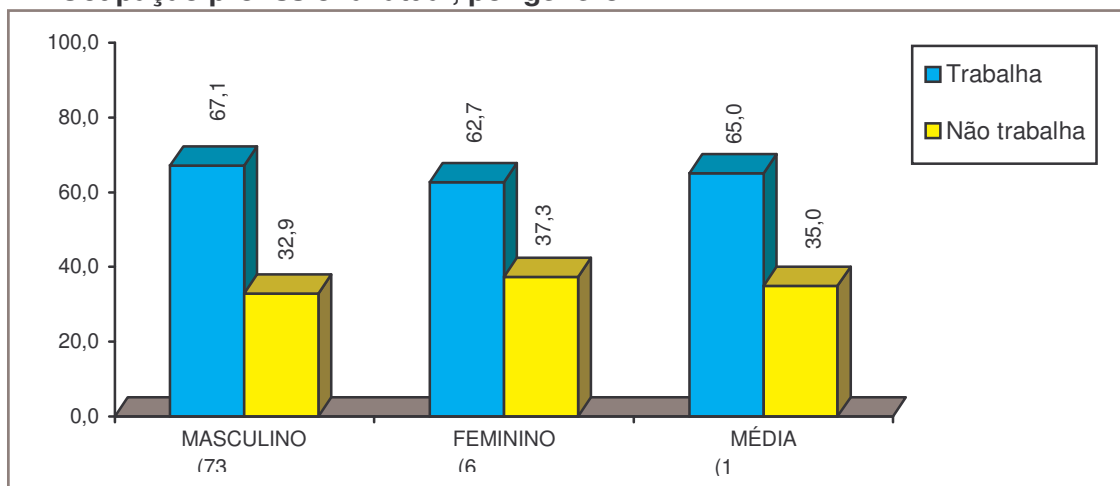
Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 140

⁴³ Comerciarío inclui a empregados no comércio. Serviço braçal inclui: pedreiros, marceneiros, eletricitas e agricultores incluem: bóia fria e alguns pequenos proprietários.

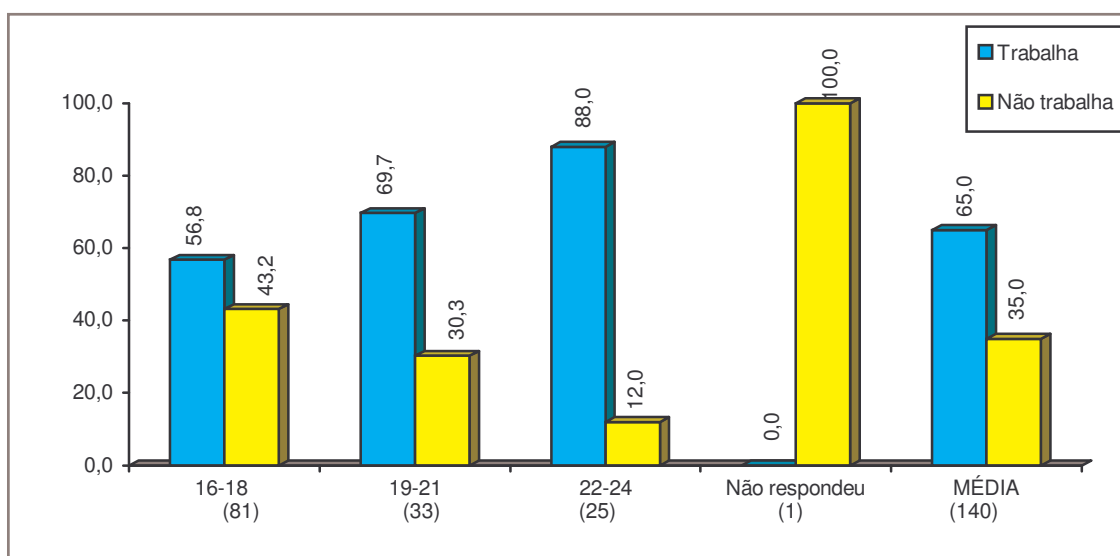
Com a situação ocupacional dos jovens recolheu-se outro tipo de informações que facilitaram descobrir que entre o gênero e o grau de escolaridade, aproximadamente 50% dos jovens se encontram dentro do mercado de trabalho (gráfico 11 e 12 respectivamente), já por faixa etária (gráfico 13) é evidente que entre os jovens de 22-24 anos, o número dos inseridos é maior (88%). Este também influencia para que os jovens mais novos transitem mais, devido ao tempo disponível.

11. Ocupação profissional atual, por gênero.



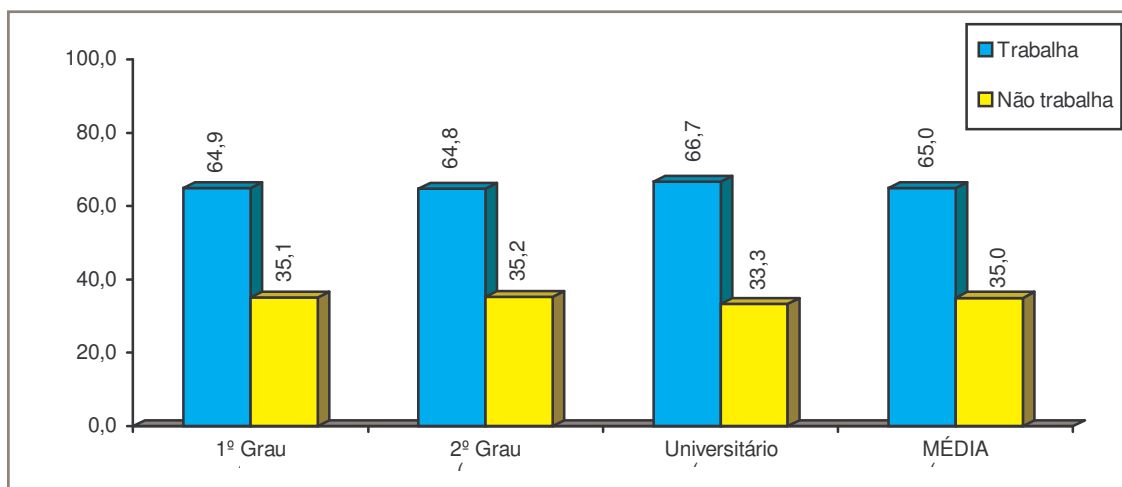
Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

12. Ocupação profissional atual, por faixa etária.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

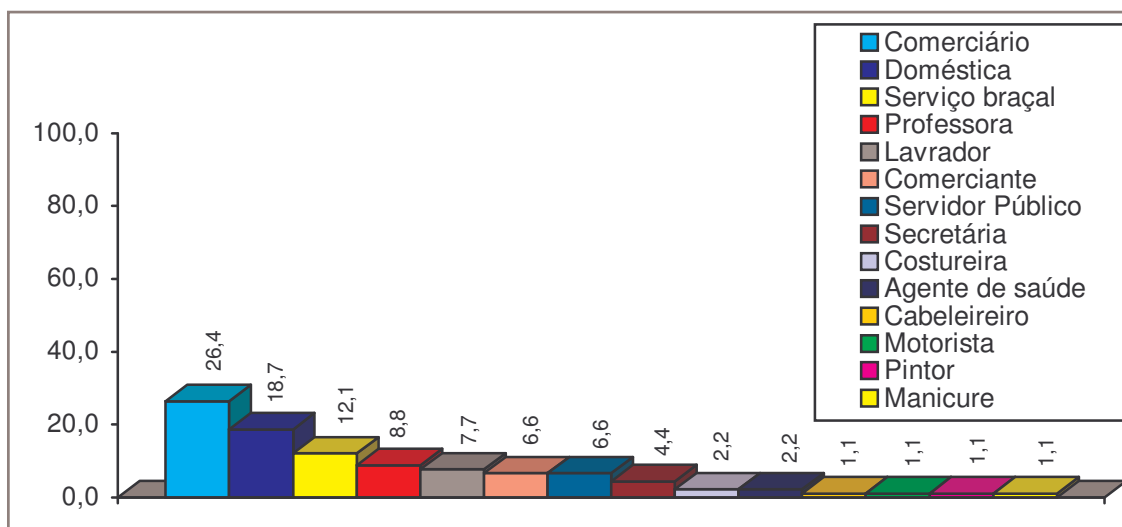
13. Ocupação profissional atual, por grau de escolaridade.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Os jovens pesquisados pertencem a uma condição socioeconômica baixa, estão passando pela escola pública com muita dificuldade até com o perigo de não concluí-la. Estes já ingressaram no mercado de trabalho ou já se desenvolveram com atividades produtivas para geração de renda. No gráfico 14, podemos observar o tipo de trabalho que os jovens desempenham e a partir destes deduzir as condições econômicas em que se inserem.

14. Tipo de ocupação profissional atual

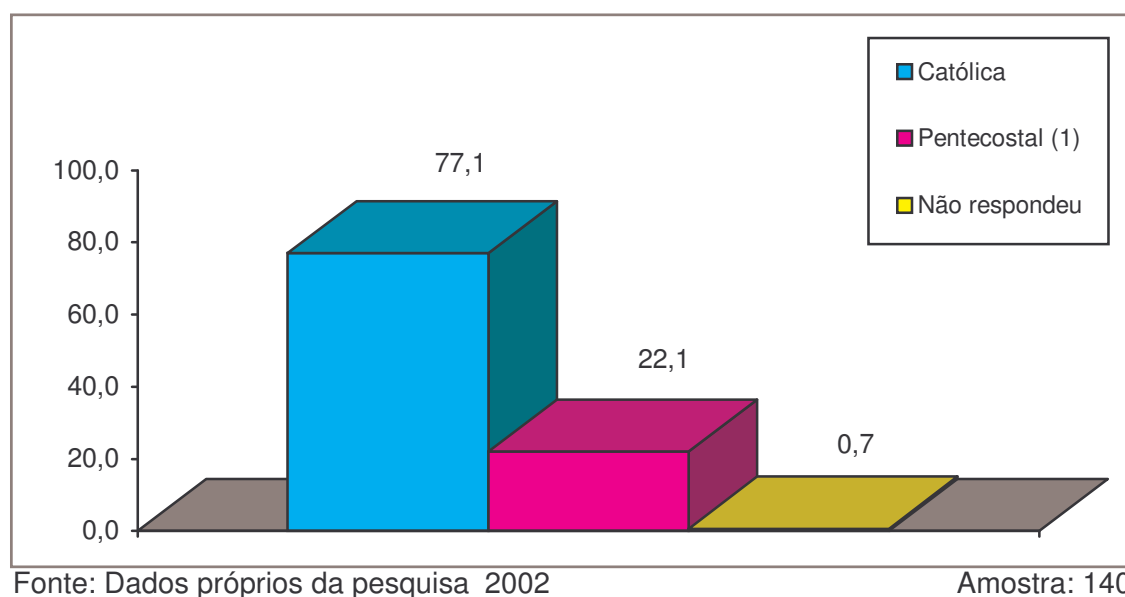


Fonte: Dados próprios da pesquisa

Amostra: 91

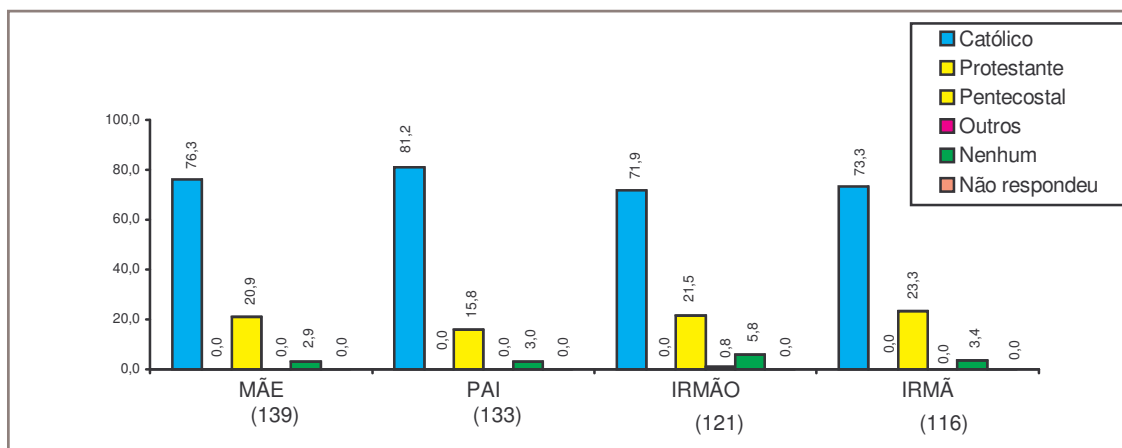
Detectando as características gerais dos jovens pesquisados, tem-se a finalidade de formar um quadro completo sobre a situação real dos jovens. A religião é um elemento de sua vida que se conjuga no dia a dia com outras realidades. Para mostrar os resultados da pesquisa baseados nos dados do questionário aplicado, pergunta-se sobre a religião da família na qual o jovem recebeu educação já que este é um fator importante para constatar que os jovens que transitaram as igrejas saem dos padrões tradicionais e se lançam à aventura de suas próprias descobertas.

15. Religião em que o entrevistado recebeu educação.



Outro dado interessante a ressaltar é que a maioria dos jovens pertence a famílias que nem todas mantiveram os padrões tradicionais, passando para os filhos uma única religião. No quadro 16 pode-se conferir os grupos religiosos freqüentados pelas famílias dos entrevistados.

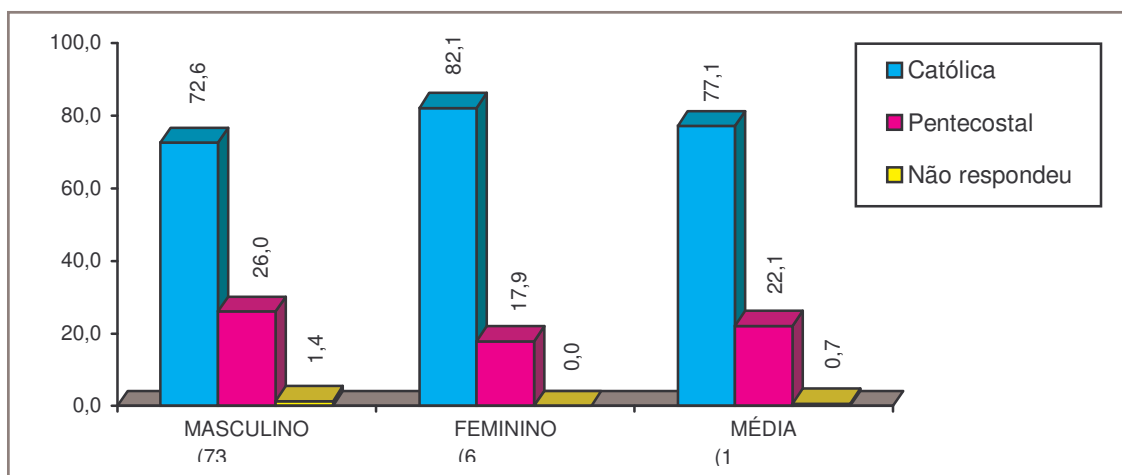
16. Grupo religioso freqüentado pela família atualmente



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

No gráfico 17 vê-se que entre os jovens que foram entrevistados a maioria recebeu educação na Igreja católica. Com os dados recolhidos constatou-se que nas igrejas pentecostais⁴⁴ o maior número de jovens que recebem educação nestas igrejas são os jovens de sexo masculino.

17. Religião em que o entrevistado recebeu educação, por gênero.



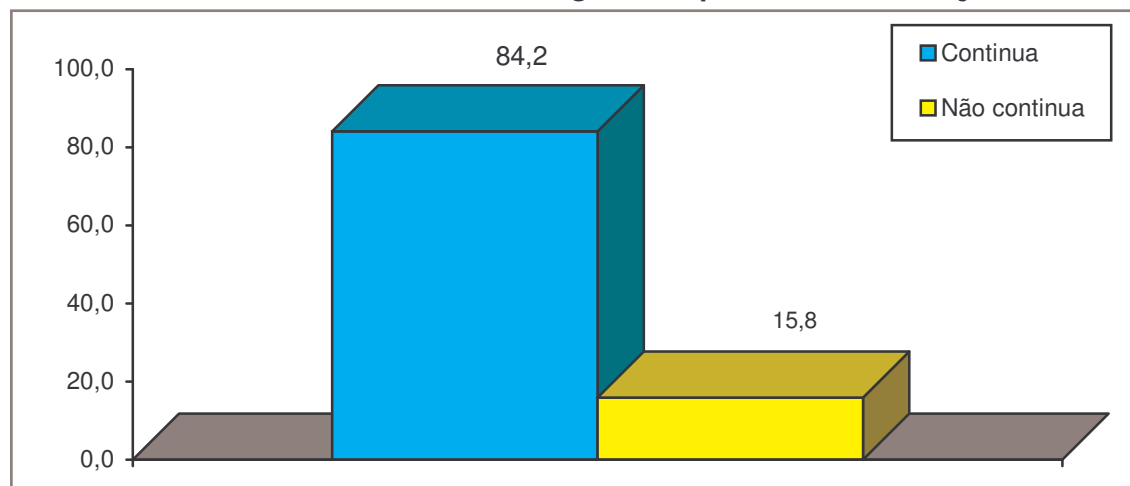
Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

⁴⁴ As igrejas PENTECOSTAIS: Assembléia de Deus, Deus é Amor, Congregação Cristã, Igreja de Deus, Testemunha de Jeová.
As igrejas PROTESTANTES: Presbiteriana, Batista.
OUTROS: Cruzadas, Centro de Macumba, Maçonaria, Tribo de Judá, Centro Espírita, Igreja do Véu.

No quadro 18, pode-se conferir que para 15,8% dos jovens entrevistados, a tradição familiar não lhes foi impedimento para não permanecer na religião onde receberam educação. Observe-se que 84,2% dos jovens permanecem, mas este percentual não significa que todos eles se mantenham totalmente fiéis, sem conhecer outras experiências religiosas, como se vê mais adiante, também será mostrado como essa porcentagem é significativa, na afirmação da existência do trânsito religioso de passagem, de mudança e dupla participação como denominados anteriormente.

Este panorama familiar mostra que na medida em que na modernidade os vínculos religiosos do indivíduo transformam-se cada vez mais em uma opção, estabelece-se paulatinamente a concepção de que a identidade religiosa não é algo natural, “dada”, ou simplesmente herdada, mas, ao contrário, significa um direito de escolha (Hervieu-Léger, 1993). Nesse sentido, ela passa a ser vista como um resultado precário e passível de alterações. Em certa medida, o indivíduo rompe com a transmissão religiosa explícita ou implícita da herança familiar, estabelecendo outros moldes de construção da identidade.

18. Continuidade do entrevistado na religião em que recebeu educação.

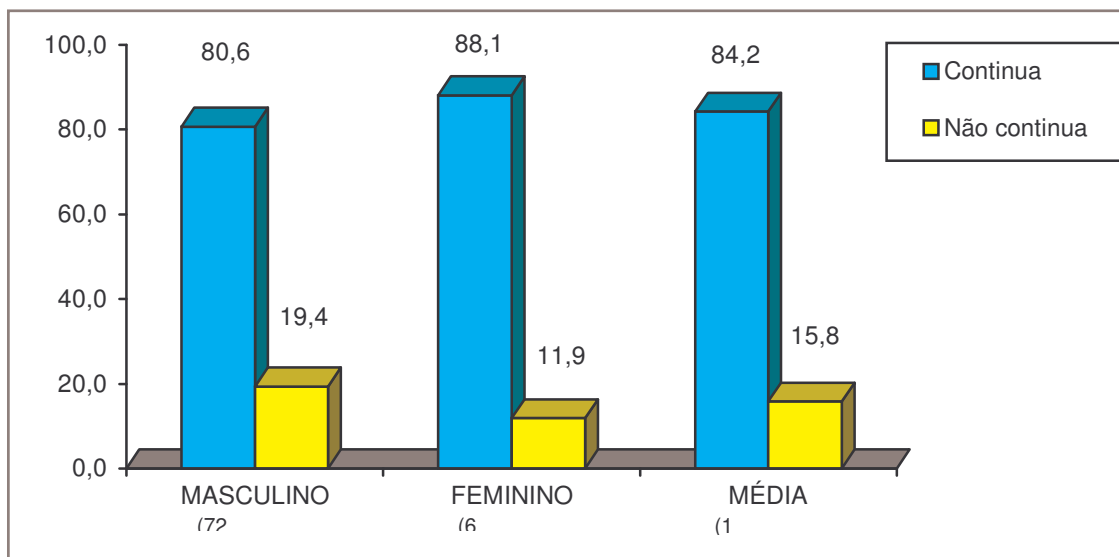


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 139

No quadro 19, constata-se que, o trânsito religioso entre os jovens, a experiência é mais representativa entre os jovens do sexo masculino, o que se comprova com alguns exemplos:

19. Continuidade do entrevistado na religião em que recebeu educação, por gênero.



Fonte: Dados da própria pesquisa, 2002.

a) Exemplo de Jovens que mudaram de religião:

Antes eu era católica e vivia só bebendo, minha vida era uma pobreza, não tinha trabalho, só brigava com meus pais, até que passei a ser crente, eu virei outra pessoa, sabe, minha vida é outra, sabe, encontrei a Deus. Hoje eu já não bebo nem brigo com minha mãe. Encontrar a Deus mudou a minha vida Hoje eu sou consciente que não posso me afastar, a fala do pastor me mostrou o caminho que eu não conhecia. Eles me acolheram e hoje eu sou outra pessoa. (Marcos)

Sabe minha vida era só a droga, não queria saber mais nada. Roubava para me drogar, até cheguei a ferir a meu irmão que me pegou levando a tv de casa. Eu comecei a me drogar aos 11 anos. Hoje estou com 22 e vejo que se não saísse dessa ia morrer. Na realidade eu queria morrer. Em casa meu pai só bebia e batia na minha mãe. Minha mãe só passava deprimida e descontava conosco. Tinha um irmão que morreu baleado por causa da droga e restava só eu . Não

dava para ir para a escola porque trabalhava o dia todo e estava cansado que acabava dormindo na escola. Quando entrei na onda, não ia para a escola minha mãe não sabia, Mas quando descobriu, bateu tanto em mim que fez um corte na minha cabeça e falou que era infeliz por causa de nós. Foi quando fugi, não voltei mais em casa, até faz 2 anos que decidi procurar ajuda. Com a droga quase morri apaguei e me encontrei longe, até que decidi buscar a Deus, e os irmãos me ajudaram. Eles me mostraram Jesus e quanto ele me ama hoje eu sou salvo e voltei para casa para ajudar a minha mãe. Com Jesus na minha vida eu não vou cair mais nessa, Jesus me salvou e hoje quero que outros o encontrem e se sintam felizes como eu. Sua palavra tem resposta para tudo, graças a ele hoje eu estou aqui. (Maurício).

É preciso sublinhar, que nesta experiência tão pessoal, o reservatório de recursos simbólicos, nos quais os indivíduos podem buscar recursos para fabricar seu pequeno sistema crença pessoal, conhece, nas cidades contemporâneas, um alargamento considerável. Em vista de que, a religião já não é mais herdada senão feita de construção pessoal, os indivíduos têm que se prover, sem códigos particulares de acesso, aos estoques simbólicos múltiplos que se multiplicam prodigiosamente.

Segundo Geertz, os símbolos na atividade religiosa induzem duas espécies de disposições: Ânimo e Motivação, que é essa “tendência persistente, essa inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimentos em determinadas situações” (1992, p. 119).

Esta maneira de expressar seus sentimentos e emoções os ajuda a se identificarem, não só com o grupo como tal, senão com cada experiência vivida fortalecida com laços afetivos entre eles e, falam a cada um sua experiência individual ou coletiva.

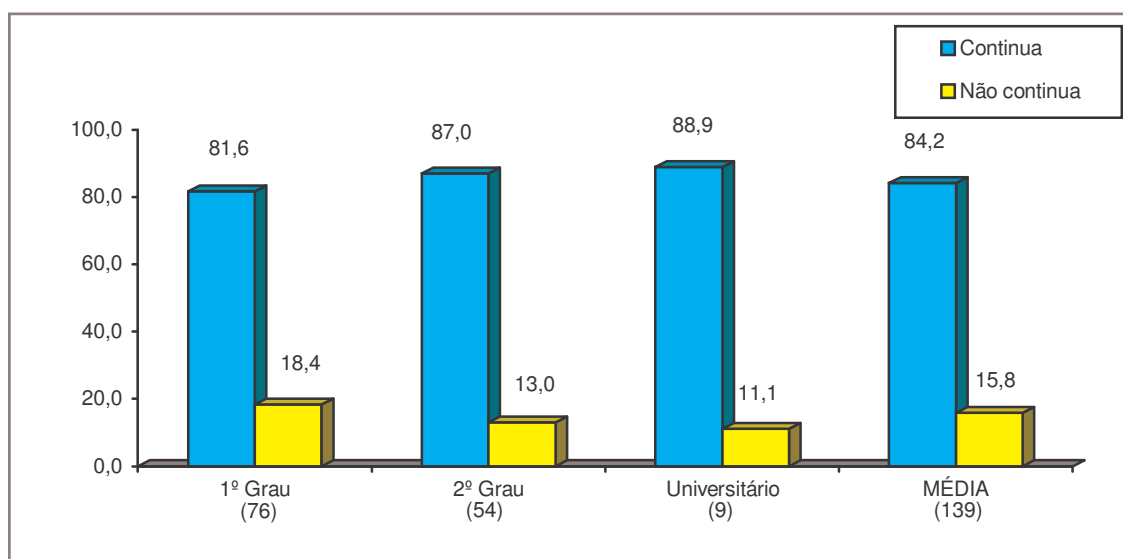
Na mentalidade dos jovens, a confiança no poder de um Deus bondoso, Superior e Transcendente, possibilita restituir a ordem simbólica onde sempre

triunfam a vida e o bem. Por isso, os encontros dos jovens são emotivos, expressivos e festivos. Ao visualizar e converter em palpável a experiência religiosa, a intensifica e a potencializa (Geertz, 1992, p. 169).

Os símbolos são uma forma de linguagem através dos quais os jovens buscam viver o sentido transcendente. Em torno deles e de forma sensível e corpórea, é possível reverter a forte carga de sentimento que a experiência mística vai acumulando para expressar, no momento preciso e no lugar preciso, sua relação com Ele. Por isso, o símbolo se converte em meio fundamental que permite aprofundar e expressar melhor as experiências pessoais de encontro, relação, interioridade e compromisso que vão descobrindo e vivendo.

Outro elemento fundamental a colocar é o grau de escolaridade em que se encontram os jovens que transitam. A maioria está cursando o primeiro grau, não tem uma formação intelectual madura, são os mais maleáveis e se deixam levar pela emoção.

20. Continuidade do Entrevistado na Religião em que Recebeu Educação, por Grau de Escolaridade.

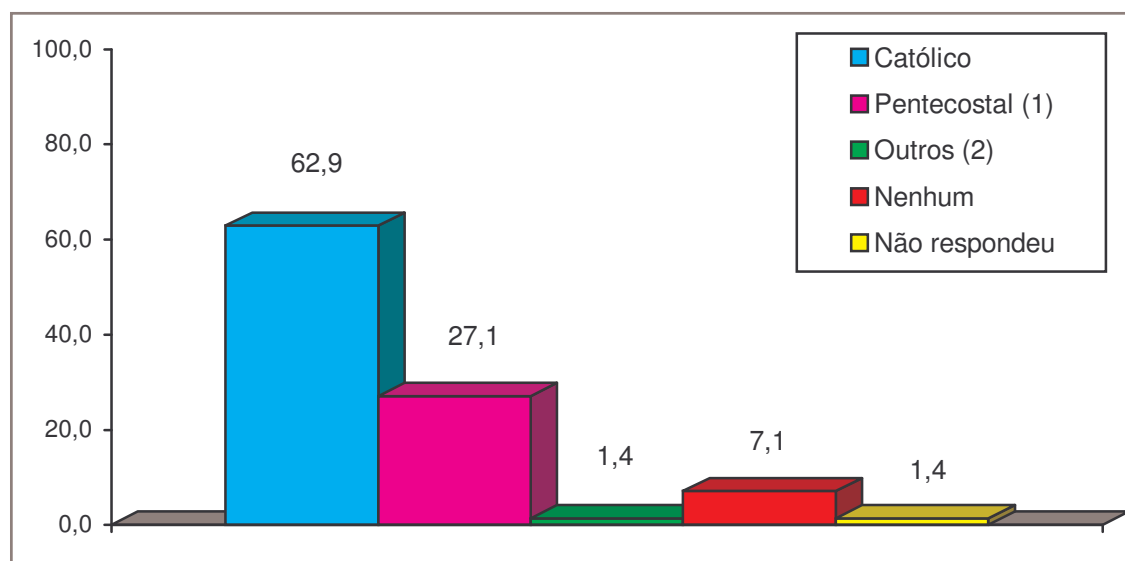


Fonte Dados da própria pesquisa, 2002.

Como se pode ver no gráfico a seguir, entre os grupos religiosos que os jovens freqüentam atualmente 62,9% estão na Igreja católica, 27,1% nas igrejas pentecostais, 1,4% em outras, 7,1% em nenhuma, o que quer dizer que estes se desligaram da religião de origem.

Os grupos freqüentados pelos jovens entrevistados são: Igreja Católica, Assembléia de Deus, Congregação cristã, Igreja de Deus, Igrejas de Cristo, Centro Espírita, Maçonaria, Terreiro de Umbanda.

21. Grupo Religioso que o Entrevistado Freqüenta Atualmente

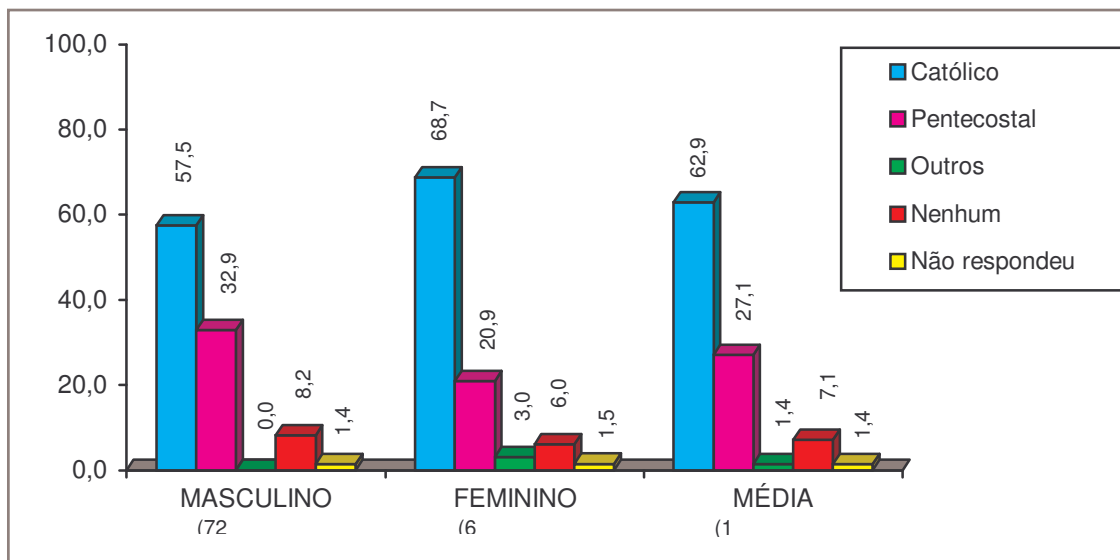


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 139

Os dados da tabela 22 por faixa etária completa a tabela 21, já que dá para perceber como os jovens de sexo masculino freqüentam mais as igrejas pentecostais e os de sexo feminino, a igreja católica, confirmando o que foi afirmado anteriormente.

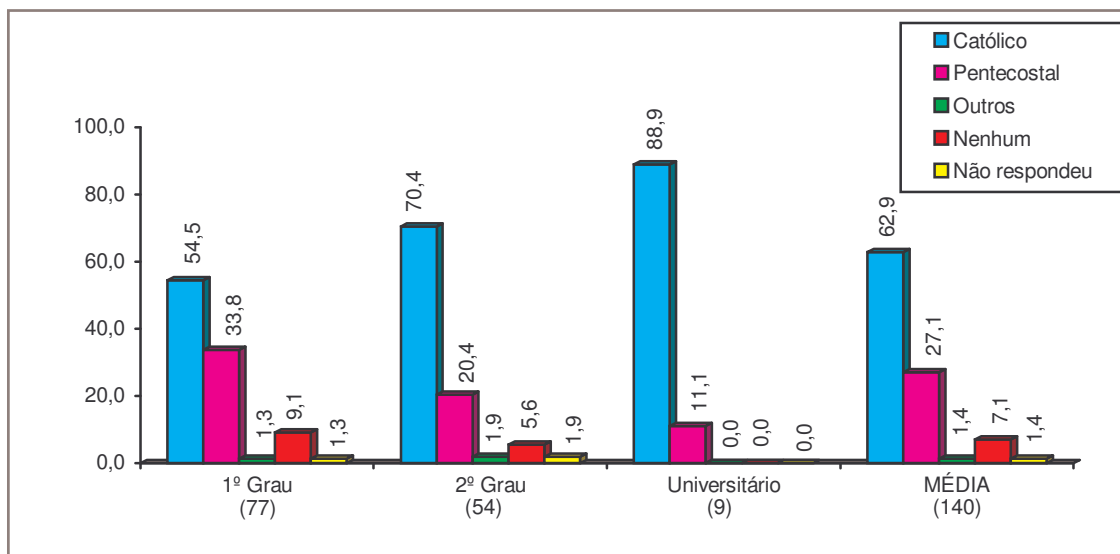
22. Grupo religioso que o entrevistado frequenta atualmente, por gênero.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Na descrição do quadro 23, pode-se ver que os jovens que aderiram à igreja Católica têm mais formação intelectual, enquanto que os que se aderiram aos pentecostais são jovens, na maioria, que cursam o primeiro grau.

23. Grupo Religioso que o Entrevistado Frequenta Atualmente, por Grau de Escolaridade.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Com estes dados da pesquisa pode-se verificar a existência de um trânsito simultâneo onde os jovens participam de uma igreja sem se desligar da outra, ou participam de várias ao mesmo tempo. Alguns exemplos:

b) Jovens que simultaneamente participam de duas ou várias confissões religiosas (trânsito duplo)

Eu antes era católica. Só que decidi ir para a nossa Igreja porque a minha amiga me convidou e eu fui, mas não deixava de participar na católica, até que eles me descobriram e me falaram da vontade de Deus. Então eu deixei a católica, estava na assembleia mais nunca deixei de rezar meu terço, até hoje eu rezo a nossa senhora para que ela me tire o mau espírito e tenha uma boa morte. Hoje eu participo da católica, e às vezes vou para lá a rezar com eles, rezo a bíblia e canto com eles, os cantos são bem animados, logo volto para minha casa e faço minhas orações. Faço penitências e jejum isso é bom para o Espírito. Quando não estou passando bem peço para dona Abadia me benzer. Logo, logo me passa e volto a ser como antes. Sei lá, eu acho que Deus está comigo, certo ou errado eu gosto dos dois.(Rosângela).

Eu participo na Igreja de Deus porque lá cantam cantos animados, o que não gosto é que não deixam usar brincos e saias curtas por isso eu não sou membro só sou participante. Também gosto da Igreja católica porque lá dão mais liberdade, mas não quero ficar só com uma eu vou ficar com as duas, porque o que não posso fazer em uma, m faço na outra. (Ludimila).

Eu participo da Igreja de Deus porque cantam muitos hinos alegres, tem muita animação e tem a hora certa para todos falarem. Temos ministérios de canto, da palavra, etc..Sabe, eu não vejo diferença entre as igrejas.Também participo da católica. O que mais gosto da igreja católica é uma pessoa ajudando a outra. Somos convidados para visitar os jovens. Eu acho que isso incentiva muito, mesmo que alguns não vão e outros não aceitam. Nós sabemos que essa é nossa missão trazer outros jovens para dentro da igreja. (Welismar)

Um dos elementos que mais se destaca nas respostas dos jovens é o gosto pela música, certamente ela tem uma linguagem universal que estabelece uma relação de sentimentos mais presentes na vida do ser humano. É uma expressão tão profunda que ninguém pode ficar indiferente ao ouvir uma melodia.

Ela envolve, penetra, extrai das pessoas as expressões do momento atingindo de forma diferente a cada um, segundo suas vivências. “O ritmo musical pode dizer muita coisa para alguns e quase nada para outros” (Fernandez, e De Moraes, 2000, p. 58).

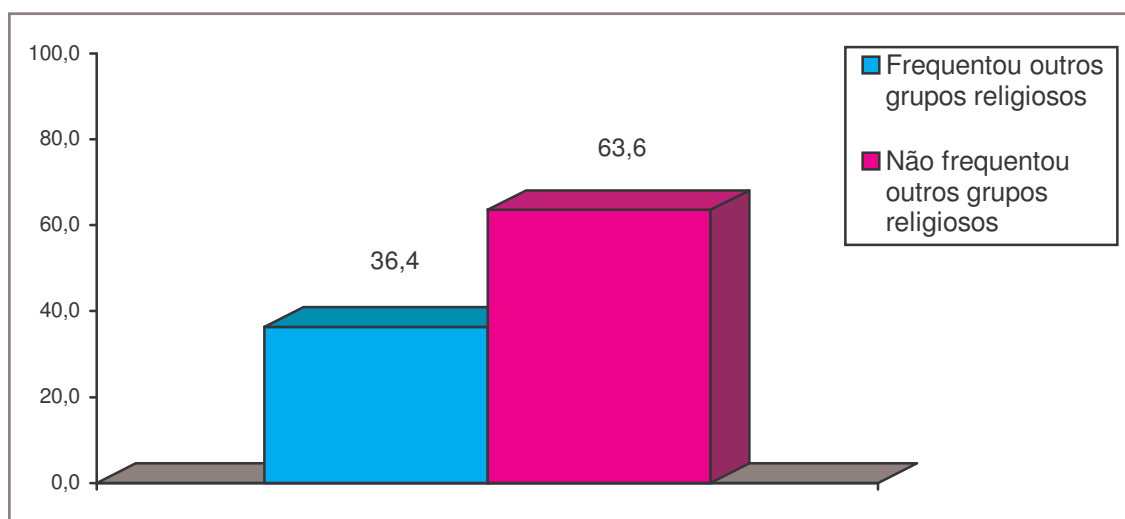
Ela provoca uma re-interpretação das intenções do autor segundo as emoções e os sentimentos suscitados no momento, cada um expressa do seu jeito os seus próprios estados emocionais, deixando ao indivíduo aberto para se expressar naturalmente até sua própria cultura. A música embora seja um elemento que desperta as emoções e os sentimentos, existe uma elaboração racional conjunta de escolha para estar em tal ou qual lugar. Por isso, este elemento é muito bem trabalhado pelas igrejas que priorizam a música para seus cultos e celebrações promovendo corais de jovens, que animem e se sintam membros ativos, com a finalidade de criar uma relação mais profunda de acordo com as expectativas dos próprios jovens.

Hoje, no Brasil, podemos constatar também a presença de “padres super star” que fazem show para milhares de pessoas, incentivando a abertura do coração para que Deus possa penetrar na sua vida e possa acontecer a libertação das ruindades que estão expostas na sociedade. Nos programas de Gugu, Ratinho e outros são apresentados padres fazendo exorcismos, como

também em lugares públicos são anunciados shows da música gospel⁴⁵, atraindo os jovens, já que esta música incentiva não só os sentimentos quanto os gestos, a maneira de se vestir, e de pentear, criando neles uma identidade própria e resgatando suas potencialidades, fazendo-os sentir muito bem. Isto constitui numa atração muito forte para os jovens.

No quadro 24 descreve-se o trânsito de passagem, através da participação dos jovens em outras confissões religiosas, representando 36,4% do total entrevistado.

24. Participação dos jovens em outros grupos religiosos



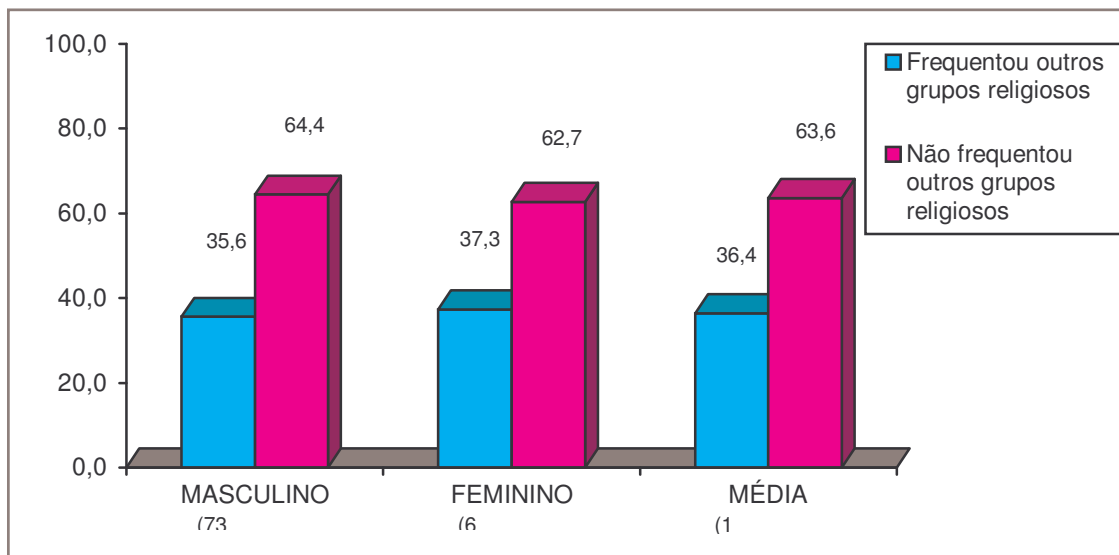
Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 139.

Com relação ao gênero no que diz respeito ao trânsito de passagem, pode-se constatar que tanto os jovens de sexo feminino como do sexo masculino, na média de freqüência a outros grupos religiosos, de passagem ou simultaneamente, representam um número significativo com relação aos que não freqüentam. Assim os jovens representam 35,6% e as jovens, 37,3%.

⁴⁵ Gospel, em inglês significa, evangelho, pelo que música gospel quer dizer música evangélica. Esta vai

25. Frequência a outros grupos religiosos, antes de pertencer ao atual grupo religioso por gênero.



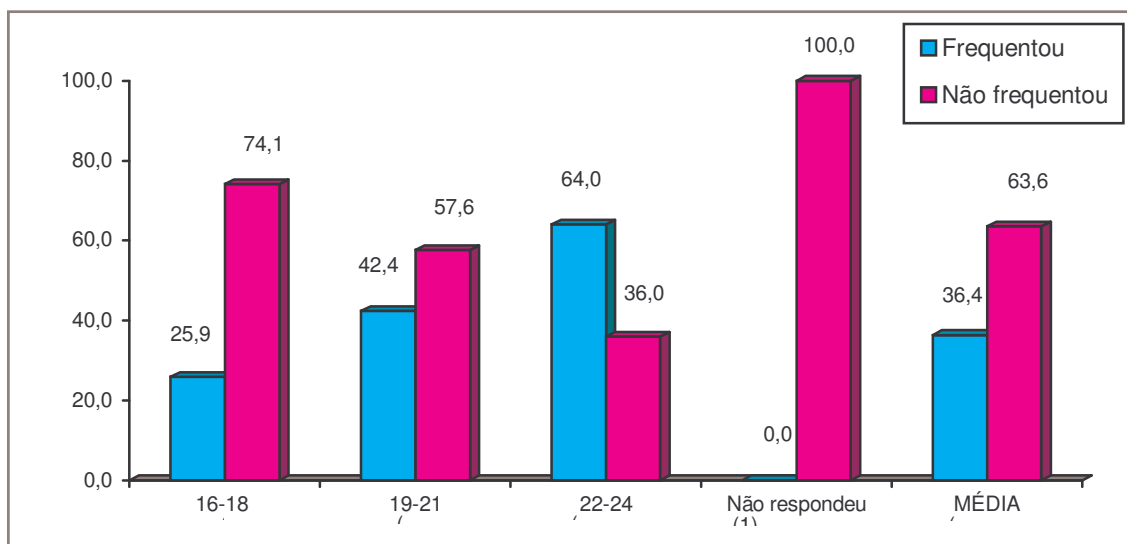
Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

No gráfico por faixa etária é mais fácil perceber que na faixa de 22-24 anos a porcentagem representa 64%, embora, isso não signifique que o maior número de jovens que transita esteja nesta faixa etária, devido a que, em valor absoluto, os jovens de 16-18 anos são os que realmente mais transitam, representando 21 jovens; para a faixa etária de 19-21 anos, 14 jovens e para os de 22-24 anos, 16 jovens.

São muitos os fatores que fazem acreditar que os jovens de 16 a 18 anos transitam mais. Levando-se em conta àqueles atributos da própria idade, percebe-se esse desejo de respostas dos jovens em relação a sua própria vida. Mas, para ser mais concretos, vê-se que a sua instabilidade faz mais rápida e passageira a passagem por outras confissões religiosas.

além de qualquer estilo, compreendendo todos eles, sempre que se refiram a exaltar o nome de Deus. Dentro da música gospel pode-se encontrar: Negro espiritual, jazz, rock, pop, melódico, latino, instrumental etc.

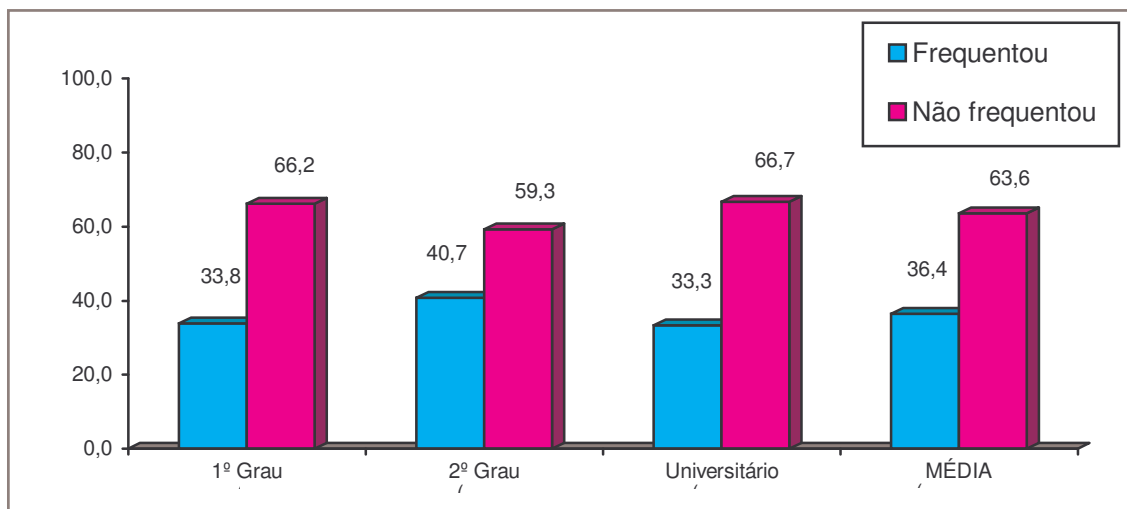
26. Frequência a Outros Grupos Religiosos antes de Pertencer ao Atual Grupo Religioso, por Faixa Etária.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

É importante destacar que, entre estes jovens que transitaram por outros grupos religiosos, a porcentagem dos que frequentam o segundo grau representam um percentual maior, embora como já foi dito no quadro anterior se tomássemos os valores absolutos para saber realmente a quantidade de jovens dos 140 entrevistados, podemos constatar que os que se encontram no primeiro grau, transitam mais.

27. Passagem por outros grupos Religiosos antes de Pertencer ao atual, por Grau de Escolaridade.

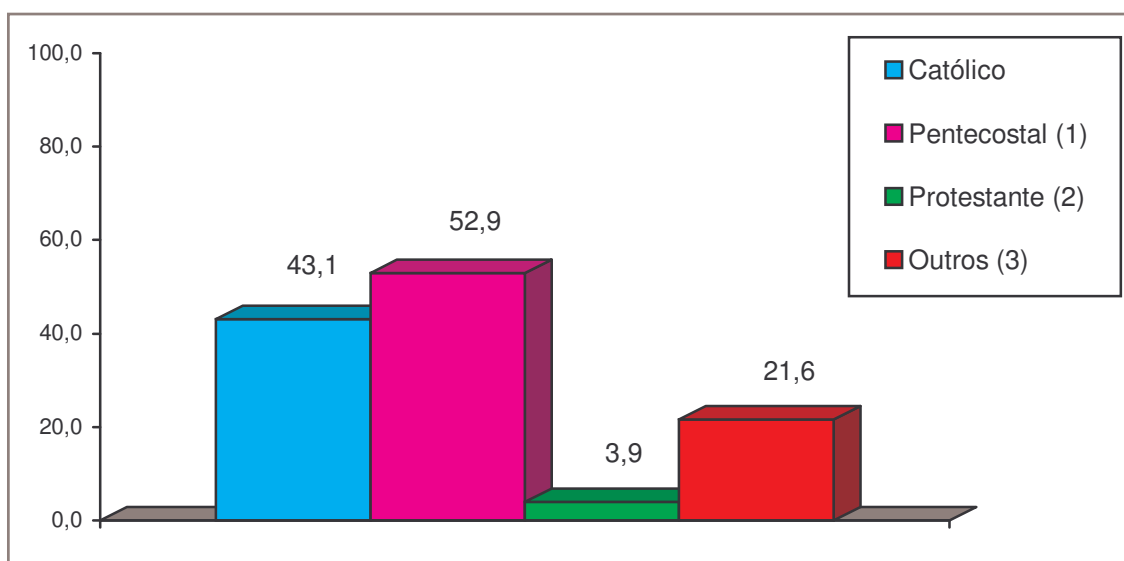


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002.

Concluindo, queremos dizer que o trânsito religioso nos jovens acontece de forma mais significativa entre os que passam pelo primeiro grau e na faixa etária de 16-18 anos.

Os jovens que têm transitado pela igreja católica representam 43,1%, mostrando que muitos jovens passam por ela, mas com pouca adesão, enquanto que para as igrejas pentecostais, a porcentagem representa 52,9%, deduzindo-se que estas igrejas são as mais visitadas. Já para as protestantes, é um número menor de 3,9% e para outros grupos, 21,6%.

28. Grupo Religioso que o Entrevistado Frequentou antes de Pertencer ao Atual Grupo

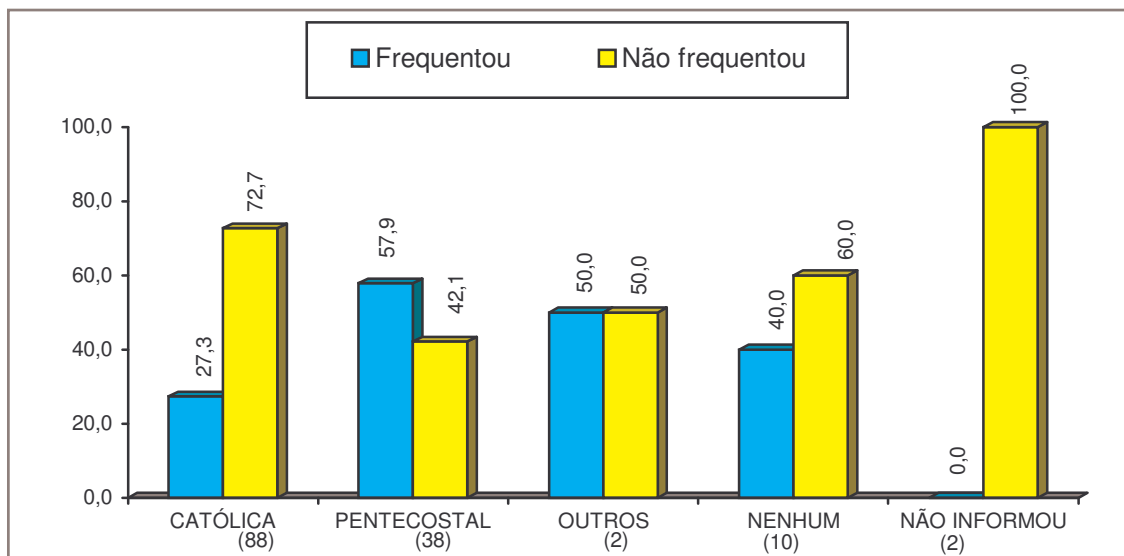


Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002

Amostra: 51

Para poder visualizar melhor os grupos frequentados, o gráfico a mostrar no gráfico 29 ajuda a compreender em porcentagem significativa o trânsito dos jovens pelas igrejas pentecostais.

29. Frequência a outros Grupos Religiosos antes de pertencer ao atual, por grupo religioso atual.



Fonte: Dados próprios da pesquisa 2002.

Observe-se também que nas pesquisas pode-se constatar que as igrejas se esforçam por envolver os jovens na liturgia, nos corais, nas atividades sociais e nos grupos de jovens que de alguma maneira lhes possibilitam um espaço de companheirismo com outros jovens. Os exemplos que serão citados nos mostram como alguns jovens visitaram outras igrejas, convidados pelos colegas, ou porque se sentiram escutados, ou porque gostaram. Boran afirma que o grupo é importante para o jovem, porque ele se identifica como jovem com outro jovem.

O grupo de jovens é um espaço importante para se liberar da família e de outros símbolos de autoridade que exercem influência significativa para seu próprio crescimento. Às vezes, exercem um controle maior que o da família. Quando enfrentam um problema, a primeira pessoa com quem conversam é outro jovem (1995 p. 202).

Estes grupos nem sempre são estáveis, mudam constantemente de membros que não têm uma participação ativa e engajada, mudam também porque eles não se fixam num grupo, porém o grupo sempre fica como um ponto

de referência dos amigos com quem podem partilhar sua vida, motivações, fé, dificuldades e medos existenciais.

Para os jovens, o grupo é também o espaço onde aprendem a se relacionar, a criar profundas e duradouras amizades. É o lugar onde aprendem a cultivar a realização pessoal e conviver com o outro (Boran, 1989), aprendem a escutar e colocar seus critérios, a criar e aprender em comunhão com os outros, mesmo que a decisão última seja individual, como se vê a seguir:

c) Jovens que passam por outras religiões (trânsito de passagem):

Sempre fui católica e hoje também, mas já participei da Igreja do véu. Senti-me um pouco atraída pelos cantos, pelos jovens e pela maneira deles pregarem a palavra de Deus, mas depois descobri que não tinha a ver nada comigo, porém quando algum parente tem alguma celebração em outra Igreja eu vou, acho que não tem nada não. Parece que a forma de rezar deles é diferente parece que tem mais fervor, não é igual a da católica, mas também não é por isso que deixo de gostar. Eu gosto muito de nossa Senhora e não poderia negá-la, isso me magoa dos crentes. Outra coisa que eu vejo na católica é que ela sempre está do lado dos pobres, e eu sou uma pessoa que gosta de ajudar aos que necessitam e gosto estar por dentro do que está acontecendo, não ficar só rezando para mim (Lourdes).

Eu já participei de outros cultos religiosos. Uma vez me convidaram para ir, eu disse que não, mas um dia passei na rua bem em frente da Igreja com minha amiga e escutamos os cantos bem animados, todos cantavam ficamos curiosas e em outro dia que me convidaram, fui e achei muito bom. Foi à igreja Assembléia, mas eu sou da igreja congregação (Alessandra).

Eu já participei de outras Igrejas, mas gostei da evangélica porque ao ouvir as palavras de uma pessoa evangélica me tocou e segui a vontade do meu coração, também na igreja estão meus amigos e, eu gosto deles. (Divino)

Eu participo da Igreja Católica, mas eu já fui crente há pouco tempo, eu gostei, e o que me motivou foi a vontade. (Ivonete)

Já participei de outras Igrejas. Da evangélica, igreja de Deus e da Assembléia. Minha tia me convidou para assistir um culto e ouvir a palavra de Deus. Motivou-me ouvir que, nós, jovens temos que pensar em nós mesmos e abrir nosso coração para Jesus, assim que eu fui para a igreja. Acho legal e os jovens que estão lá me acolheram e são legais. (Janaina).

3.5. Conclusão

Depois de ter abordado nos capítulos anteriores a realidade religiosa dos jovens de Itaberaí através das pesquisas e concluir confirmando nossa hipótese, gostaríamos confirmar que nas pesquisas realizadas aparecem especificamente os três tipos de trânsito religioso dos que nos referimos no primeiro capítulo: seja assumindo uma construção privada de seu “cosmo sagrado”, seja peregrinando entre diferentes opções religiosas, ou ainda conjugando tradições religiosas e seculares. Os elementos comuns que perpassam a experiência religiosa contemporânea são as dimensões: emocional, holística e terapêutica, manifestando-se diferentemente de acordo como sujeito e os contextos sócio-culturais.

As análises dessas dimensões abrem oportunidade para repensar, como já se afirmou, de um lado, transformações no âmbito das instituições religiosas e de outro, o processo de formação das identidades social e individual na cultura brasileira.

Apresentando os resultados dos quadros, pode-se mostrar, dentro da pesquisa, a variedade de expressões religiosas encontradas. Pode-se também constatar que, o trânsito religioso mais significativo entre os jovens de Itaberaí é o trânsito de passagem, alimentado certamente pela busca da própria identidade e

de anseios de felicidade e bem estar. Percebe-se também que esta passagem não é simples subjetividade; existe uma motivação, um convite, mas qualquer que seja a razão, existe uma elaboração racional para aceitar ou não e, mesmo que num primeiro momento se reaja por impulso, logo há a elaboração racional do acontecido. As decisões e escolhas são feitas com base no cálculo das alternativas disponíveis, buscando a maximização dos meios para o alcance das intenções do sujeito.

Como se vê o trânsito acontece nos parâmetros estabelecidos no primeiro capítulo, perpassando a pós-modernidade que oferece uma forma diferente de entender a vida. A falta de profundidade, o enfraquecimento da historicidade, um novo tipo de matiz emocional e o predomínio da tecnologia fazem parte da personalidade do jovem pós-moderno (Rector, 1996).

Também se constata uma nova espiritualidade, voltada para o particular; pondo relevância nas necessidades pessoais mais que as sociais. É a pessoa de Jesus o centro de sua espiritualidade, ele o salvador, o libertador que permite amenizar a própria vida, como diz Calavia (1985).

Ficou claro que o trânsito religioso vem acompanhado de fatores que ajudam os jovens a fazerem experiências significativas a nível pessoal. Na nova construção de valores, os jovens aprendem, numa visão mais ampla, formas e expressões diversas de crer, mas elaboram a sua própria com toda a mercadoria religiosa oferecida. As motivações são quase sempre motivações bem pessoais, individualistas as quais posteriormente se socializam, mesmo que não sejam duradouros, pelo menos constituem o ponto de referência em determinado momento. Como foi dito.

É lamentável constatar que nem sempre as propostas que as igrejas têm para os jovens são conhecidas por eles ou levadas a cabo por seus próprios membros de tal maneira que o trabalho com os jovens nem sempre é o melhor, desencantando a sua participação e levando-os à procura de lugares onde eles mesmos se encontrem e se sintam bem, fazendo uma escolha de acordo com o que procuram suscitando o trânsito religioso (nas três formas enunciadas: 1. O trânsito de pertença ou trânsito de mudança, 2. o trânsito pertencente ou trânsito de passagem e o trânsito do buscador ou trânsito duplo)⁴⁶ entre os jovens da Fernanda Park que apesar de viverem na periferia, o impacto da pós-modernidade os atingiu na sua vida pessoal, social, política e religiosa, tanto assim que a religião parece preencher certas lacunas e ânsias que a juventude vive, ocasionado pela sociedade (Carozzi e Frigerio, 1994). Ainda mais, o processo de secularização leva os jovens a se sentirem livres para poder viver suas próprias experiências, consentidas pela forma de ver e entender a vida. O pluralismo facilita a oferta e a demanda religiosa deixando ao livre alvedrio dos jovens para fazer suas escolhas.

⁴⁶ Cf. Duarte, Sandra, 2001.

BIBLIOGRAFIA

ACQUAVIVA, Stella. *L' eclissi del sacro nella civiltá industriale: dissacrazione e secolarizzazione nella societá industriale e postindustriale*. Milano: Comunitá, 1981.

_____ *Fine di una ideologia: la secularizzazione*. Roma: Borla, 1989.

AGNELO, Majella Geraldo (Dom) *Juventude, saúde e desenvolvimentos: juventude e religiosidade*. São Salvador da Bahia: 1999.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo da Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BASTIAN, Jean Pierre (ed). *Le devenir des protestantismes en Amérique Latine, Social Compass*, vol 39, nº3, september, 1992.

BAUMAN, Zigmunt: *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

BENEDITTE, Luis Roberto. *Propostas teóricas para entender o trânsito religioso*. São Paulo: s/n, 1994.

BERGER, Peter: *Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____ A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, 21 (1): 2001.

_____ *Rumor de Anjos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BORAN, Jorge. *A juventude: o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____ *El futuro tiene nombre: juventud*. Santa fé de Bogotá, Colômbia: Paulinas, 1995.

BRANDÃO Carlos. A crise das Instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA e ZICMA, *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CALAVIA, Miguel. *El sentido de Dios*. Madrid: Central Catequística Salesiana, 1985.

CAROZZI, María Julia y Alejandro Frigerio. Los estudios de la conversión a nuevos movimientos religiosos: perspectivas, métodos y hallazgos. In: Frigerio y Carozzi (orgs). *El estudio científico de la religión a fines del siglo XX*. Buenos Aires, CEAL, 1994.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói, intertexto, 2001.

CASTELLS, Manuel, *Globalización, identidad y Estado en América Latina*, Santiago de Chile: PNUD/ SEGPRES, 1999.

CONCILIUM, 91. n.1. 1974.

CHAMPION Françoise. Universo místico esotérico e crenças paralelas. *CEPAT Informa*, ano 8, n, 86, p.8, junho de 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL (CNBB) Área da Pastoral da Juventude no Brasil. Ed. Paulinas, 1986. N. 44.

DOCUMENTO BRASILEIRO em preparação ao congresso Latino americano de

jovens 1998, Brasil 1998.

DOCUMENTOS DA CONFERENCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL (CNBB), Documento da 23^a Assembléia Geral da CNBB. N. 33, Itaici, 1985.

_____ Diretrizes gerais da ação pastoral da igreja no Brasil, 1983-1986.

_____ Assembléia nacional da Pastoral da juventude: Projetos: PPE. 1.1 1991-1992.

DONNADIEU, Gerard. Modernidade. O êxodo da religião. Da heteronomia para a autonomia. Da religião para a democracia in: *CEPAT Informa*. Junho 1998. Ano 8, n. 86 p. 23.

DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio e EDGAR, Paulo. (orgs). *Desafios da globalização*. 3 a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude 1991-1992.

DUARTE, Sandra. Trânsito religioso e construções simbólicas contemporâneas: Uma bricolagem continua. *Estudos da Religião*, n.20, p.157-167, Janeiro a Junho. 2001.

DURKHEIM, Emile. *A divisão do trabalho social*. Barcelona: Planeta-Agostim, 1989.

ECO, Umberto.. *Pós-escrito ao nome da rosa*. Rio de Janeiro. Nova fronteira 1985.

FERNÁNDES, Antonio Luis; MORAIS, Solange Ferro SSD. *Comunicarte: Nova abordagem na Pastoral da Juventude*. São Paulo: s/e, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1992.

GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GONZÁLEZ Fausto, José Ignacio, *Desafio da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1996.

GUIZZARDI, Gustavo; STELLA, Renato. "Teorias da secularização". *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2000..

HERRERO, Francisco. *Filosofia da Religião e a crise da fé: dialética do sagrado cristão*. *Síntese* 1985 n.35, p.18.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *Verso um nuovo Cristianesimo?* Introduzione alla sociologia del Cristianesimo occidentale. Queriniana. Brescia. 1989.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.) *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUCKMANN, Thomas. *La religione invisibile*. Bologna: Il Mulino, 1969.

LUHMANN, Niklas. *Religião institucionalizada segundo a sociologia funcional*.

MARIZ, Cecilia Loreto y María das Dores Campos Machado, (1998), "Changements récents dans le champ religieux brésilien", **Social Compass**, Vol. 45 (3), pp. 359-378.

MARTELLI Stefano. *A Religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MEDELLIN, II Conferencia geral do Episcopado latino-americano: São Paulo. Paulinas, 1987.

MOREIRA, Antonio da Silva. *Dossiê de Goiás*. Ministério da Cultura, Goiânia, 1992.

ORO, Ari Pedro. *Modernas Formas de Crer*. Petrópolis/RJ, *Revista Eclesiástica Brasileira*, março 1997 fasc. 225.

ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Organizadores), *Globalização e religião*, Petrópolis. Vozes, 1997.

PARKER G, Cristián. *Religião Popular e modernização capitalista*, Petrópolis: Vozes, 1996.

PINHEIRO, Edmundo de Abreu. *Currallinho seus costumes e sua gente*. Goiânia: Oriente. 1978.

PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e Família: transformação de uma ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

PUEBLA, *Evangelização no presente e no futuro de América Latina*. Texto Oficial: São Paulo: Paulinas, 1979.

RECTOR, Mônica. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RENA, Luis Carlos. *Sexualidade e adolescência: as oficinas como práticas pedagógicas autênticas*: Goiânia, s/e, 2001.

RISCONE *Giovanni, la secularizzazione*. Firenze: Vallecchi. 1969.

ROLIM, Francisco Cartaxo. A propósito do Trânsito religioso: A dança do Sincretismo. *Comunicação do Iser*, 1994 n. 45. ano 13.

_____ *Dicotomias Religiosas*. Ensaios de sociologia da religião. Vozes, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. Trad. Lisboa: Europa-América, 1990.

SANTO DOMINGO. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1993.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHINDLER, Norbert. *Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEJ-CELAM. *Asesoría y acompañamiento en la pastoral juvenil*. Santa-fé de Bogotá/ Colômbia: s/e, 1994.

STARK Rodney. *Acts of faith*. EUA, s/e, 2000.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

VATTIMO, Gianni. O fim da Modernidade. Nihilismo e hermenêutica, na cultura pós-moderna. São Paulo, Martins fontes, 1996, c. IV.

VIER, Federico (org). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*; Petrópolis: Vozes, 2000.

WACH, Joachim. *Types of Religions Experience, Christian and Non-Christian*. Chicago: Un. Chicago, 1951.

WEBER, Marx, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____ *Economia e Sociedade*. Brasília: UnB, 2000.

WILSON Braian, *La religione nel mundo contemporaneo*. Bologna: Il Mulino, 1996.

_____ *Religiões do mundo*. Lisboa: edições, 70. 1999.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ANEXO

QÜESTIONÁRIO

1. SEXO

1) Feminino _____ 2) Masculino _____

2. IDADE _____

3. ESTUDA

1) Sim _____ 2) Não _____

Instrução atual _____

4. TRABALHA

1) Sim _____ 2) Não _____

O que faz? _____

5. HÁ QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE?

6. DE ONDE VEIO?

1) rural _____ 2) urbana _____

lugar _____

7. PROFISSÃO DO CHEFE DE FAMILIA

8. EM QUE RELIGIÃO RECEBEU EDUCAÇÃO?

Continua nela?

Sim _____ Não _____

Porquê? _____

9. QUAL O GRUPO RELIGIOSO QUE FREQUENTA ATUALMENTE?

Por quê motivo? _____

10. JÁ FREQUENTOU OUTROS GRUPOS RELIGIOSOS ANTES DO ATUAL?

1) Sim _____ 2) Não _____

Quais _____

11. QUAL O MOTIVO POR TER SAIDO DELES?

12. QUAL A RELIGIÃO ATUAL DE SUA FAMILIA?

Mãe (Avó) _____

Pai (Avo) _____

Irmão _____

Irmã _____

PESQUISAS

Você participou de outros cultos religiosos, por quê, que coisas o motivaram?

Que acha você da proposta da Igreja para os jovens? Quais são?

Você já participou de algum movimento religioso, social ou político? Qual?

